



CHARLES
DICKENS

UM CÂNTICO DE NATAL

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS-INGLÊS



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





CHARLES
DICKENS

UM CÂNTICO DE NATAL

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS-INGLÊS



CHARLES DICKENS
UM CÂNTICO DE NATAL
EM PROSA COMPOSTO POR
UMA HISTÓRIA DE FANTASMAS SOBRE O NATAL

EDIÇÃO BILÍNGUE PORTUGUÊS - INGLÊS

PRIMEIRA PUBLICAÇÃO
CHAPMAN & HALL PUBLISHING HOUSE

186, STRAND, LONDRES

19 DE DEZEMBRO DE 1843



EDITORA LANDMARK

PREFÁCIO

PRIMEIRO MOVIMENTO

SEGUNDO MOVIMENTO

TERCEIRO MOVIMENTO

QUARTO MOVIMENTO

QUINTO MOVIMENTO

PREFACE

STAVE ONE

STAVE TWO

STAVE THREE

STAVE FOUR

STAVE FIVE

CHARLES DICKENS

COPYRIGHT © 2010 BY EDITORA LANDMARK LTDA.
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS À EDITORA LANDMARK LTDA.
ADAPTADO À NOVA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA,
DECRETO N. 6.583, DE 29 DE SETEMBRO DE 2008

Primeira edição: A CHRISTMAS CAROL, CHAPMAN & HALL PUBLISHING
HOUSE. LONDRES, 19 DE DEZEMBRO DE 1843.

DIRETOR EDITORIAL: FABIO CYRINO
DIAGRAMAÇÃO E CAPA: ARQUÉTIPO DESIGN+COMUNICAÇÃO
TRADUÇÃO E NOTAS: FABIO CYRINO
REVISÃO: RODRIGO FRAGELLI

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, CBL, SP, BRASIL)

DICKENS, CHARLES (1812-1870)
UM CÂNTICO DE NATAL = A CHRISTMAS CAROL-
CHARLES DICKENS; {tradução e notas FABIO CYRINO}
SÃO PAULO : EDITORA LANDMARK, 2010.

EDIÇÃO BILÍNGUE : PORTUGUÊS / INGLÊS
ISBN 978-85-88781-48-1
e-ISBN 978-85-88781-64-1

1. FICÇÃO INGLESA. I. TÍTULO. II. TÍTULO: A CHRISTMAS CAROL
10-08631 / CDD - 823

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. FICÇÃO: LITERATURA INGLESA / 823

Textos originais em inglês de domínio público. Reservados todos os direitos desta
tradução e produção.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida através de qualquer método,

nem ser distribuída e/ou armazenada em seu todo ou em partes através de meios eletrônicos, sem permissão expressa da Editora Landmark, conforme Lei n° 9610, de 19/02/1998.

EDITORALANDMARK

Rua Alfredo Pujol, 285 - 12° andar - Santana

02017-010 - São Paulo - SP

Tel.: +55 (11) 2711-2566 / 2950-9095

E-mail: editora@editoralandmark.com.br

WWW.EDITORALANDMARK.COM.BR

Impresso em São Paulo, SP, Brasil

Printed in Brazil

2010

PREFÁCIO

ESFORCEI-ME na criação deste livrinho de fantasmas para dar forma ao Fantasma de uma Ideia que não tirará o humor dos meus leitores, nem com eles mesmos, nem uns com os outros, nem com a época do ano, ou mesmo comigo. Que este livrinho possa assombrar-lhe suas casas agradavelmente e que ninguém deseje parar de lê-lo.

De seu servo mais amigo e fiel,

C.D.

Dezembro de 1843.

PRIMEIRO MOVIMENTO

O Fantasma de Marley

MARLEY estava morto: para início de conversa. Não havia dúvida nenhuma quanto a isso. O registro de seu sepultamento foi assinado pelo pároco, o cartorário, o cozeiro e o chefe da funerária. Scrooge também o assinou. E o nome de Scrooge era um nome de muito valor, de acordo com o que dizia a Bolsa de Valores, principalmente aonde ele fosse fazer algum negócio. Portanto, o velho Marley estava morto, vestindo o terno de madeira.

Oras! Eu não quero dizer com isso que sei exatamente, e pelos meios por mim conhecidos, quando alguém está realmente morto. Eu posso, de fato, reconhecer um esquife como uma das peças mais lúgubre que existem nos meios comerciais. Mas a sabedoria dos nossos ancestrais tem sido a mesma desde então, e minhas mãos pecadoras não poderiam perturbar os mortos ou as autoridades que me perturbariam. Deste modo, vocês poderiam me permitir repetir, enfaticamente, que Marley estava mortinho da silva.

Scrooge sabia que ele estava morto? Claro que ele sabia. Como poderia ser de outro modo? Scrooge e ele tinham sido sócios por muitos e muitos anos. Scrooge era seu inventariante, seu único administrador, sua testemunha, seu único procurador, seu único amigo e a única pessoa a comparecer ao seu funeral para velá-lo. E mesmo que Scrooge não estivesse tão comovido pelos tristes acontecimentos, mostrou ser realmente um excelente homem de negócios, mesmo no dia do funeral, contratando as cerimônias e conseguindo um excelente desconto.

A menção ao funeral de Marley trouxe-nos de volta ao ponto em que comecei. Não há dúvida alguma de que Marley estava morto. Isto deve ficar perfeitamente entendido ou não se compreenderá as maravilhas desta história que estou pronto a narrar. Se nós não estivéssemos perfeitamente convencidos de que o pai de Hamlet estava morto antes mesmo da peça se iniciar, não haveria nada de espetacular em se dar uma volta à noite, sob a brisa do vento leste, sobre as suas muralhas de proteção; nada muito diverso do que faria qualquer outro cavalheiro de meia-idade que imprudentemente saísse na escuridão do sereno da noite – talvez perto do pátio da Igreja de São Paulo – para atormentar com grande precisão a mente fraca de seu filho.

Scrooge não tinha mandado retirar o nome do velho Marley. Estava ainda lá, bem em cima da porta do armazém: SCROOGE & MARLEY. A firma era conhecida como Scrooge & Marley. Às vezes, as pessoas se dirigiam ao senhor Scrooge, chamando-o de Scrooge, e algumas vezes chamando-o de Marley, mas ele sempre atendia pelos dois nomes. Era a mesma coisa para ele, afinal.

Oh! Mas Scrooge era um unha-de-fome, um sovina, isso sim! Um velho pecador ambicioso, duro, violento, invejoso, cobiçoso e resmungão! Duro e frio como uma pedra que nunca foi maculada pelo fogo generoso, nenhuma vez reservado, contido e solitário como uma ostra. A frieza dentro dele congelou suas expressões, entortando seu nariz aquilino, enrugando suas bochechas, endurecendo seus movimentos. Tornou os seus olhos vermelhos, seus lábios finos, azulados, e recheou sua voz áspera com sagacidade. Uma rima congelada cobria sua cabeça e suas sobrelhas, assim como o seu queixo endurecido. E ele sempre carregava consigo essa temperatura baixa: nos dias quentes de verão ele congelava completamente o seu escritório, e não aumentava um grau sequer na época do Natal.

O calor e o frio externo tinham pouca influência sobre Scrooge. Nenhum mormaço conseguia aquecê-lo, nem nenhuma friagem o congelava. Nenhuma ventania era tão amarga quanto ele, nem a neve que cai era tão convicta de seus propósitos, nem a chuva que caía era capaz de ser-lhe sensível. As mudanças do tempo não eram percebidas por ele. Nem a chuva mais forte, a neve, o granizo e o temporal conseguiam tirar alguma vantagem sobre ele ou sobre os seus propósitos. Eles às vezes caíam tão maravilhosamente, e mesmo assim Scrooge nem percebia.

Ninguém o parava na rua para dizer-lhe, com simpatia, “Meu caro Scrooge, como você está? Quando você virá visitar-me?”. Nem os mendigos lhe imploravam por um trocado, nem as crianças lhe perguntavam as horas, nem tão pouco, nenhum homem ou mulher, em toda a sua vida, sequer lhe perguntou como se chegava a algum lugar. Mesmo os cães-guias dos cegos pareciam lhe conhecer, e quando eles viam que este se aproximava, puxavam os seus donos para os vãos da porta e para os pátios internos, agitando suas caldas como a dizer, “nenhum olho é tão bom quanto o olho do mal, mestre das trevas!”.

Mas quais eram as coisas que importavam a Scrooge? Havia poucas coisas que ele realmente gostava. Para manter seu avançar nas ruas lotadas da vida, ele mantinha afastado toda sorte de simpatia humana, o que todo mundo sabia que realmente enlouquecia Scrooge.

Uma vez – de todos os bons dias que existem no ano, em uma véspera de Natal – o velho Scrooge se sentou em seu escritório, como sempre ocupado. Estava um frio cortante, congelador e agudo: havia muita neblina também, e podia-se ouvir o povo passando pela praça, respirando com dificuldade, guardando as suas mãos junto de seus peitos, e batendo os pés no chão de pedra para aquecê-los. O relógio da cidade acabara de marcar três horas, e já estava escuro; aliás, o dia todo estava escuro e as velas reluziam pelas janelas dos escritórios vizinhos como uma mancha avermelhada na densa e escura atmosfera. A neblina ia entrando por cada fresta e buraco de fechadura e estava tão densa, que embora a praça não fosse muito grande, as casas do outro lado dela pareciam meras assombrações. Para se ter uma ideia, aquela nuvem escura e suja ia descendo e obscurecendo tudo, que se podia pensar que a Natureza vivia com grande dificuldade e até que estava moribunda em uma escala maior[1].

A porta do escritório de Scrooge estava aberta para que ele pudesse ficar de olho em seu escritório, que estava copiando algumas cartas em uma triste mesinha mais abaixo, em um tipo de cubículo. Scrooge tinha perto dele um pequeno fogão aceso, mas o fogo próximo do escritório era tão menor que parecia que só havia uma pedra de carvão ali. Mas mesmo assim ele não podia enchê-lo, pois Scrooge mantinha a caixa de carvão em sua sala, e seguramente se o funcionário aparecesse com sua pá por ali, o patrão poderia entender que talvez fosse necessário substituí-lo. Por causa disso, o escritório colocava uma manta branca de lã sobre os ombros e tentava se aquecer, perto da vela, mas não sendo um homem de grande imaginação, nada conseguia.

“Um feliz Natal, tio! Deus o abençoe!”, gritou uma voz animada. Era a voz do sobrinho de Scrooge que tinha aparecido tão de repente que mais parecia ser uma intimação do que uma aproximação de fato.

“Bah”, disse Scrooge, “Embusteiro!”.

Ele tinha se aquecido tanto com o seu rápido caminhar no meio da neblina e da friagem que o sobrinho de Scrooge estava todo suado; seu rosto era rosado e bonito; seus olhos brilhavam e sua respiração era morna.

“Tio, o Natal? Coisa de embusteiro?”, disse o sobrinho de Scrooge. “Eu não acredito nisso, tenho certeza”.

“Eu acredito”, disse Scrooge. “Feliz Natal! Que direito ele tem de ser feliz? Qual o motivo que você tem para ser feliz? Você é muito pobre”.

“Do mesmo modo, então”, respondeu alegremente o sobrinho. “Que direito você tem de ser tão lúgubre? Qual o motivo que você tem para ser rabugento? Você é muito rico”.

Scrooge não tendo uma resposta melhor para dar naquele momento, disse, “Bah!” novamente, e logo depois completou com um “Embusteiro!”.

“Não fique nervoso, tio”, disse o sobrinho.

“E de que modo eu posso ficar”, respondeu o tio, “quando eu vivo em um mundo de tolos, tão tolos quanto este Feliz Natal! Sumam com esse Feliz Natal. O que é a época do Natal a não ser uma época de contas a serem pagas sem dinheiro; um tempo para se descobrir um ano mais velho e nem uma hora mais rico; um tempo de se fazer o balanço de seus livros e, depois de lançar todos os itens neles, ao longo dos doze meses completos, se descobrir completamente morto? Se eu pudesse não parava de trabalhar”, disse Scrooge cheio de indignidade, “todo idiota que aparece com um ‘Feliz Natal’ nos lábios, deveria ser cozido junto com o seu próprio cozido, e enterrado com uma estaca atravessando o seu coração. Isso é que deveria ser feito!”.

“Tio!”, implorou o sobrinho.

“Sobrinho!”, replicou o tio, severamente, “deixe o Natal do seu modo, e deixe-me tê-lo do meu modo”.

“Tê-lo?”, repetiu o sobrinho de Scrooge. “Mas você não o tem”.

“Deixe-me em paz então”, disse Scrooge. “Isso pode fazer muito bem a você! Pode fazer muito bem a você, de fato!”.

“Há muitas coisas que eu posso fazer que de fato não me dão lucro algum, ousou dizer”, respondeu o sobrinho, “Natal está entre elas. Mas eu tenho certeza de que sempre penso na época do Natal quando ele está chegando como uma época boa – à parte da devida veneração à sua origem e aos nomes sagrados, se alguma coisa relacionada a isso pode ser colocada à parte –: um tempo de perdão, caridade e prazer únicos; a única época que conheço ao longo do calendário do ano quando homens e mulheres parecem consentir abrir livremente os seus corações que se encontram fechados, e pensar nas pessoas como sendo companheiros numa longa jornada até o túmulo e não como uma outra raça de criaturas cheias de orgulhos em seus caminhos. E embora, tio, você pense que nunca um pedaço de ouro ou prata já esteve em meu bolso, eu acredito realmente que tudo isso tem me feito ser bom e sempre me fará ser bom; e tenho dito, Deus o abençoe!”.

O funcionário em sua escrivania aplaudiu, involuntariamente, mas imediatamente, percebendo-se da impropriedade cometida, começou a mexer no fogo e extinguiu o último fragmento de brasa para sempre.

“Deixe-me ouvir mais um som sequer de você”, disse Scrooge “e você culpará o Natal por perder sua situação atual. Você é um orador poderoso, meu caro”, completou, virando-se para seu sobrinho. “Não imagino o porquê de você não estar no Parlamento”.

“Não se zangue, tio. Venha! Jante conosco amanhã”.

Scrooge disse que ele o veria – sim, de fato ele o veria. Ele percorreu por completo toda a expressão de seu rosto e disse que ele o veria se fosse possível.

“Mas por quê?”, gritou o sobrinho de Scrooge. “Por quê?”

“Por que você se casou?”, disse Scrooge.

“Porque eu me apaixonei”.

“Porque você se apaixonou!”, resmungou Scrooge, como se aquilo fosse a única coisa no mundo mais ridícula do que um ‘feliz Natal’. “Boa tarde!”

“Não, tio, mas você veio me ver antes disso ter acontecido. Por qual razão você não virá agora?”

“Boa tarde”, disse Scrooge.

“Eu nada quero de você. Eu nada peço a você; por que não podermos ser amigos?”

“Boa tarde”, disse Scrooge.

“Eu sinto muito, de todo o meu coração, encontrá-lo tão resoluto. Nós nunca tivemos problema algum entre nós, para que eu tomasse partido. Mas eu decidi fazer nenhum julgamento em homenagem ao Natal e manterei o meu espírito natalino, apesar de tudo. Então, Um Feliz Natal, tio!”

“Boa tarde”, disse Scrooge.

“E um Feliz Ano Novo!”

“Boa tarde”, repetiu Scrooge.

Seu sobrinho deixou a sala sem uma palavra exaltada, apesar de tudo. Ele parou na porta de saída para desejar boas-festas ao funcionário, que congelado como estava, ainda assim estava mais amistoso que Scrooge e desejou-lhe o mesmo cordialmente.

“Lá está outro camarada”, murmurou Scrooge, e completou dando uma olhada para ele, “meu funcionário, com quinze xelins por semana, uma esposa e família, desejando um Feliz Natal. Isto está parecendo a casa de loucos de Nossa Senhora de Belém”[2].

Este lunático, ao deixar o sobrinho de Scrooge sair, deixou duas outras pessoas entrarem. Eles eram distintos cavalheiros, agradáveis de se ver, e estavam agora sem os seus chapéus, no escritório de Scrooge. Eles tinham livros e papéis em suas mãos, e o saudaram com reverência.

“Scrooge & Marley, eu creio”, disse um dos cavalheiros, referindo a sua lista. “Temos o prazer de nos dirigir ao senhor Scrooge, ou ao senhor Marley?”

“Senhor Marley faleceu há sete anos”, Scrooge respondeu. “Ele morreu há sete anos, exatamente nesta mesma noite”.

“Não temos dúvida de que sua sociedade está bem representada pela parte sobrevivente”, disse o cavalheiro, apresentando os seus cumprimentos.

De fato era verdade, pois eles eram, de certo modo, almas semelhantes. Ao se mencionar a palavra “sociedade”, Scrooge franziu suas sobrancelhas e concordou com a cabeça, devolvendo os cumprimentos.

“Nesta época do ano tão festiva, senhor Scrooge”, disse o cavalheiro, pegando uma pena, “é mais do que desejável que nós deveríamos providenciar uma leve provisão para os pobres e destituídos, que sofrem enormemente nos dias atuais. Muitos milhares são desejosos das necessidades mais comuns; centenas de milhares são desejosos dos confortos mais corriqueiros, meu senhor”.

“Não há prisões suficientes?”, perguntou Scrooge.

“Há muitas prisões”, disse o cavalheiro, abaixando a pena novamente.

“E os abrigos dos sindicatos?”, questionou Scrooge. “Eles ainda estão funcionando?”.

“Sim, eles ainda estão”, respondeu o cavalheiro, “Apesar de desejar poder dizer que eles não estivessem”.

“A Roda de Treadmill e a Lei dos Pobres estão ainda em vigor”, disse Scrooge.

“Ambos estão em pleno funcionamento, senhor”.

“Oh! Eu temia pelo que você havia me dito antes que algo houvesse

ocorrido e paralisado esses serviços tão úteis”, disse Scrooge. “Fico feliz de ouvi-lo”.

“Sob a impressão de que eles dificilmente têm acesso à caridade cristã de corpo e mente às multidões”, respondeu o cavaleiro, “alguns de nós estão comprometidos a levantar um fundo para comprar para os pobres um pouco de comida e bebida, além de abrigo. Nós escolhemos essa época, pois é tempo, como todos os outros, quando a Necessidade realmente é sentida e a Abundância se regozija. Quanto eu poderia colocar para o senhor?”.

“Nada!”, respondeu Scrooge.

“O senhor deseja permanecer no anonimato?”

“Eu desejo ficar sozinho”, disse Scrooge. “E uma vez que vocês me perguntaram, cavaleiros, esta é a minha resposta. Eu não torno nem o meu próprio Natal feliz e não posso apoiar aqueles que tornam os de outras pessoas felizes. Eu contribuo para a manutenção dos estados das coisas, se puderem me permitir dizer: eles custam muito e aqueles que estão em má-situação devem ir para lá”.

“Muitos não querem ir para lá e muitos outros achariam melhor morrer”.

“Se eles preferem morrer”, disse Scrooge, “seria melhor que o fizessem e com isso se diminuiria a super população. Além do mais – com minhas desculpas – eu não importo com isso”.

“Mas deveria se importar...”, observou o cavaleiro.

“Isso não me diz respeito”, Scrooge respondeu. “Já é suficiente para um homem entender do seu próprio negócio e não interferir com o negócio dos outros. Os meus me ocupam constantemente. Boa tarde, cavaleiros!”

Vendo claramente que seria inútil argumentar contra aquele ponto, os cavaleiros se retiraram. Scrooge voltou às suas tarefas com uma opinião aprimorada dele mesmo, e com um temperamento ainda mais irônico do que usualmente ele possuía.

Enquanto isso a neblina e a escuridão aumentavam tanto, que as pessoas corriam todas amontoadas, indo para onde eram oferecidos os serviços diante dos cavalos nas carruagens e conduzindo-as para o seu caminho. A antiga torre de uma igreja, cujo ruído do velho sino sempre fazia com que Scrooge desse uma espiadela através de uma janela gótica na parede, tornou-se invisível, e o bater das horas e quarto de horas vindo das nuvens, com suas aterrorizantes vibrações que se tornariam como o bater de dentes mais tarde rangiam sobre suas cabeças. O frio ficou intenso. Na rua principal, na esquina da praça, alguns trabalhadores que estavam reparando os lâmpões de gás ascenderam um grande braseiro, entorno do qual um grupo de homens e garotos rudes estava encolhido, aquecendo suas mãos e esfregando os seus olhos diante da chama alta. A fonte de água era deixada sozinha, sua bacia d'água tristemente congelando-se, e transformando-se no gelo odioso. A claridade das lojas onde os ramos de

guirlandas e framboesas crepitavam junto aos lampiões das janelas, deixando o rosto pálido das pessoas que ali passavam avermelhados. Os granjeiros e confeitores doceiros viviam uma esplendida diversão: uma gloriosa apresentação com a qual era praticamente impossível acreditar que poderia ser perturbada com os estúpidos princípios de barganha e venda. O Lorde Prefeito, acastelado na poderosa Mansion House [3], deu ordens para que os seus cinquenta cozinheiros e mordomos fizessem um Natal tão digno quanto a residência do Lorde Prefeito merecia, e mesmo o pequeno alfaiate, que tinha tirado cinco xelins na segunda-feira anterior da sua costumeira bebedeira destinada a matar sua sede interminável, garantindo o pudim do dia seguinte na sua choupana, enquanto sua esposa emagrecida e seu filhinho saíam conseguir comprar um pouco de carne.

Cada vez mais enevoado e frio! Um frio cortante, penetrante e amargo. Se o bom São Dunstan [4] tivesse beliscado o nariz do Diabo com o toque deste frio, ao invés de usar suas armas costumeiras, ele teria atingido mais rápido os seus propósitos. O dono de um jovem e aquilino nariz, atormentado e remoido pelo frio faminto, do mesmo modo que os ossos são devorados pelos cães, parou diante da fechadura de Scrooge para alegrá-lo com um cântico de Natal, mas ao primeiro som de...

*“DEUS O ABENÇOE, GENTIL CAVALHEIRO!
E QUE NADA POSSA ATORMENTÁ-LO!”*

Scrooge agitou o seu bastão com tamanha veemência que o cantor fugiu cheio de terror, deixando apenas a névoa cinzenta e um frio ainda mais cortante diante da fechadura dele.

Por fim, a hora de encerrar as atividades da contabilidade finalmente chegou. Com má vontade, Scrooge desceu do seu banquinho, e silenciosamente admitiu o fato para o seu funcionário esperançoso, em sua baia, que instantaneamente soprou a sua vela e colocou o seu chapéu.

“Suponho, que você queira o dia todo de folga amanhã!” disse Scrooge.

“Se o senhor julgar conveniente”.

“Não é conveniente”, disse Scrooge, “e também não é justo. Se eu fosse lhe descontar meia coroa por isso, você se sentiria explorado, não estou certo?”.

O funcionário sorriu sem graça.

“E ainda mais”, disse Scrooge, “você não acredita estar me explorando, quando eu lhe pago um dia de salário por nenhum trabalho realizado”.

O funcionário disse que aquilo só ocorria uma vez por ano.

“Uma desculpa boba para assaltar o bolso dos homens a cada vinte e cinco de dezembro!”, disse Scrooge, abotoando o seu sobretudo até a altura do queixo. “Mas, suponho que você queira o dia todo de folga. Esteja aqui no dia seguinte, logo pela manhã!”

O funcionário prometeu que assim o faria; e Scrooge retirou-se com um grunhido. O escritório foi fechado em um piscar de olhos, e o funcionário, com as longas extremidades de seu longo xale branco de lã, descendo até a sua cintura (pois ele não podia se valer de nenhum sobretudo), escorregou pela ladeira de Cornhill, até chegar a um grupo de meninos, umas vinte vezes, uma vez que era a véspera de Natal, e logo depois, correu para casa em Camden Town o mais rápido que podia, para brincar de cabra-cega.

Scrooge tomou sua melancólica ceia em sua melancólica taverna costumeira; e depois de ler todos os jornais e se divertido o resto da noite com o seu livro-caixa, foi para casa dormir. Ele vivia nos aposentos que já tinham pertencido ao seu falecido sócio. Eles eram uma sequência melancólica de quartos, agrupados em um edifício baixo, construído em torno de um pátio, aparentando tão pouca importância, que podia se dizer que este se escondeu lá quando era ainda uma casinha, brincando de esconde-esconde com outras casas, e que acabou se esquecendo de como sair de lá. Agora ele era muito velho e muito sombrio, pois ninguém vivia ali além do próprio Scrooge, e todos os demais quartos eram usados como escritórios. O pátio estava tão escuro que mesmo Scrooge, que conhecia a posição de cada pedra dele, teve que tatear com as mãos. A neblina e o sereno se apoderaram tanto do velho portão enegrecido da casa, que parecia que o Senhor do Tempo havia se sentado em seus umbrais para meditar.

Agora, era notório que não havia nada de particular sobre o batedor da porta, exceto que ele era muito grande. E também era um fato que Scrooge o encarava, toda noite e toda manhã, durante todo o período em que morou naquele lugar; e que também Scrooge tinha pouco a se impressionar sobre ele, do mesmo modo que todo homem na Cidade de Londres, mesmo incluindo-se – de um modo muito audacioso – a guarda, o conselheiro da cidade e o cavaliário. Também passou pela cabeça de Scrooge que ele não havia pensado um minuto sequer em Marley, desde sua última menção ao seu falecido sócio, feita naquela tarde sete anos antes. E deste modo que alguém venha me explicar, como se isso fosse possível, como aconteceu de Scrooge, ao colocar a chave na fechadura da porta, ter visto no batedor, sem ter experimentado nenhuma processo intermediário de mudança, não um batedor, mas sim o rosto de Marley.

O rosto de Marley não era uma sombra impenetrável como os outros objetos que se encontravam no pátio, mas sim, possuía uma luz sombria sobre ele, como uma lagosta estragada em uma taverna escura. Não demonstrava raiva ou ferocidade, mas olhava para Scrooge do mesmo modo que sempre olhou: com seus fantasmagóricos óculos colocados sobre sua fantasmagórica testa. O cabelo se movia curiosamente, como se houvesse um golpe de ar ou vento; e embora os olhos estivessem bem abertos, eles permaneciam completamente sem movimento. Tudo isso, e sua cor esbranquiçada, tornavam-no horrendo; mas este horror parecia estar, apesar de seu rosto, além de seu controle e particularmente além de sua própria expressão.

Assim que Scrooge fixou os seus olhos neste fenômeno, ele se

transformou novamente em um batedor.

Dizer que ele não se alterou, ou que seu sangue não estava ciente daquela terrível sensação que jamais sentira desde sua infância, seria uma inverdade. Mas ele colocou sua mão sobre a chave que havia largado, virou-a rapidamente, entrou na casa e acendeu sua vela.

Ele *de fato* parou, por um momento de hesitação, antes de fechar a porta; ele *de fato* olhou cuidadosamente para trás, como se esperasse ser assustado pela visão dos longos cabelos de Marley saltando dentro da sala. Mas não havia nada lá além da própria porta, exceto é claro os rangidos e os barulhos que o batedor fez na porta; e dizendo “Bah, bah!” bateu a porta de uma vez.

O som se espalhou pela casa como um trovão. Cada um dos quartos dos andares de cima, e cada um dos barris nas adegas do porão, logo abaixo, pareceram ter barulhos diferentes de ecos. Scrooge não era um homem que costumava se assustar com ecos. Ele se afastou da porta e atravessou a sala, em direção às escadas, lentamente: amparando sua vela na medida em que andava.

Pode-se dizer que fosse fácil vencer um lance de escadas tão grande como aquele, do mesmo modo, que se pode descobrir um meio de se livrar da justiça; mas prefiro dizer que se poderia subir com um ataúde por aquelas escadas acima, e colocá-lo de atravessado, com o eixo colocado contra a parede e a cabeça em direção à balaustrada: isso poderia ser facilmente feito. Havia muito espaço para tal, e sala para se distribuir; e talvez seja essa a razão de Scrooge achar ter visto um cortejo fúnebre bem diante dele subindo as escadas no meio da escuridão. Meia dúzia de lâmpadas a gás, desses que existem nas ruas, não teriam iluminado a entrada tão bem, então se pode supor o quanto realmente estava escuro, muito além do que a vela de Scrooge poderia iluminar.

Scrooge subiu as escadas, não se importando com isso: a escuridão é barata, e Scrooge gostava disso. Porém, antes de fechar a pesada porta, ele caminhou através de seus quartos para verificar se tudo estava certo. Ele ainda se lembrava muito bem daquele rosto para desejar vê-lo novamente.

Sala de estar, dormitório e depósito. Tudo estava exatamente como deveria estar. Ninguém embaixo da mesa, ninguém embaixo do sofá; tímidas labaredas na lareira; uma tigela e colher prontas para o uso; e uma pequena caçarola com mingau (Scrooge estava congelado até o cérebro) sobre o suporte da lareira. Ninguém embaixo da cama; ninguém dentro do armário; ninguém usando seu roupão, que estava pendurado na parede de um modo muito suspeito. O depósito de lenha do jeito de sempre. A velha de tela da lareira, os velhos sapatos, duas cestas para lenha, um pedestal de três pernas e uma pá para recolher cinzas.

Satisfeito com tudo, ele fechou sua porta e se trancou lá dentro; duas voltas na chave, o que não era de seu costume. Assim se assegurava contra surpresas, e tirou o seu cachecol; vestiu o seu roupão, os chinelos, além do seu gorro de dormir; e sentou-se diante da lareira para comer o seu mingau.

De fato, havia pouco fogo; nada adequado para uma noite tão amarga.

Viu-se obrigado a se sentar mais perto dele, aninhando-se de modo que pudesse extrair as poucas sensações de calor que se obtinha de tão pouca fonte. A lareira era de uma daquelas antigas, construída por algum mercador holandês tempos atrás, e revestida inteiramente com estranhos azulejos holandeses, decorados com ilustrações das Escrituras. Havia Cains e Abels, filhas dos faraós, Rainhas de Sabá, mensageiros angelicais descendo pelo ar sobre nuvens, retratados como travesseiros de plumas, Abraões, Belsazars, Apóstolos partindo para o mar em pequenos botes, centenas de figuras que atraíam o seu pensamento; e mesmo assim a face de Marley, morto há sete anos, se apresentava como a antiga vara do profeta [5] e engolia todas as imagens de uma só vez. Se em cada um dos azulejos esmaecidos houvesse um trecho por preencher, e com a capacidade de moldar alguma figura em sua superfície aliada aos fragmentos desconexos de seus pensamentos, lá apareceria rapidamente uma reprodução da cabeça do velho Marley.

“Embusteiro!”, disse Scrooge; e passou a caminhar pela sala.

Após algumas voltas, ele se sentou novamente. E assim que apoiou sua cabeça na cadeira, deu com os olhos sobre uma sineta, uma sineta sem uso, que tocava na sala, e que se comunicava para algum propósito agora esquecido com um dos quartos no andar mais alto do edifício. Foi com grande assombro, e com um estranho e inexplicável temor que ao olhar para ela, viu-a começar a tocar. A princípio tocou tão suavemente que com muita dificuldade produziu algum som; mas logo em seguida tocou tão alto que fez com que todos os sinos da casa também tocassem.

Isto aconteceu por pelo menos meio minuto, ou um minuto inteiro, mas pareceu na verdade ter durado uma hora. As sinetas pararam do mesmo modo que começaram: todas juntas. Foram seguidas por um barulho que retinia, vindo lá debaixo; como se alguma pessoa estivesse arrastando uma pesada corrente sobre os barris da adega no porão. Scrooge então se lembrou de ter ouvido uma vez que os fantasmas nas casas assombradas eram descritos como “correntes que se arrastavam”.

As portas do porão se abriram com um estrondo, e então ele ouviu o barulho muito mais alto, nos andares debaixo que veio subindo as escadas e se encaminhando em direção à sua porta.

“Só pode ser minha imaginação!”, disse Scrooge. “Eu não acredito em nada disso”.

Entretanto, sua opinião mudou, quando de repente, a aparição atravessou a pesada porta, e entrou quarto à dentro bem diante de seus olhos. Na medida em que se aproximava, a aparição fantasmagórica ganhava corpo, ao mesmo tempo em que gritava. “Eu o conheço! É o fantasma de Marley!”

O mesmo rosto, o mesmo de sempre. Marley com seu rabo-de-cavalo, seu casaco, calças curtas e botas de costume; as franjas desse último eriçadas como seu rabo-de-cavalo, o mesmo sobretudo e cabelos sobre a cabeça. A corrente que ele arrastava estava presa à altura da cintura. Ela era comprida e se

enroscava em torno dele como um rabo; e era feita (uma vez que Scrooge a viu bem de perto) de cofres, chaves, cadeados, livros-contábeis, certificados de propriedades e pesadas bolsas forjadas em aço. Seu corpo era transparente, tanto que Scrooge, ao olhar para ele, pode ver através de seu colete e ver os dois botões por detrás do casaco dele.

Scrooge sempre ouvira a expressão de que Marley não tinha coração, mas nunca tinha acreditado nisso até então.

Não, nem nisso ele pode acreditar agora. De qualquer forma ele se parecia inteiramente com um fantasma e, assim, ele se apresentava diante dele; e deste modo ele sentiu a assustadora influência de seus olhos sem vida; e pode ver a textura do lenço que prendia o queixo dele à cabeça, que o envolvia completamente e que não observara antes; mesmo assim ele ainda não acreditava e lutava contra todos os seus sentidos.

“E então!”, disse Scrooge, tão cáustico e frio como sempre. “O que você quer de mim?”.

“Muito mais!”, era a voz de Marley, sem dúvida alguma disso.

“Quem é você?”

“Pergunte-me quem eu *fui* ”.

“Quem você *foi* então”, disse Scrooge, elevando o tom da voz. “Espírito, você foi alguém em particular?” Ele ia dizer “aparição”, mas achou mais apropriado substituir o termo.

“Quando vivo, eu fui o seu sócio, Jacob Marley”.

“Você pode... você pode se sentar?” perguntou Scrooge, olhando cheio de desconfiança para ele.

“Sim, eu posso”.

“Então, sente-se”.

Scrooge perguntou isso, pois não sabia se um fantasma tão transparente pudesse se encontrar na condição de se sentar; e sentiu que se tal fato fosse impossível, talvez envolvesse a necessidade de uma explicação embaraçosa. No entanto, o fantasma se sentou no lado oposto da lareira, como ele costumava fazer sempre.

“Você não acredita em mim”, notou o Fantasma.

“Não, não acredito”, disse Scrooge.

“Qual evidência sobre a minha realidade você precisa além daquela percebida pelos os seus sentidos?”

“Eu não sei”, disse Scrooge.

“Por que você duvida de seus sentidos?”

“Porque”, disse Scrooge, “qualquer coisa pode afetá-los. Uma leve disordem estomacal pode nos fazer imaginar coisas. Você pode muito bem ser um pedaço de carne mal digerida, um pouco de mostarda ou de queijo, ou um

pedaço de batata mal preparada. Nisto tudo, há mais de gordura de cozido do que algo de outro mundo, seja lá o que você for!”.

Scrooge não tinha muito o hábito de fazer piada, nem sentia necessidade disso, em seu coração, por mais que parecesse isso. A verdade é que ele estava tentando parecer esperto como um meio de distrair sua própria atenção e diminuir o seu terror, pois a voz do espectro perturbava-o até a raiz de seus cabelos.

Sentar-se, encarando aqueles olhos fixos e vidrados, em silêncio, mesmo por um momento, fazia com que Scrooge se sentisse como se jogasse dados com ele. Havia algo de muito terrível também no fato do espectro apresentar uma atmosfera infernal em sua aparência. Scrooge não podia senti-lo, mas era exatamente esse o caso, pois embora o Fantasma estivesse sentado completamente imóvel, os cabelos, vestes e franjas se agitavam como se movidas pelo vapor aquecido de um fogão.

“Você vê este palito de dente?”, disse Scrooge, retornando rapidamente para o assunto, pois a razão assim o exigia; e desejando, mesmo que somente por um segundo, desviar a atenção da assombração de si mesmo.

“Sim, eu o vejo”, respondeu o Fantasma.

“Você nem mesmo está olhando para ele”, disse Scrooge.

“Mas eu o vejo”, disse o Fantasma, “mesmo assim”.

“Bem!”, retrucou Scrooge, “eu prefiro engoli-lo, e ser perseguido pelo resto dos meus dias por uma legião de demônios, de toda minha própria criação. Embusteiro, eu lhe digo; embusteiro!”.

Então o espírito soltou um grito aterrorizante e sacudiu as suas correntes com um barulho tão pavoroso e triste, que Scrooge se encolheu todo em sua cadeira, tentando evitar desmaiar. Mas o seu temor foi ainda maior quando o fantasma soltou o lenço que este tinha em torno de sua cabeça, como se estivesse muito quente dentro de casa, deixando seu queixo cair até a altura de seu peito!

Scrooge deixou-se cair sobre os seus joelhos e escondeu o seu rosto com as suas mãos.

“Misericórdia!”, ele disse. “Terrível aparição, por que você me aterroriza?”

“Homem que só pensa nas coisas terrenas!”, respondeu o Fantasma, “você acredita em mim ou não?”

“Eu acredito”, disse Scrooge. “Eu devo acreditar. Mas por que os espíritos caminham sobre a terra e por que eles veem até mim?”

“É preciso”, respondeu o Fantasma, “que o espírito dentro de cada homem possa caminhar entre os seus semelhantes, e que viaje para todo lugar; e se este espírito não o faz quando em vida, está condenado a fazê-lo após a morte. É condenado a vagar através do mundo – oh, ai de mim! – e testemunhar o que não pôde compartilhar, mas que deveria ter sido feito quando na terra e procurar

a felicidade!”

Novamente o espectro soltou um grito e sacudiu suas correntes, tentando arrancá-las de suas mãos fantasmagóricas.

“Você está acorrentado”, disse Scrooge, tremendo de medo. “Diga-me o porquê!”.

“Eu uso a corrente que eu forjei em vida”, respondeu o Fantasma. “Eu a produzi, elo por elo, centímetro por centímetro; eu a prendi de minha própria vontade e de meu próprio desejo eu a vesti. Por acaso, isso é muito estranho para *você?*”

Scrooge tremia cada vez mais e mais.

“Ou você desconhece”, continuou o Fantasma, “o peso e o comprimento dos fortes anéis que você produziu para você mesmo? Eles são tão pesados e compridos quantos esses, desde há sete vésperas de Natal passadas. Você tem trabalhado neles, desde então. É uma cadeia muito pesada!”

Scrooge procurou por ela no chão, na expectativa de se ver atado a cinquenta ou sessenta braças de cabo de aço, mas ele nada viu.

“Jacob”, ele disse, implorando. “Meu velho Jacob Marley, diga-me mais. Conforte-me, Jacob”.

“Não tenho nada para lhe dar”, respondeu o Fantasma. “Ela vem de outras regiões, Ebenezer Scrooge, e é trazida por outros mensageiros para outros tipos de homens. Eu nem poderia estar lhe dizendo o que já lhe disse. Apenas um pouco mais, é tudo o que me é permitido. Eu não posso descansar, nem posso ficar aqui; eu não posso me vincular a lugar algum. Meu espírito nunca foi além do escritório de nossa empresa – estou marcado por isso! – quando em vida, meu espírito nunca ultrapassou os estreitos limites de nossa caixa de câmbio; e que cansativa jornada se apresenta diante de mim!”.

Era um hábito de Scrooge, não importando o que ele estivesse a pensar, colocar as mãos dentro dos bolsos de suas calças. Considerando sobre o que o Fantasma havia lhe dito, ele assim o fez, sem, contudo, erguer os olhos ou mesmo se levantar do chão.

“Você deve estar muito aborrecido com tudo isso, Jacob”, observou Scrooge, de uma maneira muito impessoal, ainda que com humildade e deferência.

“Muito aborrecido!”, repetiu o Fantasma.

“Sete anos morto”, pensou Scrooge. “E viajando todo esse tempo?”

“Por todo esse tempo”, disse o Fantasma. “Sem descanso, nem paz. Incessantemente torturado pelo remorso”.

“Suas viagens são rápidas?”, disse Scrooge.

“Feitas sobre as asas do vento”, respondeu o Fantasma.

“Então, você deve ter percorrido uma grande quantidade de terra nesses

sete anos”, disse Scrooge.

O Fantasma, ao ouvir isso, soltou um outro grito e sacudiu suas correntes tão ruidosamente no silêncio da noite que o guarda-noturno teria anotado tal barulho em seu livro de ocorrências como uma perturbação pública.

“Oh! Cativo, aprisionado e acorrentado”, gritou o fantasma, “não conhece as eras de incessante trabalho das criaturas imortais, pois esta terra deve passar à eternidade antes que a bondade, a qual está suscetível, se desenvolva por completo. Não sabe que todo espírito cristão, trabalhando suavemente dentro de seu pequeno mundo, seja ele qual for, acabará por julgar a sua vida mortal muito curta para atingir todos os meios de ser útil! Não sabe que não há espaço para arrependimento que possa consertar uma vida de oportunidades mal utilizadas! Eu era assim! Oh! Eu era assim!”.

“Mas você sempre foi um bom homem de negócios, Jacob”, balbuciou Scrooge, pois estava começando a ver que isso se aplicava a ele.

“Negócios!”, gritou o Fantasma, agitando as suas mãos novamente. “A humildade era o meu negócio. O bem-estar comum deveria ser o meu negócio; a caridade, a misericórdia, a abstenção e a benevolência, todos eles, deveriam ser o meu negócio. As relações de comércio deveriam ser apenas uma gota d’água no abrangente oceano de meus negócios!”.

Ele levantou a sua corrente à altura do braço, como se ela fosse a causa de todo inútil sofrimento e, depois disso, lançou-a pesadamente ao chão novamente.

“Esta época do ano”, disse o espectro, “é quando eu sofro mais. Porque eu caminhava no meio da multidão dos vivos com meus olhos para baixo e nunca os erguia em direção àquela abençoada estrela que conduziu os Reis Magos para uma pobre moradia. Por acaso não havia casas necessitadas para quais a sua luz pudesse ter me conduzido?”

Scrooge ficou muito apavorado ao ouvir o que o espectro acabara de dizer, e começou a tremer sem parar.

“Ouça-me!”, gritou o Fantasma. “Meu tempo está próximo do fim”.

“Estou ouvindo”, disse Scrooge. “Mas não seja muito duro comigo! Não faça muitos rodeios, Jacob! Por misericórdia!”.

“O porquê de eu ter aparecido diante de você em uma forma que você pudesse ver eu não sei lhe dizer. Eu mesmo já me sentei invisível ao seu lado por muitos e muitos dias”.

Não foi uma ideia muito agradável. Scrooge tremia e suava por todo o seu corpo.

“Não há nenhum modo de se aliviar a minha penitência”, prosseguiu o Fantasma. “Estou aqui esta noite para alertá-lo, para avisá-lo de que há uma oportunidade e uma esperança de escapar do meu destino. Uma oportunidade e uma esperança que eu lhe proporcione, Ebenezer”.

“Você sempre foi um bom amigo para mim”, disse Scrooge. “Obrigado!”

“Você será assombrado”, continuou o Fantasma, “por Três Espíritos”.

O semblante de Scrooge caiu tanto quanto caíra o rosto do Fantasma.

“Esta é a oportunidade e a esperança que você mencionou, Jacob?”, perguntou, hesitante.

“Sim, é”.

“Eu... eu acho melhor não, então”, disse Scrooge.

“Sem a visita deles”, disse o Fantasma, “não espere escapar do mesmo caminho que eu trilhei. Espere o primeiro deles amanhã, quando o relógio soar Uma Hora”.

“Não poderia mandá-los todos de uma vez só, e acabaríamos rápido com isso, Jacob?”, sugeriu Scrooge.

“Espere o Segundo na noite seguinte à mesma hora. O terceiro virá na noite imediata, quando a última badalada das Doze Horas terminar de soar. Não procure me ver novamente, mas procure, para o seu próprio bem, se lembrar do que passou entre nós”.

Quando ele terminou de dizer essas palavras, o espectro pegou o seu lenço de sobre a mesa e o atou em torno da cabeça, como antes. Scrooge sabia disso, pelo som peculiar que os dentes dele fizeram, quando as mandíbulas se juntaram novamente pela atadura. Ele arriscou erguer os seus olhos novamente e encontrou o seu visitante sobrenatural confrontando-o, de pé e completamente ereto, com sua corrente sobre o seu corpo e em torno de seu braço.

A aparição se afastou dele; e a cada passo que ela dava, a janela se abria um pouco, até que quando o espectro a alcançou, ela estava completamente aberta.

Ele acenou para que Scrooge se aproximasse, o que ele fez. Quando eles estavam a dois passos um do outro, o Fantasma de Marley ergueu a mão para que ele não se aproximasse mais. Scrooge parou.

Não tanto por obediência, mas mais por surpresa e por medo; pois ao erguer da mão, ele se tornou consciente dos confusos barulhos que havia no ar; sons incoerentes de lamentação e arrependimento; lamentos ao mesmo tempo inexpressivos, dolorosos e cheios de culpa. O espectro, após ouvir por um momento, uniu-se a eles, com uma lamentação desoladora; e assim flutuou para dentro da noite escura e fria.

Scrooge seguiu até a janela; atormentado por sua curiosidade, ele olhou para fora.

O ar estava repleto de fantasmas, vagando para cá e para lá com uma afofação sem descanso, gemendo enquanto se moviam. Cada um deles usava uma corrente, exatamente como o Fantasma de Marley; alguns poucos (eles podem ter sido condenados juntos pelo governo) estavam presos juntos; ninguém

estava solto. Muitos deles conheciam pessoalmente Scrooge enquanto viviam. Ele se lembrava bem de um deles, o fantasma de um velho, com seu casaco branco, com um monstruoso cofre de ferro preso ao seu tornozelo e que gritava de forma lastimosa por ser incapaz de ajudar uma mulher miserável com uma criança que ele vira logo abaixo, em uma soleira de uma porta. O sofrimento de todos eles era que claramente eles tentavam interferir para o bem nos problemas humanos, e tinham perdido a capacidade de fazê-lo para sempre.

Se estas criaturas desapareceram na neblina, ou se a neblina as envolveu, ele não podia dizer. Mas todos eles e as vozes dos espíritos desapareceram juntos; e a noite tornou-se exatamente como estava quando ele se dirigiu para casa.

Scrooge fechou a janela e examinou a porta pela qual o Fantasma havia entrado. Ela estava fechada com duas voltas na fechadura como ele a havia trancado com suas próprias mãos, e os ferrolhos estão inalterados. Ele tentou dizer “Embusteiro!”, mas parou já na primeira sílaba. E, seja pela emoção do que ele tinha vivido, pelo cansaço do dia, ou do seu vislumbre do Mundo Invisível, pela chatice da conversa com o Fantasma, ou pelo adiantado da hora, ele precisa muito descansar; foi direto para a cama, sem mesmo trocar de roupa, e caiu no sono quase que instantaneamente.

[1] A neblina a qual se refere Dickens era uma mistura da névoa costumeira, produzida pela variação do clima londrino, e a fumaça cheia de fuligem oriunda das fábricas que tomavam a cidade de assalto, nessas primeiras décadas da Revolução Industrial. (N.T.)

[2] O Hospital de Nossa Senhora de Belém, ou como é conhecido em Londres, **BEDLAM**, foi fundado em 1247, sendo que desde 1402, tem recebido os doentes mentais da cidade. Em 1547, passou à jurisdição da prefeitura da cidade de Londres, após a dissolução das Ordens Monásticas na Inglaterra, sob Henrique VIII. Sua denominação moderna – Bedlam – aparece pela primeira vez nos primórdios do século XVI. (N.T.)

[3] **MANSION HOUSE**: a residência oficial do prefeito, em Londres (N.T.)

[4] **SÃO DUNSTAN** (c. 909 – 19 de maio de 988) foi o reformador da vida monástica na igreja da Inglaterra, sendo bispo de Londres e Arcebispo da Cantuária. Foi o responsável pela construção de um mosteiro beneditino onde hoje se localiza a Abadia de Westminster, em Londres. Segundo uma lenda medieval, o próprio Diabo teria aparecido para o monge e tentado pervertê-lo, mas foi expulso da cela pelo nariz. (N.T.)

[5] Referência à Vara de Aarão, descrita no Livro do Êxodo, cap. 7, vs. 12: “Porque cada um lançou sua vara, e tornaram-se serpentes; mas a vara de Aarão tragou as varas deles”. (N.T.)

SEGUNDO MOVIMENTO

O Primeiros do Três Fantasmas

QUANDO Scrooge acordou, estava tão escuro que ao olhar para fora da cama, ele dificilmente pôde distinguir a janela transparente das opacas paredes de seu quarto. Ele estava tentando atravessar a escuridão com seus olhos miúdos quando o campanário de uma igreja das vizinhanças soou os quatro quartos de hora. E assim ele esperou pela hora cheia.

Para seu grande assombro, o pesado sino seguiu das seis para as sete, e das sete para as oito, e regularmente até as doze e então parou. Doze! Passavam das duas quando ele foi para a cama. O relógio devia estar errado. As suas engrenagens deviam ter congelado. Doze!

Ele procurou o mecanismo do seu relógio para corrigir aquele relógio tão despropositado. Seu rápido batimento soou doze e então parou.

“Mas, isso é impossível”, disse Scrooge, “não posso ter dormido um dia inteiro e ter continuado até parte da noite. Não é possível que algo tenha acontecido com o sol, e que seja na verdade meio-dia!”

O pensamento, sendo tão alarmante, fez com que ele saltasse da cama, e procurasse o caminho até a janela. Ele foi obrigado a limpar o embaçado das vidraças com a manga de seu roupão, antes que ele pudesse ver alguma coisa; e mesmo assim ele viu muito pouco. Tudo o que ele pode ver é que ainda estava muito nevoado e extremamente frio, e que não havia barulho de ninguém vindo ou indo e fazendo um grande movimento, como se fosse de esperar se a noite tivesse se abatido sobre o dia claro e tomado conta do mundo. Isso foi um grande alívio, pois “três dias a pagar por esta Letra de Câmbio ao Sr. Ebenezer Scrooge ou à sua ordem”, e por aí em diante, se tornariam meros títulos sem valor^[1] se não houvesse dias para se contar.

Scrooge voltou a se deitar, e pensou e pensou, repetidamente, e não chegou à conclusão alguma. Quanto mais ele pensava, mais perplexo ficava; e quanto mais ele tentava não pensar, mais ele pensava no Fantasma de Marley aborrecendo-o excessivamente. Cada vez que ele chegava à conclusão, depois de muito pensar, de que tudo tinha sido um mero sonho, sua mente voltava, como que impulsionada por uma mola sem fim, ao ponto inicial, e se deparava com o mesmo problema de antes, “Havia sido um sonho, ou não?”.

Scrooge ficou deitado em sua cama até que o carrilhão soasse mais três quartos de hora, e foi quando ele se lembrou, repentinamente, que o Fantasma tinha lhe avisado sobre uma visita quando o sino tocasse uma hora. Ele resolveu permanecer acordado até que a hora passasse; e, considerando que ele não conseguiria dormir mais, mas sim ficar imaginando coisas, talvez fosse a mais

sábria solução a adotar.

Esses quinze minutos foram tão longos que por mais de uma vez ele pensou ter caído no sono inconscientemente e perdido a hora. Finalmente ele pode ouvir o que ele tanto esperava.

“Ding, dong!”

“Um quarto se passou”, disse Scrooge, contando.

“Ding, dong!”

“Meia hora!”, disse Scrooge.

“Ding, dong!”

“Mais quinze minutos até a hora”, disse Scrooge.

“Ding, dong!”

“Finalmente a hora cheia”, disse Scrooge, triunfante, “e nada aconteceu!”.

Entretanto, ele falou antes do sino tocar, o que se seguiu de um modo grave, sombrio, surdo e melancólico. Neste instante, uma luz surgiu brilhante dentro do quarto e as cortinas de sua cama se abriram.

Posso lhes dizer que as cortinas da sua cama se abriram por completo, de uma vez. Não as cortinas que ficavam nos pés da cama, nem as cortinas da cabeceira, mas aquelas que ficavam próximas do seu rosto. As cortinas da sua cama se abriram por completo e Scrooge, permanecendo em uma postura meio recostada, achou-se frente a frente com o visitante sobrenatural que havia afastado as cortinas: tão perto um do outro quanto estou agora de você, praticamente encostando os cotovelos.

Era uma figura estranha – parecia-se com uma criança; mas, a um exame mais minucioso, verificava-se que seria antes um velho, visto através de um meio sobrenatural, que lhe dava uma aparência longínqua e que o reduzia às proporções de uma criança. Seu cabelo, que ia até o pescoço e descia-lhe pelas costas, era branco como se tivesse muitos anos; e seu rosto não mostrava nenhuma ruga, apresentando um delicado rubor sobre a pele. Seus braços eram muito longos e fortes e suas mãos, como estas, pareciam ser possuidoras de uma força incomum. Suas pernas e pés, de formas mais delicadas, eram como os membros superiores, completamente nus. Vestia uma túnica do mais puro branco e em torno de sua cintura cingia um cinto brilhante, de um esplendor fulgurante. Trazia à mão, um ramo fresco de azevinho; e, em fundo contraste com este símbolo do inverno, sua túnica era toda bordada com flores de verão. Mas o mais estranho de tudo isso era, que do topo de sua cabeça, surgia um jato de luz limpa e brilhante que possibilitava que tudo isso fosse visto; e isto tudo explicava a presença de um grande apagador em forma de chapéu com o qual devia cobrir-se em seus momentos mais tediosos, que trazia embaixo do braço.

De qualquer forma e mesmo com tudo isso, quando Scrooge olhava-o com mais atenção essa não era a mais estranha das *suas* qualidades. Do mesmo

modo que sua cintura resplandecia ora em um ponto, ora em outro, e que um ponto há pouco estava iluminado agora estava escuro, todo o seu corpo mudava constantemente de aspecto: mostrando-se ora com um só braço, ora com uma só perna, ou então com vinte pernas, ou com um par de pernas, mas sem cabeça, ou então uma cabeça sem corpo. Das várias partes que desapareciam, nem um único contorno ficava visível naquela extrema escuridão em que se envolviam. E no meio de todas estas estranhas transformações, ela retomava novamente a si mesma; nítida e perfeita como antes.

“Meu caro senhor, você é o Espírito cuja visita me foi anunciada?”, perguntou Scrooge.

“Sim, eu sou!”

A voz era suave e gentil. Curiosamente baixa, como se ao invés de estar tão perto dele, estivesse a grande distância.

“Quem e o que você é?”, inquiriu Scrooge.

“Eu sou o Fantasma dos Natais Passados”.

“Passados há muito tempo?”, interrogou Scrooge, observando a sua estatura diminuta.

“Não. Do seu passado”.

Talvez, Scrooge não dissesse que a alguém o porquê disso, se alguém viesse a lhe perguntar, mas ele tinha um desejo especial de ver o Espírito coberto pelo seu chapéu; e suplicou-lhe que se cobrisse.

“O que!”, exclamou o Fantasma, “você por acaso deseja extinguir com mão terrenas, a luz que eu lhe trago? Por acaso não é suficiente que você seja aquele cujas paixões tenha feito esse chapéu, e me forçado através de anos e anos a usá-lo enterrado até os olhos?”

Scrooge respeitosamente declarou que não tinha a menor intenção de ofender ou de se lembrar de ter intencionalmente forçado o Espírito a usar aquele chapéu em toda a sua vida. Em seguida, ele se atreveu a lhe perguntar o que o trazia ali.

“O seu bem-estar!”, disse o Fantasma.

Scrooge declarou-se profundamente agradecido, mas não deixou de pensar que uma noite de completo repouso teria sido mais eficaz para este resultado. O Espírito deve ter ouvido os seus pensamentos, pois respondeu imediatamente:

“A sua salvação, então. Preste atenção!”

Ele então colocou a sua mão musculosa, na medida em que falava, e tomou-lhe gentilmente pelo braço.

“Levante-se! E venha comigo!”

Foi em vão que Scrooge argumentou que o tempo e a hora não eram os mais adequados para um passeio; ou que a cama estava quente e o termômetro

marcava uma temperatura congeladora; que ele estava apenas vestindo os seus chinelos, roupão e touca de dormir; ou mesmo ainda que ele estava resfriado naquele momento. O toque, embora tão gentil quanto o de uma mão feminina, era irresistível. Ele se levantou, mas assim que percebeu que o Espírito se dirigia à janela, agarrou-lhe a túnica, suplicando:

“Eu sou mortal”, Scrooge protestou, “e posso cair”.

“Permita-me que eu lhe toque *bem aqui*”, disse o Espírito, pondo a mão sobre o coração de Scrooge, “e poderá suportar muito mais que isso!”.

Assim que essas palavras foram proferidas, eles passaram através da parede e se acharam no meio de uma estrada do interior, cercada por campos em todo o redor. A cidade inteiramente desapareceu. Nenhum vestígio dela podia ser visto. A escuridão e a neblina também desapareceram com ela e um surgiu um dia claro e frio de inverno, com o chão coberto de neve. “Meu bom Deus!”, disse Scrooge, mantendo as suas mãos unidas, na medida em que olhava para tudo. “Eu me criei neste lugar. Foi aqui que passei a minha infância!”.

O Espírito o observava docemente. Seu toque gentil, embora tivesse sido leve e muito rápido, ainda podia ser percebido por todos os sentidos do ancião. Ele reconheceu cada um dos milhares dos perfumes que circulavam pelo ar, cada um deles ligados a milhares de pensamentos, esperanças, alegrias e atenções, por muito, muito tempo esquecidos.

“Seus lábios estão trêmulos”, disse o Fantasma. “e o que é isso que vejo em seu rosto?”

Scrooge resmungou, com um timbre pouco comum para a sua voz, que era uma verruga; e implorou ao Fantasma que o levasse para aonde eles deveriam ir.

“Você se recorda do caminho?”, perguntou o Espírito.

“Se eu me recordo?”, gritou Scrooge com fervor; “Eu poderia percorrê-lo de olhos vendados”.

“Estranho que tenha se esquecido dele por tantos anos!”, observou o Fantasma. “Vamos prosseguir”.

Eles caminharam ao longo da estrada; Scrooge reconheceu cada portão, poste e árvore; mesmo a pequena cidade comercial que surgia à distância, com sua ponte, sua igreja e seu rio sinuoso. Viram alguns pôneis trotando em direção a eles com alguns meninos montados em suas costas, que chamavam outros meninos em suas carroças e carruagens, dirigidas pelos fazendeiros. Todos esses meninos mostravam grande alegria e gritavam um com os outros, até preencher os campos com tanta alegria musical que o ar se encrespava com as suas risadas.

“Tudo isso são apenas sombras das coisas que já existiram”, disse o Fantasma. “Eles não têm consciência da nossa presença”.

Os alegres viajantes se aproximavam e na medida em que chegavam, Scrooge os reconhecia e os nomeava, um a um. Como ele se alegra tanto de poder vê-los! Como os seus olhos brilhavam e seu coração se agitava assim que

vieram para o passado! Como ele se encheu de felicidade ao ouvir cada um deles dizendo ‘Feliz Natal’, assim que eles se separavam nas encruzilhadas e atalhos nos caminhos de suas casas! O que era um feliz Natal para Scrooge? Com os diabos, este feliz Natal! O que de bom ele conseguiu com ele afinal?

“A escola não está completamente deserta”, disse o Fantasma. “Uma criança solitária, esquecida pelos seus amigos, foi deixada para trás”.

Scrooge disse que o conhecia, e começou a chorar.

Eles trocaram a estrada principal por uma alameda bem conhecida, e rapidamente se aproximaram de uma mansão de ladrilhos vermelhos, com um pequeno relógio de sol localizado em sua cúpula, sobre o telhado, e um sino pendurado a ela. Era uma grande residência, mas que tinha passado por tempos difíceis, pois seus amplos salões eram pouco usados, suas paredes tinham umidade e estavam cobertas de musgo, suas janelas estavam quebradas e seus portões apodrecidos. Galinhas cacarejavam e se empertigavam nos estábulos; e as cocheiras e os currais estavam cobertos de mato. Nada mais havia ali que lembrasse o seu antigo esplendor. Ao ingressarem no triste saguão, e olhando através das portas abertas das diversas salas as encontraram pobrementemente mobiliadas, frias e abandonadas. Havia um sabor amargo no ar, um vazio congelador no lugar, que se associava de algum modo à ideia de que ali deviam se levantar ainda quando estava escuro e que não havia muito que comer.

O Fantasma e Scrooge prosseguiram pela sala, até uma porta que havia no fundo da casa. Ela se abriu bem diante deles, e revelou um grande salão, vazio e melancólico, que ficava mais austero ainda pela longa fila de bancos e carteiras. Em uma delas, um menino solitário estava lendo próximo de uma lareira tímida; e Scrooge sentou-se em um dos bancos e chorou ao ver a imagem de si mesmo, esquecido, como sempre se encontrava.

O eco perdido na casa, os guinchos ou as disputas dos camundongos por detrás dos painéis de madeira, a gota de água derramada dentro do barril colocado no sombrio pátio dos fundos, ou o vento através dos galhos secos de um álamo melancólico, ou o ranger preguiçoso de uma das portas do depósito vazio, ou mesmo o crepitar da lareira, tudo tocava o coração de Scrooge com uma influência suavizada e davam livre passagem para as suas lágrimas.

O Espírito tocou-lhe o braço e apontou para o jovem Scrooge que estava atento a sua leitura. De repente, um homem, com trajes estrangeiros, maravilhosamente real e distinto de se ver: parou do lado de fora da janela, com um machado preso ao seu cinto e puxando pelas rédeas um jumentinho carregado com madeira.

“Mas veja só, é Ali Babá!”, exclamou Scrooge extasiado, “Meu velho e querido Ali Babá! Sim, sim eu o conheço! Foi justamente nessa época natalina que *ele* apareceu pela primeira vez para esta criança solitária, que foi deixada aqui sozinha. Pobre menino! E veja, Valentino”, disse Scrooge, “com seu irmão selvagem, Orson[2]; lá vão eles! E qual o seu nome mesmo, daquele que foi colocado adormecido e enrolado em lençóis no Portal de Damasco; não o vê

logo ali? E o cavaliço do Sultão que foi derrubado pelos gênios; lá está ele de cabeça para baixo! Bem-feito para ele. Fico feliz por isso. Que ousadia a dele querer se casar com a Princesa![\[3\]](#)”

Ouvir Scrooge deixar de lado toda sua natureza soturna ao se referir a tais temas, com uma voz tão extraordinária, entre gritos e risadas, e ver também o quanto ele estava alegre e excitado com tudo, de fato, surpreenderia todos os seus colegas de negócios na cidade.

“Lá está o papagaio!”, gritou Scrooge. “Corpo verde e rabo amarelo, com aquela coisa que se parece com uma espécie de alface crescendo no topo de sua cabeça; veja ele lá! Pobre Robinson Crusóé, ele chamou por ele quando ele voltou para casa após ter navegando em torno da ilha. ‘Pobre Robinson Crusóé, onde você está, Robinson Crusóé?’ O homem pensou que estava sonhando, mas ele não estava. Era o papagaio, veja lá. Lá vai Sexta-feira, correndo por sua vida até a pequena enseada! Hei! Corra! Hei!”

Então com uma rápida transição muito alheia à sua personalidade costumeira, ele disse, com pena dele mesmo, “Pobre garoto!”, e gritou novamente.

“Eu bem quisera”, Scrooge murmurou, colocando as mãos nos seus bolsos e olhando em torno de si mesmo, depois de enxugar os olhos com o punho do seu roupão. “Já não há mais tempo agora”.

“Qual é o problema?”, perguntou o Espírito.

“Não é nada”, disse Scrooge. “Nada. Havia um menino cantando um cântico de Natal na frente da minha porta, noite passada. Eu gostaria de ter lhe dado algo por isso: é apenas isso”.

O Fantasma sorriu, com ponderação, e agitou sua mão: ao fazer isso, prosseguiu, dizendo, “Vamos ver outro Natal!”

Ao serem ditas estas palavras, o Scrooge de outros tempos cresceu, e a sala tornou-se um pouco mais escura e mais suja. Os painéis se romperam, as janelas se quebraram; fragmentos do teto de gesso caíram do teto e parte das ripas do forro apareceu; mas como tudo isso aconteceu, Scrooge não sabia ao certo. Ele somente sabia que estava tudo exatamente como deveria estar; que tudo aconteceu exatamente como estava; que ele estava lá, novamente sozinho, quando os outros meninos tinham ido para casa para as festividades dos feriados.

Ele não estava lendo agora, mas caminhando para lá e para cá, desesperadamente. Scrooge olhou para o Fantasma e com um triste sacudir de sua cabeça, olhou ansiosamente em direção à porta.

A porta se abriu e uma menininha, não muito mais jovem do que o menino, entrou rapidamente, colocou os seus braços em torno do pescoço dele e o beijou muito, chamando-o de “Meu querido, meu querido irmão”.

“Eu vim para levá-lo para casa, meu querido irmão”, disse a criança, batendo as suas mãos pequeninhas e rindo sem parar. “Vou levá-lo para casa, para casa, para casa!”

“Para casa, pequena Fan?”, respondeu o menino.

“Sim!”, disse a criança, cheia de alegria. “Para casa, para o bem de todos. Para casa, para todo o sempre. Papai está muito mais bondoso do que costumava ser; nossa casa para o Céu! Ele falou tão gentilmente comigo uma noite dessas quando eu estava indo para a cama, que não tive medo de lhe perguntar uma vez mais se você não poderia voltar para casa; e ele disse ‘Sim’, que você poderia; e colocou-me na carruagem que me trouxe até você. E você já é praticamente um homem”, disse a criança, arregalando os olhos, “e nunca mais precisará voltar aqui; mas antes, vamos ficar juntos o feriado inteirinho do natal e festejá-lo o mais alegremente que pudermos”.

“Você já é praticamente uma mulher, minha pequena Fan!”, exclamou o menino.

Ela bateu as mãos e sorriu, e tentou tocar a sua cabeça, mas sendo muito pequena para isso, riu novamente e colocou-se nas pontas dos pés para abraçá-lo. Então, ela começou a puxá-lo, com toda a sua disposição pueril, em direção à porta; e, ele, não se negando a ir, a acompanhou.

Uma voz terrível ecoou pela sala. “Tragam aqui o baú do Mestre Scrooge, já!”, e na sala apareceu o próprio diretor da escola, que olhando para Scrooge com uma condescendência feroz, lançou-o em um terrível estado de espírito ao cumprimentar-lhe com as mãos. Ele então os conduziu até um espaço afastado que servia de sala de estar e que nunca tinham visto antes, onde os mapas sobre as paredes e os globos terrestres e celestes nas vitrinas das estantes estavam amarelados pelo frio. Ali ele providenciou uma garrafa de um vinho suave e um pedaço de bolo pesado, e serviu essas guloseimas aos jovens; na mesma ocasião, mandou um serviçal magrelo oferecer uma taça de qualquer coisa ao cocheiro, que respondeu que agradecia ao cavalheiro, mas que se fosse a mesma porcaria que tinha tomado antes, ele preferia não. O baú de Mestre Scrooge foi atado no topo da carruagem; as crianças se despediram carinhosamente do diretor da escola, tomaram assento no carro que percorreu alegremente a alameda do jardim: suas rodas faziam voar, à sua passagem, estilhaços de neve, que salpicaram as folhas escuras de sempre-verde.

“Sempre foi uma criatura delicada, sensível a mais leve alteração”, disse o Fantasma, “mas dona de um grande coração!”

“Sim ela tinha”, disse Scrooge. “Você está certo, não protestarei contra isso. Deus é minha testemunha!”

“Ela morreu ainda jovem”, disse o Fantasma, “e acredito que deixou alguns filhos”.

“Um filho”, respondeu Scrooge.

“Verdade”, disse o Fantasma. “Seu sobrinho!”

Scrooge parecia desconfortável com essa lembrança; e respondeu secamente “Sim”.

Logo que deixaram aqueles momentos vividos na escola para trás,

viram-se nas ruas movimentadas de uma cidade, aonde sombras de transeuntes iam e viam; onde sombras de carruagens e carroças lutavam por um espaço nas vias, e onde existiam todo o tumulto e agitação de uma cidade de verdade. Estava claro, pela decoração das lojas, que era novamente a época do Natal; mas estava anoitecendo, com todas as luzes iluminadas.

O Fantasma parou diante de uma porta de armazém e perguntou a Scrooge se este conhecia onde estavam.

“Sim, eu a conheço!”, disse Scrooge. “Eu fui aprendiz aqui!”

Eles entraram. Ao ver um velho cavalheiro com sua peruca de lã gaulesa, sentando por detrás de uma escrivaninha bem alta, tão alta que se ele fosse quatro centímetros mais alto bateria a cabeça no teto, Scrooge deu um grito de contentamento:

“Mas veja, é o velho Fezziwig! Bendito seja; Fezziwig está vivo novamente!”

O velho Fezziwig deixou de lado a pena com que escrevia e olhou para o relógio que já marcava sete horas da noite. Ele esfregou as mãos; ajustou o colete, rindo consigo mesmo, mostrando toda a sua benevolência; em seguida disse com sua voz jovial, confortável, rica, grossa e sonora:

“Olá, vocês aí! Ebenezer! Dick!”

O velho Scrooge, agora um jovem adulto, veio correndo rapidamente, acompanhado pelo seu colega de aprendizado.

“Dick Wilkins, veja só!”, disse Scrooge ao Fantasma. “Sim, abençoado veja. Lá está ele. É Dick mesmo; ele era muito próximo de mim. Pobre Dick! Meu caro, Dick!”

“Vocês aí, meus meninos!”, disse Fezziwig. “Ninguém deve trabalhar hoje à noite. É véspera de Natal, Dick! É Natal, Ebenezer! Vamos fechar por hoje”, gritou o velho Fezziwig, com um rápido bater de mãos, “antes que alguém possa dizer, Jack Robinson!”

Vocês não têm ideia de como esses dois correram com isso! Eles correram para a rua com as trincas das portas – um, dois, três – e todas elas já estavam no lugar – quatro, cinco, seis – trancadas e presas – sete, oito, nova – e já estavam eles de volta parecendo cavalos de corrida, antes que se pudesse contar até doze,

“Urra!”, gritou o velho Fezziwig, pulando de sua escrivaninha, com uma agilidade maravilhosa. “Vamos limpar tudo, meus meninos; e conseguir um pouco mais de espaço por aqui. Vamos, Dick! Depressa, Ebenezer!”

Limpar tudo! Não havia nada que eles não pudessem limpar ou que não pudesse ser limpo com tanta animação do velho Fezziwig. Tudo foi arranjo em menos de um minuto. Todos os móveis foram afastados, como se tivessem desaparecido das vistas das pessoas para sempre; o piso foi varrido e lavado, os candelabros foram enfeitados, a lareira foi abastecida com lenha e, assim, o armazém se transformou em um salão de baile confortável, quente, seco e

limpo, como se poderia desejar de um lugar para se passar uma noite de inverno.

Nesse instante chegou um violinista com um caderno de músicas, e subindo em um estrado, que serviria para uma orquestra inteira, começou a afinação, mas que parecia mais com fortes dores de barriga. A senhora Fezziwig chegou, com seu sorriso costumeiro. Também vieram as três senhoritas Fezziwig, sempre resplandecentes e adoráveis e logo atrás os seis jovens pretendentes cujos corações elas quebravam. Vieram todos os jovens e suas mulheres que trabalhavam no negócio. A criada com o seu primo, o padeiro, a cozinheira com o amigo íntimo do seu irmão, o leiteiro, o rapazinho do outro lado da rua que parecia passar fome em casa de seu patrão, e que procurava se esconder por trás da criada da casa ao lado que sempre tinha as orelhas puxadas por sua patroa. Todos vieram, um após o outro; alguns com timidez, outros com coragem; alguns graciosamente, outros desajeitados; alguns empurrando e outros sendo empurrados. Assim todos vieram, de um modo ou de outro. Todos se afastaram, vinte casais de uma vez; mãos que iam e que vinham pelo outro lado; que se abaixavam até a metade e que se erguiam novamente; rodando e rodopiando de várias maneiras, assim seguia tal grupo adorável; o casal da frente sempre terminava no lugar errado e o casal do fundo acabava em seu lugar, tão logo eles chegavam lá; todos os casais acabavam na frente e nenhum no fundo para ajudar na dança. Quando viu o resultado disso tudo, o velho Fezziwig, batendo as suas mãos, parou a dança, gritando alto, “Muito bem!”, e o violinista mergulhou o seu rosto avermelhado de calor dentro de uma caneca de louça, especialmente providenciada para esse fim. Mas desprezando qualquer descanso, logo que reapareceu, começou a tocar novamente, embora ninguém dançasse ainda; tocava como se o velho violinista tivesse sido levado para casa completamente exausto e um novo, que ninguém tinha visto ainda, resolvesse superá-lo ou morresse tentando.

Houve então mais danças, e depois algumas brincadeiras, e mais danças ainda; serviram bolo e uma espécie de vinho quente; serviram um grande pedaço de rosbife e uma grande peça de presunto assado, além de empanadas de carne moída e cerveja à vontade. Mas a grande apoteose da noite, depois de servidos os assados, foi quando o violinista (um homem matreiro que entendia muito bem do seu ofício, muito melhor do que eu ou você!) gritou “Sir Roger de Coverley”. O velho Fezziwig correu para dançar com a senhora Fezziwig, conduzindo a dança com grande maestria à frente de vinte e três ou vinte e quatro casais que sabiam realmente o que estavam fazendo; pessoas que sabiam dançar de verdade e não simplesmente dar uma voltinha.

Mas vocês acham que eles só dançaram uma vez; não, dançaram quatro vezes, tendo o velho Fezziwig à frente sempre acompanhado pela senhora Fezziwig. Sempre *ela*, o que valorizava por demais a palavra ‘companheira’ em todos os aspectos da palavra. Se aquilo não era um elogio dos melhores, mostre-me outro que passarei a usá-lo. As pernas de Fezziwig pareciam emitir um clarão radiante, brilhando como a lua durante toda a dança. Não se poderia prever o que viria a seguir, e quando o velho Fezziwig e sua esposa continuaram a dançar, avançando e recuando, de mãos dadas com os seus parceiros, curvando-se e

cumprimentando; torcendo-se como um fio de costura e retornando novamente ao seu lugar; foi nesse ponto que Fezziwig saltou no ar e cruzou as pernas como se as mesmas fossem muito leves, caindo logo em seguida sobre os pés sem nem perder o equilíbrio.

Quando o relógio bateu onze horas, o baile terminou. O senhor e a senhora Fezziwig se postaram diante da porta, cada um de um lado, e cumprimentaram todos, individualmente, assim que saíam, desejando a todos um Feliz Natal. Quando todos se retiraram, restando apenas os dois aprendizes, disseram o mesmo aos dois; e assim, as vozes animadas desapareceram e os rapazes foram para as suas camas, que ficavam debaixo de um balcão nos fundos da loja.

Durante todo esse tempo, Scrooge se comportava como um homem fora de si. Seu coração e sua alma estavam ali naquela cena, junto com a imagem mais jovem dele mesmo. Ele concordava com tudo, se lembrava de tudo, apreciava tudo e experimentava a mais estranha agitação. E somente no momento em que os rostos iluminados dele e de Dick se retiraram que ele se lembrou da presença do Fantasma; e ficou ciente que ele o observava com muita atenção e que a luz sobre a cabeça dele brilhava com muita intensidade.

“Como uma coisa tão sem importância”, disse o Fantasma, “pode inspirar tanta gratidão a essas pessoas tolas”.

“Sem importância!”, repetiu Scrooge.

O Espírito lhe pediu que ouvisse o que os dois aprendizes diziam, louvando a gentileza de Fezziwig; e assim que ele assim o fez, continuou:

“Mas veja só! Por que de tudo isso? Ele apenas gastou um pouco de seu dinheiro mortal: três ou quatro libras se tanto. Será que ele merecia tanto ser louvado assim?”

“Não é isso”, disse Scrooge, irritado pela observação e falando inconscientemente como o jovem Scrooge faria. “Não é isso, Espírito. Fezziwig tem a capacidade de nos fazer felizes ou infelizes; de tornar o nosso trabalho leve ou fatigante; de torná-lo um prazer ou uma labuta. Digo que o seu poder está nas palavras e nas atitudes; em coisas tão frágeis e insignificantes que é impossível calcular o preço delas: percebe? A felicidade que ele proporciona é tão grande quanto a maior das fortunas”.

Ele percebeu o olhar do Espírito e parou.

“Qual o problema?”, perguntou o Fantasma.

“Nada em particular”, disse Scrooge.

“Há algo com certeza” insistiu o Fantasma.

“Nada”, disse Scrooge. “Nada. Eu deveria ter sido capaz de dizer algo ao meu patrão nesse momento! É isso, afinal”.

O jovem Scrooge apagou os candelabros, assim que ele manifestou esse desejo; e Scrooge e o Fantasma mais uma vez ficaram lado a lado num campo

aberto.

“Meu tempo se esgota”, observou o Espírito. “Rápido!”

Isso não foi falado a Scrooge ou a qualquer outro que ele pudesse ter visto, mas produziu um efeito imediato. Mais uma vez Scrooge viu a si mesmo. Ele estava mais velho, agora; um homem no frescor dos anos. Seu rosto não apresentava as rugas e as marcas dos anos posteriores; mas começa a mostrar os sinais de preocupação e da avareza. Havia um movimento ávido, ganancioso e incontinente nos olhos, que mostrava a aflição que ganhava raízes e em cuja sombra se lançaria.

Ele não estava sozinho, mas sentado ao lado de uma bela jovem em trajes de luto; nos olhos dela havia lágrimas que brilhavam à luz que emanava do Fantasma dos Natais Passados.

“Isso pouco importa”, ela disse, suavemente. “Muito pouco para você. Um outro ídolo me substituiu junto de você; e se ele for capaz de confortá-lo e encorajá-lo nos tempos que virão, do mesmo modo que eu faria, nada tenho que me lamentar afinal”.

“Mas que ídolo a substituiu?”, ele respondeu.

“Um ídolo de ouro”.

“Este é o comportamento imparcial do mundo!”, disse ele. “Não há nada mais duro nele que a pobreza; e não há nada que seja professado com mais severidade que a condenação da busca da prosperidade!”

“Você teme demais o mundo”, ela respondeu, gentilmente. “Todas as suas outras esperanças desapareceram diante da esperança de estar além da mudança provocada por esta sórdida repreensão. Eu pude ver suas mais nobres aspirações caírem uma a uma, até que o seu desejo principal, o Lucro, tomasse conta completamente de você. Não é verdade?”

“E o que isso importa?”, ele respondeu. “Mesmo que eu me tornasse mais prudente com o tempo, o que isso importa? Eu não mudei em nada com relação a você”.

Ela apenas balançou a sua cabeça.

“Mudei?”

“Nosso compromisso é de longa data. Ele foi assumido quando nós dois éramos pobres e nos contentávamos por sermos assim, até que pudéssemos melhorar nosso destino material através de nosso trabalho paciente. Você *está* mudado. Quando nos comprometemos um com o outro, você era um outro tipo de homem”.

“Eu era um menino”, ele disse impacientemente.

“Os seus próprios sentimentos lhe dizem que você não era aquilo que você é agora”, ela respondeu. “Eu ainda a sou. Aquele que prometia felicidade quando nós estávamos ligados em um só propósito, agora está cheio de miséria e fez com que nos separássemos. Não lhe direi quantas vezes pensei nisso, com

tanta frequência e tanto afinco. Basta apenas que você saiba que eu *pensei* e que por isso eu lhe devolvo a liberdade”.

“Por acaso eu lhe pedi para ser liberado?”

“Não, nunca através de palavras”.

“Como então?”

“Através da mudança de sua natureza; na mudança de seu comportamento; em um outro modo de vida; outros objetivos a serem perseguidos. Em tudo que fizesse que meu amor tivesse outro valor ou importância aos seus olhos. Se isso nunca tivesse existido entre nós”, disse a jovem, olhando docemente, mas ao mesmo tempo com firmeza, para ele, “diga-me se você me procuraria e tentaria me conquistar agora! Ah, não, certamente que não”.

Ele pareceu se render à certeza dessa suposição, apesar de se referir a ele mesmo. Mas ainda assim, ele disse com firmeza, “Eu não penso assim”.

“Eu alegremente pensaria de outro modo, se eu pudesse”, ela respondeu. “Tenho o céu por testemunha. Quando *eu* descobri a verdade de tudo isso, eu soube o quão forte e irrefutável ela devia ser. Mas se você estivesse livre hoje, amanhã ou mesmo ontem, eu mesma poderia acreditar que você escolheria uma jovem sem posses – justo você que na intimidade mede absolutamente tudo pelo Lucro; ou mesmo se você a escolhesse seria falso o suficiente para não considerar esse seu princípio norteador – mas sei que rapidamente você repeliaria esse arrependimento e essa lamentação. Assim, eu o libero. Com o coração despedaçado por ter conhecido o amor que existiu em você um dia”.

Ele estava pronto para lhe responder, mas assim que ela olhou novamente para ele, continuou a dizer.

“Você pode se lamentar disso e a lembrança do que já se passou me dá a certeza de que você sentirá isso. Mas logo, logo, você deixará de lado toda a lembrança disso, como um sonho ruim, do qual nos aliviamos quando despertamos. Que você seja feliz com a vida que você escolheu!”

Ela o deixou e eles se separaram.

“Espírito!”, disse Scrooge, “não me mostre mais nada disso! Leve-me para casa. Por que você tem tanto prazer em me torturar?”

“Vou lhe mostrar mais uma sobra!”, disse o Fantasma.

“Não, nenhuma mais!”, implorou Scrooge. “Nenhuma mais. Eu não desejo vê-la. Não me mostre mais nada!”

Mas o inflexível Fantasma pegou-lhe pelos braços e forçou-o a observar o que veio em seguida.

Eles estavam diante de uma outra cena e em outro lugar; uma sala, nem muito grande, nem muito bonita, mas confortável apesar de tudo. Próximo ao fogo da lareira estava sentada uma bela jovem, tão bonita quanto a outra, o que

fez com que Scrooge acreditasse ser a mesma que antes, até que ele a viu, transformada em uma bela mulher casada, sentada em frente à filha. O barulho na sala era muito perturbador, pois havia mais crianças lá do que Scrooge pudesse contar, em função do seu estado de espírito; e diferente do que foi relatado naquele famoso poema, elas não eram crianças agindo como uma só, mas sim cada uma delas agindo como se fossem quarenta. As consequências disso eram piores do que se podia acreditar; mas ninguém parecia se importar com isso; pelo contrário, a mãe e a filha riam alegremente e apreciavam cada minuto disso; e esta última, assim que resolveu tomar parte das brincadeiras, foi assaltada pelos jovens bandoleiros quase que brutalmente. O que eu não daria para ser um deles! Embora eu nunca tivesse sido tão rude, não, não! Por tudo o que há de mais sagrado, eu jamais puxaria e torceria aquele cabelo trançado; e por Deus, eu jamais arrancaria aqueles sapatinhos preciosos! Juro por minha vida; do mesmo modo agarrar a cintura dela, como aqueles jovens audaciosos; eu esperaria que meu braço sofresse alguma sorte de punição por causa disso e assim nunca tentaria novamente. E como eu adoraria tocar-lhe nos lábios, sim, eu confesso; fazer-lhe perguntas apenas para vê-los se abrindo; admirar os cílios dos seus olhos abatidos, sem nunca corar; perder-se nos cachos de seus cabelos, sendo que um centímetro sequer deles seria para mim inestimável; resumindo, eu adoraria, realmente confesso, ter a licença inocente de uma criança e ainda assim ser adulto o suficiente para saber dar-lhe valor.

Naquela hora uma batida na porta foi ouvida, e um verdadeiro tumulto se seguiu, que a jovem, rindo-se e com a roupa em desordem, foi arrastada para o centro de um grupo ruidoso e acalorado, bem a tempo de receber o pai, que acompanhado por um homem carregado de brinquedos e presentes de Natal. Imaginem os gritos, a luta e os ataques a que este indefeso homem foi submetido! Eles escalaram-no, usando cadeiras como escadas, mergulhando em seus bolsos, espoliando-o dos pacotes embrulhados em papel pardo, dependurando-se em sua gravata, agarrando-o pelo pescoço, batendo-lhe nas costas e chutando as suas pernas de um modo totalmente irrepreensível! Mas com que gritos maravilhados e cheios de prazer foram recebidos cada um dos pacotes! Que terrível emoção ao verem que o bebê foi pego no ato, colocando uma panelinha de brinquedo na boca, e mais ainda a suspeita dele ter engolido um peru de mentira, que estava colado a um pratinho de madeira! Que imenso alívio de se descobrir que tinha sido um alarme falso! Que alegria, que gratidão, que êxtase! Tudo era absolutamente indescritível. E chegada a hora de se recolherem, as crianças e suas emoções se retiraram da sala, subindo as escadas todas de uma vez, até o andar superior da casa, onde foram para a cama e assim se acalmaram.

E nesse instante, Scrooge observou mais atentamente do que antes, pois o dono da casa, uma vez que sua filha carinhosamente se apoiou nele, sentou-se com ela e sua mãe ao lado da lareira; e quando ele pensou que uma criaturinha como aquela, tão cheia de graça e de promessas, poderia ter lhe chamado de pai, e ser a primavera do amargo inverno de sua vida, seus olhos se encheram completamente de lágrimas.

“Belle”, disse o marido, dirigindo-se para a sua esposa com um sorriso, “eu vi um velho amigo seu esta tarde”.

“Quem era?”

“Adivinhe!”

“Como eu poderia? Não sei, não sei dizer”, falando do mesmo modo, sorrindo como ele sorria. “Senhor Scrooge”.

“Sim, o senhor Scrooge. Eu passei diante da janela do escritório dele; e como ela não estava fechada e havia uma vela acesa lá dentro, eu pude vê-lo lá, mesmo com dificuldade. Seu sócio estava à beira da morte, pelo que ouvi; e ele estava lá sentado sozinho. Parecia o ser mais solitário do mundo”.

“Espírito!”, disse Scrooge com a voz embargada, “tire-me deste lugar”.

“Eu já lhe disse que estas são sombras de coisas que já aconteceram”, disse o Fantasma. “Elas são apenas o que elas são, não me culpe por isso!”

“Leve-me daqui!”, Scrooge exclamou, “Não posso tolerar isto!”

Ele se virou para o Fantasma, e pareceu que ao olhar para a sua face, de algum modo estranho, surgiram fragmentos de todos os rostos que ele tinha lhe mostrado anteriormente, como em uma luta.

“Deixe-me! Leve-me de volta. Não me assombre mais!”

Na luta, se alguém pode chamar de luta a qual o Fantasma, sem resistência aparente, permanecia insensível aos esforços do seu adversário, Scrooge percebeu que a luz que surgia da cabeça do fantasma tornava-se cada vez mais alta e clara; e associando vagamente a influência daquela sobre ele, tomou o chapéu-extintor e através de uma ação repentina meteu-lhe sobre a cabeça do primeiro.

O Espírito desapareceu sobre ele, uma vez que o chapéu lhe cobriu completamente; mas apesar de Scrooge pressioná-lo para baixo com toda a sua força, ele não conseguiu ocultar a luz, que ainda jorrava por sob ele com um fluxo contínuo sobre o solo.

Ele estava ciente de estar completamente exausto, e uma irresistível sonolência tomou conta dele; e logo em seguida, viu que se encontrava novamente em seu quarto. Ele ainda tentou novamente apertar com força o chapéu do Fantasma, mas suas mãos perderam a força; e sendo assim, mal teve tempo de cambalear até a cama, caindo em um sono profundo.

[1] No original “...would have become a mere United States’ security...” se refere aos títulos da dívida do governo norte-americano que à época nada valiam em função da grave crise que se desenrolou a partir do ‘Pânico de 1837’ e que perdurou até 1843, ano da publicação de “Um Cântico de Natal’. Durante esta crise, os bancos pararam de pagar ou recomprar os títulos do tesouro norte-americano gerando uma crise monetária de aproximadamente 100 milhões de

dólares à época e levando à falência praticamente 50% das instituições bancárias do país. (N.T.)

[2] Valentino e Orson eram irmãos gêmeos, protagonistas e heróis de antigos romances. Eles nasceram em uma floresta, sendo que Orson foi raptado por ursos e Valentino levado para um palácio magnífico. (N.T.)

[3] Essa passagem se refere a algumas histórias constantes das “Mil e Uma Noites” (N.T.)

TERCEIRO MOVIMENTO

O Segundo dos Três Espíritos

DESPERTANDO no meio de um violento e extraordinário ronco, e sentando-se na cama, tentando entender tudo o que lhe acontecera, Scrooge nem precisou ser avisado que o sino mais uma vez soaria Uma Hora. Ele percebeu que foi trazido novamente à consciência na hora exata de travar o propósito especial de se encontrar com o segundo mensageiro mandado para ele através da intervenção de Jacob Marley. Mas, tomado por um calafrio desconfortável na medida em que começava a imaginar por trás de qual das cortinas este novo espectro apareceria, abriu todas de uma só vez, com suas próprias mãos; e deitando-se novamente ficou a fitar atentamente todos os lados da cama, pois ele desejava desafiar o Espírito no momento exato de sua aparição e não queria ser pego de surpresa, o que lhe deixava nervoso.

Cavaleiros sem muitas cerimônias, que se arvoram como sendo capazes de tudo, e geralmente agindo da mesma forma não importando a hora do dia, expressam a sua grande audácia, observando que servem para qualquer coisa, desde uma simples brincadeira de criança até um ato de homicídio; entre esses extremos, sem dúvida, há sempre um espaço tolerável e uma ampla variedade de temas. Sem me aventurar a dizer que Scrooge se enquadraria nesse tipo de pessoa, não me importo em dizer que acredito que ele estivesse pronto para um amplo rol de estranhas aparições, e que nada entre um bebê e um rinoceronte o impressionaria muito.

Agora, estando preparado para quase tudo, ele ainda não estava preparado para não ver nada; e conseqüentemente, quando o sino bateu Uma Hora, e nenhuma aparição surgiu, ele foi tomado inteirinho por um violento tremor. Cinco minutos, dez minutos, um quarto de hora se passou e ainda nada surgia. Por todo esse tempo, enquanto permanecia deitado em sua cama, a parte mais intensa da chama de uma forte luz brilhante se espalhou sobre a sua cama, quando o relógio soou uma hora; e, sendo somente uma luz, era mais alarmante que uma dúzia de fantasmas, justamente por ele ser incapaz de descobrir o que ela significava ou o que ela era; chegou mesmo a ficar apreensivo de que ele pudesse estar sendo vítima de algum caso interessante de combustão espontânea, sem ter a certeza de saber bem o que era. Por fim, entretanto, ele começou a pensar – como você ou eu pensaríamos desde o começo; pois é sempre a pessoa e não a situação que sabe o que pode ser feito na ocasião e de modo inquestionável se assim também se pode dizer – afinal ele começou a pensar que a fonte e o segredo dessa luz fantasmagórica pudessem estar na sala ao lado, da qual ela parecia brilhar. Essa ideia começando a tomar conta de sua mente, fez com que ele se levantasse e, metido em seus chinelos, deslizesse até a porta.

No exato momento em que mão de Scrooge estava sobre a fechadura, uma estranha voz chamou pelo seu nome, e lhe ordenou que entrasse. Assim ele obedeceu.

Era a sua sala, sem dúvida alguma disso, mas ela tinha passado por uma surpreendente transformação. As paredes e o teto estão completamente enfeitados de azevinho, dando-lhe um aspecto perfeito de uma alameda; em toda parte deles, enfeites brilhantes e resplandecentes cintilavam. As folhas retorcidas de unha-de-gato, visco e hera refletiam a luz, como se uma grande quantidade de pequeno espelhos estivessem espalhados ali; e labaredas poderosas rugiam pela chaminé, de um modo que aquela sombria lareira de pedras nunca tinha visto no tempo de Scrooge, ou mesmo no de Marley, ou mesmo durante muitos e muitos invernos pelos quais ela passou. Amontoados no piso, formando um tipo de trono, havia perus, gansos, carnes de caça, frangos e porcos, grandes porções de carne, presuntos, longos pedaços de salsichas, empadões de carne moída, pudins de ameixa, tigelas com ostras, castanhas assadas, maçãs cozidas, laranjas suculentas, peras deliciosas, imensos bolos-de-reis e tigelas transbordando de ponche, que faziam com que a câmara se turvasse com tantos aromas deliciosos. Refestelado sobre esta poltrona, havia um Gigante, transbordando alegria, glorioso de se ver, portando um archote flamejante, no formato de uma cornucópia, bem para o alto, bem lá em cima, derramando sua luz sobre Scrooge, na medida em que este se esgueirava pela porta.

“Entre!”, exclamou o Fantasma. “Entre e venha me conhecer melhor, homem!”

Scrooge entrou timidamente e postou-se diante desse Espírito. Ele não era o Scrooge intratável que costumava ser; e embora os olhos do Espírito fossem claros e cheios de bondade, ele não gostava de encará-los.

“Eu sou o Fantasma do Natal Presente”, disse o Espírito. “Olhe para mim!”

Scrooge olhou para ele, cheio de reverência. Ele estava vestido apenas com um simples roupão verde – ou seria um manto? – arrematado com uma pelagem branca. Esse manto o vestia com tanta folga, perdido sobre a sua figura, que revelava o seu amplo peito nu, como se evitasse ser protegido ou escondido por algum ardil. Seus pés, que podiam ser vistos sob as amplas dobras do manto, também estavam nus, e sobre a sua cabeça não havia nada mais senão uma guirlanda de azevinho, decorada por toda parte com pedaços de gelo cintilantes. Longas madeixas de um castanho escuro caíam livremente, tão livremente quanto o seu rosto genial, os seus olhos brilhantes, suas mãos generosas, sua voz bem humorada, seu comportamento desembaraçado e seu ar cheio de contentamento. Atada ao redor de sua cintura se achava uma antiga bainha, mas sem qualquer espada dentro dela, uma bainha tão antiga que se consumia pela ferrugem.

“Você por acaso já esteve diante de mim antes?”, exclamou o Espírito.

“Nunca”, respondeu Scrooge, prontamente.

“Você nunca caminhou com os membros mais jovens de minha família; quer dizer (pois sou um dos mais jovens) meus irmãos mais velhos nascidos nestes últimos anos?”, continuou o Fantasma.

“Acredito que não tenha”, disse Scrooge. “Temo que não tenha. Você tem muitos irmãos, Espírito?”

“Mais de mil e oitocentos”, disse o Fantasma.

“Uma tremenda família para se manter!”, resmungou Scrooge.

O Fantasma do Natal Presente se levantou.

“Espírito”, disse Scrooge cheio de submissão, “leve-me para onde desejar. Noite passada sai contra minha vontade, e aprendi uma lição que já está funcionando. Hoje à noite, se você tiver algo a me ensinar, deixe-me tirar o melhor proveito de tudo”.

“Toque em meu manto!”

Scrooge assim o fez, prontamente, como lhe foi pedido.

Azevinhos, viscos, groselhas, heras, perus, gansos, carne de caça, frangos, carne de porco, assados, pernis, linguças, ostras, tortas, pudins, frutas e ponches, tudo desapareceu instantaneamente. Do mesmo modo que a sala, a lareira, a forte luz brilhante e a hora noturna, e assim se encontraram de pé nas ruas da cidade na manhã de Natal, onde as pessoas produziam um som áspero (pois o tempo estava muito ruim), apesar de rápido e não totalmente desagradável, como um tipo de música única, ao remover a neve do piso diante de suas moradias e do telhado de suas casas: tudo isso era simplesmente delicioso para os meninos que viam a neve sendo jogada rua abaixo, transformada em pequenas nevascas artificiais.

As fachadas das casas pareciam completamente negras, e suas janelas mais negras ainda, em contraste com a suave cobertura de neve sobre os telhados e com a neve mais suja que se acumulava no solo, lavrada pelas pesadas rodas das carruagens e das carroças, produzindo grandes sulcos, sulcos esses que cruzavam e se cruzavam outras centenas de vezes, onde as ruas principais se encruzilhavam, criando intrincados canais, difíceis de se acompanhar devido à mistura de uma grossa lama amarelada e de água congelada. O céu estava sombrio, e as ruas secundárias estavam sufocadas com uma neblina escura, meio derretida e meio congelada, cujas porções mais pesadas desciam transformadas em uma chuva de gotículas de fuligem, como se todas as chaminés da Grã-Bretanha tivessem sido acesas ao mesmo tempo, e estivessem lançando o conteúdo de seus corações. Não havia nenhuma animação no clima ou na cidade, ainda que houvesse no ar um clima de animação que nem o mais límpido ar ou o mais brilhante sol de verão fosse capaz de difundir em vão.

Para as pessoas que retiravam a neve do alto das casas tudo era alegria e repleto de regozijo; gritando uns com os outros dos parapeitos, atirando por todos os lados bolas de neve – misseis de uma natureza muito melhor que certos

gracejos que são lançados – rindo de todo o coração como se tudo aquilo fosse uma grande brincadeira e não existisse nada de errado em tudo. As granjas ainda estavam abrindo as suas portas e os vendedores de frutas resplandeciam em glória. Havia grandes cestas, repletas, abarrotadas de castanhas, no formato de coletes de velhos e alegres cavaleiros, apoiadas às portas e obstruindo a rua com sua imóvel opulência. Havia grandes cebolas espanholas, de um castanho avermelhado, brilhando na abundância de suas formas como monges espanhóis, piscando a partir de suas prateleiras com dissimulação brincalhona para as garotas que passavam por elas, cintilando com discrição do alto das réstias penduradas. Havia peras e maçãs, reunidas em pirâmides florescentes; havia cachos de uvas, que o benevolente quitandeiro pendurou bem à vista para que a boca das pessoas se enchesse de água, sem que isso lhes custasse nada; havia pilhas de nozes, tenras e maduras, cujas fragrâncias remetiam a caminhadas nos bosques e passeios sobre folhas secas; havia tortas de maçãs à moda de Norfolk, fartas e bem assadas, que contrastavam com o amarelo das laranjas e dos limões, e na companhia de seus vizinhos suculentos, imploravam e rogavam urgentemente para serem levados para casa em sacos de papel para serem degustados após o jantar. Mesmo os peixes dourados e prateados, mantidos em tigelas entre estas frutas selecionadas, apesar de personagens de um drama sombrio e sanguinário, aparentavam saber que algo acontecia; e dentro de seu pequeno mundo circulavam com uma agitação lenta e sem paixão.

As mercearias! Ah, as mercearias! Estavam quase fechadas, com uma ou duas de suas portas já abaixadas, mas ainda permitiam um grande espetáculo pelos vãos das portas! Não era somente o alegre ruído das balanças contra os balcões, ou as folhas e cordões de embrulhos cortados tão rapidamente, ou as caixas de vasilhames que se agitavam para cima e para baixo como numa brincadeira de gangorra, ou ainda os aromas misturados de chá e café tão agradáveis ao olfato, ou as uvas-passas tão abundantes e esplendidas, as amêndoas tão brancas, os paus-de-canela tão compridos e firmes, as outras especiarias tão deliciosas; as frutas cristalizadas tão cozidas e cobertas por açúcar de confeitiro que lançariam até o mais insensível dos expectadores em um desejo incontido. Nem eram os figos suculentos e carnudos, ou as ameixas francesas ruborizadas por sua modesta aspereza dentro de suas caixas decoradas, ou mesmo tudo que era bom de se comer e ter na ceia de Natal, mas sim, os clientes, tão agitados e tão apressados pela promessa esperançosa do dia, que trombavam uns com os outros nas portas, derrubando as cestas de vime, esquecendo os seus pacotes sobre os balcões, e correndo para buscá-los, cometendo centenas desses pequenos erros, com o melhor dos humores possível, enquanto que o dono da mercearia e seus funcionários estavam tão solícitos e dispostos, atendendo a todos com tamanha presteza e rapidez como se estivessem prontos para uma inspeção geral, ou beliscados pelos corvos natalinos^[1].

Mas logo os campanários convocaram todo boa gente para as igrejas e capelas, e assim eles foram, aglomerando-se nas ruas com suas melhores roupas e com as mais felizes fisionomias. E ao mesmo tempo inúmeras pessoas emergiram das esquinas das ruas laterais, das alamedas e das vielas sem nome,

carregando o conteúdo de suas ceias até as padarias. A visão desses pobres celebrantes parecia interessar por demais ao espírito, e permanecendo ao lado de Scrooge em frente à porta de uma padaria, retirava a cobertura dos assados assim que os seus portadores passavam, derramando incenso de seu archote sobre os seus jantares. E este era um tipo muito incomum de archote, pois, por mais de uma vez, quando palavras mais ríspidas eram faladas entre algumas pessoas que se chocavam, carregando as suas ceias, ele derramava algumas gotas d'água caídas de seu archote, restaurando imediatamente o bom humor deles. E, assim eles diziam, que era uma vergonha se discutir no dia de Natal. E assim era feito! Pois assim era o desejo de Deus, e assim era feito!

E chegou a hora dos sinos pararem de tocar e das padarias fecharem, mas mesmo assim ainda havia uma imagem sobrenatural de todos esses jantares e de todo progresso de cozimento, nas sombras umedecidas sobre os fornos dos padeiros, enegrecendo o pavimento como se as próprias pedras estivessem também cozinhando.

“Há um sabor peculiar nisso que você derrama de seu archote?”, perguntou Scrooge.

“Sim, há. O sabor do Natal”.

“E esse sabor pode ser aplicado a qualquer ceia neste dia?”, perguntou Scrooge.

“Para todas aquelas dadas de bom coração, especialmente às dos mais necessitados”.

“Por que especialmente às dos mais necessitados?”, perguntou Scrooge.

“Por eles precisarem delas ainda mais”.

“Espírito”, disse Scrooge, após um momento de reflexão. “Imagino que, de todos os seres existentes nos muitos mundos sobre nós, você é o que mais deseja propiciar a este povo as oportunidades de um divertimento inocente”.

“Eu mesmo!”, disse o Espírito.

“Você os privaria dos lugares que propiciam uma ceia em um dia santo, se esse fosse o único dia nos quais eles pudessem dizer que realmente cearam?”, disse Scrooge. “Você faria isso?”

“Sim, faria!”, disse o Espírito.

“Você procura fechar esses lugares nos dias santos?”, disse Scrooge. “Eles existem para os mesmos propósitos”.

“Sim, eu procuro!”, exclamou o Espírito.

“Perdoe-me se eu estiver errado. Tudo isso tem sido feito em seu nome, ou pelo menos no de sua família”, disse Scrooge.

“Há alguns desta terra de vocês”, respondeu o Espírito, “que afirmar falar com o nosso consentimento, e cujos atos de ira, orgulho, má-vontade, ódio, inveja, intolerância e egoísmo são feitos em nosso nome, mas afirmo que esses são tão estranhos a nós e a todos os nossos parentes, como se eles nunca tivessem

existido. Lembre-se disso, e impute esses atos a eles próprios, não a nós”.

Scrooge prometeu que se lembraria; e assim eles prosseguiram, invisíveis, como antes, até os subúrbios da cidade. Uma qualidade notável do Fantasma (que Scrooge já tinha observado na padaria) é, que não obstante o seu tamanho gigantesco, ele podia se acomodar em qualquer lugar com facilidade; e que ele podia se colocar embaixo de uma cobertura baixa com tanta graciosidade e satisfação quanto uma criatura sobrenatural podia tornar possível de ser feito em qualquer sala espaçosa.

E talvez este fosse o grande prazer que o bom Espírito tinha ao demonstrar seus poderes, ou fosse talvez por sua própria qualidade, generosidade, natureza cordial e simpatia por todos os pobres homens que o levaram direto ao funcionário de Scrooge; ele foi direto até ele, com Scrooge junto dele, segurando o seu manto; e nos umbrais da porta, o Espírito sorriu e parou para abençoar a residência de Bob Cratchit com o conteúdo de seu archote. Lembre-se disso! Bob recebia apenas quinze xelins por semana; ele economizava aos sábados, mas ainda assim eram apenas quinze xelins; e por isso o Fantasma do Natal Presente abençoou sua casa de quatro cômodos!

Foi aí que surgiu a Sra. Cratchit, a esposa de Cratchit, vestida modestamente, num vestido surrado, mas enfeitado com faixas, que são baratas e fazem uma boa vista por apenas alguns centavos; e estava pondo a mesa, ajudada por Belinda Cratchit, a segunda de suas filhas, também toda enfeitada com fitas; enquanto, o jovem Peter Cratchit, metido em seu enorme cachecol (que pertencia a Bob, que lhe emprestou a seu filho e herdeiro, em honra a um dia tão especial) espetava um garfo no caldeirão de batatas, alegrando-se por estar tão galantemente vestido, e orgulhoso por poder se exibir nos parques da moda. Nesse mesmo instante, os dois filhos mais novos dos Cratchit, um menino e uma menina, entraram chorando e gritando que tinham sentido o cheiro de ganso assado vindo da padaria do outro lado da rua, e sabiam que era o ganso deles; e atirando-se em pensamentos deliciosos, ao pensarem no tempero de sálvia e cebolas, dançaram em torno da mesa, exaltando o jovem Peter Cratchit até os céus, enquanto ele (cheio de modéstia, apesar de seu colarinho o estar praticamente sufocando), assoprou o fogo, até que as lentas batatas borbulhassem, ruidosamente se chocando contra a tampa da panela, alertando já estarem cozidas e prontas para serem descascadas.

“O que será que está prendendo o seu querido pai...”, disse Sra. Cratchit. “E seu irmão, o pequeno Tim! E Martha? No último Natal, ela chegou pelo menos meia hora mais cedo!”

“Martha chegou, mamãe!”, disse uma das meninas, aparecendo assim que falou.

“Martha chegou, mamãe!”, gritaram os dois jovens Cratchit. “Viva! Teremos ganso e tanto, Martha!”

“Abençoada seja, minha querida, mas por que chegou tão tarde?”, disse Sra. Cratchit, beijando-a uma dúzia de vezes, e guardando o xale e o chapéu dela,

cheia de zelo.

“Nós tivemos que terminar um trabalho noite passada”, respondeu a menina, “e tivemos que limpar tudo esta manhã, mamãe!”

“Bem! Isto não importa realmente, você chegou afinal”, disse Sra. Cratchit. “Sente-se diante da lareira, minha querida, e se aqueça, bendito seja Deus!”

“Não, não! Papai está chegando!”, gritaram os dois mais jovens, correndo por todos os lados. “Esconda-se, Martha, esconda-se!”.

Assim que Martha se escondeu, o pequeno Bob, o pai, entrou, arrastando pelo chão pelo menos um metro de seu acolchoado, repleto de franjas; suas roupas surradas foram costuradas e escovadas, dando-lhe um aspecto razoável; e carregava o pequeno Tim em seus ombros. Pobre do pequeno Tim, ele usava uma pequena muleta, e tinha as suas pernas presas a uma armação de ferro!

“Mas, onde está a nossa Martha?”, perguntou Bob Cratchit, procurando ao redor.

“Ela não veio”, disse Sra. Cratchit.

“Ela não veio?”, disse Bob, perdendo de repente todo o seu entusiasmo, pois ele tinha carregado Tim por todo o caminho desde a igreja, vindo para casa correndo. “Ela não veio para o dia do Natal!”

Martha não gostou de vê-lo tão desapontado, mesmo que fosse apenas uma brincadeira; e, sendo assim, saiu repentinamente de trás da porta do armário, correndo para os seus braços, enquanto os meninos mais novos atropelavam o pequeno Tim, carregando-o até a lavanderia, para que ele pudesse ouvir o barulho do pudim cozinhando dentro do tacho de cobre.

“E como o pequeno Tim se comportou?”, perguntou Sra. Cratchit, ao mesmo tempo em que ela zombava da incredulidade de Bob e este abraçava a filha, cheio de contentamento.

“Maravilhosamente”, disse Bob. “Às vezes, ele fica lá sentando, pensativo, sozinho com ele mesmo, imaginando as coisas mais estranhas que você pode ouvir. Ele me disse, quando voltávamos para casa, que ele esperava que as pessoas que estavam na igreja, ao olhar para a deficiência dele, pudessem se lembrar neste dia de Natal daquele que fez os aleijados caminhar e os cegos, enxergar”.

A voz de Bob estava embargada ao contar-lhes isso, e ficou ainda mais ao dizer que o pequeno Tim estava crescendo cada vez mais forte e bondoso.

O bater da muletinha no piso foi ouvido, trazendo o pequeno Tim de volta até diante da lareira, acompanhado pelos seus irmãos e irmãs, antes que outra palavra fosse falada; Bob, então, arregaçou as suas mangas – como se elas fossem capazes de ficarem ainda mais puidas – combinando em um jarro alguns ingredientes quentes com gim e limões, misturando vigorosamente e colocando-os perto do fogão para conservar o calor; o jovem Peter, e dois dos mais agitados dos jovens Cratchit saíram para buscar o ganso, retornando logo depois numa

procissão triunfal.

A agitação que se seguiu foi tamanha que poderia se supor que um ganso fosse a mais rara de todas as aves; um fenômeno emplumado que diante dele um cisne negro seria algo completamente comum; mas na verdade, um ganso naquela casa era algo realmente muito incomum. Sra. Cratchit esquentava o molho de acompanhamento (preparado de antemão em uma pequena caçarola); o jovem Peter esmagava as batatas com um vigor impressionante; a jovem Belinda adoçava o creme de maçãs; Martha enxugava os pratos; Bob colocou o pequeno Tim ao lado dele, num dos cantos da mesa; os dois outros filhos mais novos arrumaram as cadeiras para os demais, não se esquecendo deles mesmos e montando guarda em seus postos, levando as colheres às suas bocas, evitando com isso que exigissem um pedaço de ganso antes que ele fosse servido. Por fim, todos os pratos foram servidos e uma oração de graças foi feita. Todos prenderam a respiração, quando Sra. Cratchit, lentamente, pegou a faca de destrinchar e se preparou para cortar um pedaço do peito; assim que ela o fez, e quando o tão esperado recheio brotou de dentro dele, um murmúrio de deleito surgiu na boca de todos os presentes, e, mesmo o pequeno Tim, incentivado pelos dois irmãos mais jovens, bateu com o cabo de sua faca na mesa, e com imensa delicadeza, deu vivas ao evento!

Eles nunca tinham visto um ganso como aquele. Bob disse que não acreditava que um ganso como aquele já tivesse sido preparado. O sabor e a delicadeza de sua carne, o tamanho e o preço eram temas da admiração geral de todos. Complementado pelo creme de maçãs e pelo purê de batatas, a ceia era suficiente para toda a família; e, de fato, como Sra Cratchit bem observou com grande delicadeza (deixando uma pequena porção de ossos sobre o prato), eles não chegaram a comer tudo! Todos tinham comido o suficiente, e mesmo os mais jovens, estavam lambuzados de molho até as sobranceiras! Os pratos foram retirados pela jovem Belinda e Sra Cratchit deixou sozinha a sala – emocionada demais para ser vista – para apanhar o pudim e trazê-lo para todos.

Imagine se ele não estivesse bem cozido! Imagine se ele, ao ser desinformado, desmoronasse! Ou ainda que alguém pudesse ter pulado o muro dos fundos e o roubado, enquanto eles se deliciavam com o ganso: uma suposição que fez com que os dois meninos mais novos ficassem lívidos de expectativa! Toda sorte de suposições horríveis foi imaginada.

Mas, ora veja, uma grande nuvem de vapor! O pudim foi tirado de dentro do tacho de cobre. Cheirava um pouco como o dia de se lavar roupas! Mas esse era o cheiro do pano de pratos! Cheirava como se houvesse uma lavanderia localizada entre as portas de um restaurante e de uma confeitaria, tal era o cheiro do pudim! Passados meio minuto, Sra Cratchit voltou, ruborizada, mas com um sorriso cheio de orgulho, trazendo o pudim, semelhante a uma bala de canhão, tão duro e firme, mergulhado em um quarto de conhaque flambado e decorado com um galho de azevinho bem no topo.

Mas que pudim maravilhoso! Bob Cratchit disse com toda certeza possível que ele era o maior sucesso já alcançado pela Sra Cratchit desde que

eles se casaram. Sra Cratchit confessou, agora que a preocupação tinha acabado, que ela possuía algumas dúvidas quanto a quantidade de farinha. Todos tinham algo a dizer sobre ele, mas ninguém reparou ou mesmo pensou que o pudim era pequeno demais para uma família tão grande. Isso seria uma completa heresia, se fosse dito. Qualquer um dos Cratchit se envergonharia se sequer imaginasse tal coisa.

Por fim, a ceia terminou, a mesa foi arrumada, o piso varrido e a lareira foi reabastecida. A bebida do jarro foi provada e considerada perfeita; maçãs e laranjas foram colocadas sobre a mesa, e uma grande porção de castanhas foi colocada na lareira. Toda a família Cratchit se reuniu em torno da lareira, organizados por Bob Cratchit em um círculo, ou pelo menos em meio-círculo; e próximo de Bob Cratchit se encontrava todos os cristais da família; duas taças e uma caneca sem asa.

Estes continham o conteúdo aquecido do jarro, tão bem quanto taças de ouro poderiam conter; e Bob o serviu sob olhares luminosos, enquanto as castanhas assavam e partiam as suas cascas ruidosamente. Foi nessa hora que Bob propôs:

“Um Feliz Natal para todos nós, meus queridos. Deus os abençoe a todos!”

O que foi repetido por toda a família.

“Deus abençoe a todos nós!”, disse o pequeno Tim, o último de todos.

Ele estava sentado em seu banquinho, bem ao lado de seu pai. Bob apanhou a sua mãozinha miúda, mantendo-a entre as suas, pois ele o amava muito e desejava mantê-lo sempre ao seu lado, e temia que ele pudesse ser levado para longe dele.

“Espírito”, disse Scrooge, com um interesse nunca antes demonstrado por ele antes, “diga-me se o pequeno Tim sobreviverá”.

“Eu vejo um lugar vazio”, respondeu o Fantasma, “no canto mais triste junto à lareira, e uma muleta sem dono, cuidadosamente preservada. Se estas sombras se permanecerem inalteradas pelo Futuro, a criança morrerá”.

“Não, não”, disse Scrooge. “Não, por favor, bondoso Espírito! Diga que ele será poupado”.

“Se estas sombras permanecerem inalteradas pelo Futuro, nenhum outro membro de minha raça”, respondeu o Fantasma, “o encontrará por aqui. Mas o que lhe importa? Se ele tiver que morrer, melhor será, pois assim diminuirá o excesso populacional”.

Scrooge abaixou sua cabeça, cheio de penitência e pesar, ao ouvir as suas próprias palavras, citadas pelo Espírito.

“Homem”, disse o Fantasma, “se você for um homem de coração bondoso e não um de coração endurecido se abstenha de certas hipocrisias até que tenha descoberto que excesso populacional é esse e onde ele se encontra. Você que decidirá quais homens devem viver e quais homens devem morrer?”

Pode ser que, aos olhos dos céus, você valha menos e seja menos adequado para a vida que milhões iguais a esta pobre criança. Oh Deus! Ouvir o inseto pousado na folha pronunciar que há muitos de seus semelhantes se debatendo na poeira!”

Scrooge mantinha sua cabeça abaixada diante da censura do Fantasma, olhando para o chão, tremendo por completo. Mas subitamente ergueu seus olhos, ao ouvir seu nome ser mencionado.

“Ao Sr. Scrooge!”, disse Bob; “Um brinde ao Sr. Scrooge que propiciou esta nossa Festa!”

“Que propiciou esta nossa Festa, de fato!”, disse Sra Cratchit, ficando vermelha de nervoso. “Eu desejava que ele estivesse aqui. Eu lhe daria um belo pedaço dessa festa e faria com que ele se regaliasse com tudo”.

“Querida”, disse Bob, “as crianças; é Natal”.

“Mas é preciso que seja Natal, de verdade”, disse ela, “para que bebamos à saúde de um homem tão odioso, mesquinho, rude e sem sentimentos como Sr. Scrooge. Você sabe que ele é assim, Robert! Ninguém o conhece melhor do que você, meu pobre querido!”

“Minha querida”, foi a suave resposta de Bob, “é Natal”.

“Se eu beber a saúde dele, será por você e por ser Natal”, disse Sra Cratchit, “mas não por ele. Que ele viva muito. Um feliz Natal e um feliz ano novo! Ele será muito alegre e muito feliz, disso não tenho dúvida!”

As crianças brindaram logo depois dela. Era a primeira coisa que fazia sem a mínima vontade. O pequeno Tim bebeu por último, mas não chegou a dar dois goles. Scrooge era o bicho-papão daquela família. A simples menção de seu nome lançou uma sombra negra sobre a festa, sombra essa que não desapareceu por muitos minutos.

Depois que essa sombra desapareceu, as festividades ficaram dez vezes mais alegres do que antes, já que a mera menção a Scrooge, o Mesquinho, havia ido com ela. Bob Cratchit contou que tinha um emprego em vista para o jovem Peter, o que lhe renderia, se conseguido, a quantia semanal de 56 pence[2]. Os dois filhos mais jovens riram sem parar com a ideia de Peter se tornar um homem de negócios; e Peter ficou meditando profundamente diante da lareira, dentro de seu colarinho, imaginando quais os investimentos particulares ele poderia realizar ao receber aquela quantia estúpida. Martha, que era uma pobre aprendiz de uma chapelaria, contou a todos qual o tipo de trabalho que ela realizava, quantas horas seguidas ela trabalhava e como ela tencionava ficar esparramada na cama no dia seguinte como um mercedo descanso; o dia seguinte, sendo um feriado, seria passado em casa. Disse também como ela atendeu uma condessa e um lorde alguns dias antes, e como o lorde “era tão alto quanto Peter”; nesse instante, Peter puxou o seu colarinho tão para cima que quase era impossível de se ver que havia uma cabeça ali. Durante todo esse tempo, as castanhas e o jarro com a bebida circularam de mão em mão; e reunidos, cantaram uma canção sobre uma criança perdida que viajava pela neve, junto com o pequeno Tim, que tinha uma vozinha cheia de ternura e que,

por causa disso, cantava perfeitamente bem.

Não havia nada de notável em tudo isso. Eles não eram uma família bonita; não se vestiam bem; seus sapatos não eram à prova d'água e suas roupas estavam puídas; e por várias vezes Peter se valeu da loja de penhores. Contudo, eles eram felizes, gratos e satisfeitos um com os outros, sabendo desfrutar da vida; e quando a imagem deles desapareceu, parecendo mais feliz ainda diante do reluzente conteúdo do archote do Espírito, Scrooge não conseguia deixar de olhar para todos eles, especialmente sobre o pequeno Tim.

Nesse momento, já estava ficando escuro e a neve caía pesadamente; e na medida em que Scrooge e o Espírito percorriam as ruas, a claridade das lareiras e dos fogões das cozinhas, das salas de estar e de toda sorte de salões era maravilhosa. Aqui, a hesitação do brilho mostrava as preparações para um delicioso jantar, com pratos quentes assando por completo diante do fogo, além de lindas cortinas vermelhas prontas para serem fechadas, bloqueando o frio e escuridão. Mais ali, todas as crianças da casa estavam correndo na neve para se encontrar com suas irmãs casadas, seus irmãos, primos, tios e tias, para serem os primeiros a recepcioná-los. Acolá, sombras de convidados que se reuniam surgiam por detrás das janelas fechadas; um grupo de belas jovens, todas encapotadas e com botas forradas de pele, falando todas ao mesmo tempo, se dirigiam alegremente até uma das casas da vizinhança; e ai dos homens solteiros que as vissem entrar lá – bruxas ardilosas, bem se sabe disso – tão fegosas!

Mas, se julgarmos o número de pessoas que se dirigiam às reuniões amistosas, poder-se-ia questionar quem estaria em casa para recebê-las quando estas chegassem por lá, uma vez que todas as casas aguardavam visitas e enchiam as lareiras com carvão até a metade de suas chaminés. Abençoados sejam todos; como o Fantasma exultava! Como ele espalhava a sua generosidade, e abria as palmas de suas mãos, fluindo, derramando, com suas mãos generosas, sua felicidade inocente e radiante sobre tudo que esta alcançava! O acendedor de lampiões, que corria logo à frente, pontuando a rua escura com pontos de luz e que estava vestido para passar a noite em algum lugar, gargalhava alto assim que o Espírito passava por ele, embora o acendedor não pudesse imaginar que ele estava sendo acompanhado pelo próprio Espírito do Natal!

Subitamente, sem qualquer menção por parte do Fantasma, eles se acharam em uma charneca fria e desolada, repleta de massas monstruosas de pedra bruta, como se fosse um cemitério de gigantes; minas d'água surgiam por toda parte ou surgiriam se o gelo não as tivesse aprisionado; nada ali crescia, além de limo e musgo, e uma grama alta e espessa. Lá pelos lados do ocidente, o sol poente deixava um rastro de um vermelho incandescente, que ofuscava a desolação por um instante, como um olho mal-humorado e carrancudo, que foi sumindo aos pouquinhos, perdido na grossa obscuridade da escuridão da noite.

“Que lugar é este?”, perguntou Scrooge.

“O lugar onde os mineiros vivem; onde trabalham nas entranhas da terra”, respondeu o Espírito. “Todavia, eles me conhecem. Veja!”

Uma luz brilhava, vindo de uma janela de uma cabana, e suavemente eles se dirigiram a ela. Passando pela parede de tijolos e pedra, eles se depararam com um grupo animado reunido diante de uma brilhante lareira. Um homem e uma mulher muito velhos, com seus filhos e netos, e uma geração depois desses, vestiam-se galantemente com suas roupas de festa. O ancião, com uma voz que raramente se elevava mais alta que o uivo dos ventos sobre as campinas desertas, entoava uma canção natalina: era uma canção muito antiga de quando este era um menino e de tempos em tempos todos se reuniam a ele em coro. E quando eles elevavam as suas vozes, o ancião ficava mais jovial e sua voz mais sonora; e assim que eles paravam, o seu vigor arrefecia novamente.

O Espírito não se demorou ali, e convidou Scrooge a segurar em seu manto, sobrevoando a charneca; mas se dirigindo para onde? Para o mar? Sim, para o mar. Para o horror de Scrooge, ao olhar para trás viu, os últimos trechos de terra e uma assustadora variedade de rochedos ficaram para trás; seus ouvidos ficaram atordoados pelo rugir das ondas, na medida em que elas encapelavam, urravam e se enfureciam entre as sombrias cavernas por elas formadas, violentamente tentando minar a terra.

Construído sobre um sombrio trecho de recife submerso, alguns quilômetros da costa, onde as águas se batiam e se chocavam e onde o vento se atirava, havia um solitário farol. Grandes montes de algas-marinhas se acumulavam em sua base, e pombas-do-cabo – nascidas do vento como se pode supor, do mesmo modo que as algas-marinhas nascem das águas – boiavam para cima e para baixo, junto com as ondas nas quais deslizavam.

E mesmo aqui, dois homens que cuidavam do farol ascenderam a lareira, que através de uma abertura na grossa parede de pedra, emitia um raio de luz sobre o mar aterrador. Juntando as suas mãos aquecidas sobre a mesa rústica à qual estavam sentados, eles desejaram uns aos outros um Feliz Natal, brindando com uma caneca cheia de rum aquecido, com limão e açúcar; e um deles, o mais velho, com o rosto marcado e destruído pela aspereza do tempo, igual a uma figura esculpida da proa de um velho navio, começou a entoar uma canção vigorosa, tão robusta quanto o próprio vento.

Mais uma vez o Fantasma iniciou o seu voo sobre o mar negro e encapelado – voando e voando – até que estando bem longe dali, longe de qualquer litoral eles avistaram um navio. Pararam ao lado do timoneiro, junto ao leme, o vigia no cesto da gávea, os oficiais que estavam de ronda; sombrias e fantasmagóricas figuras em seus diversos postos; mas cada um desses homens murmurava um cântico de Natal, ou um pensamento natalino, ou comentava baixinho com seu companheiro sobre algum Natal passado, com esperança de retornar para casa. E cada homem a bordo, acordado ou dormindo, bom ou mau, tinha uma palavra bondosa para dar para o outro sobre aquele dia que era mais importante do que qualquer outro dia; alguns deles tinham compartilhado das festividades; e se lembravam daqueles que lhes eram importantes e que estavam distantes, sabendo que naquele mesmo instante essas mesmas pessoas estavam pensando neles com alegria.

Tudo isso era uma grande surpresa para Scrooge que, enquanto se movia através da escuridão solitária sobre o abismo desconhecido, cujas profundidades eram tão secretas quanto profunda era a Morte, ouvia o gemer do vento e pensava sobre a solenidade de tudo isso; e foi surpreendente para ele, distraído com tudo isso, perceber uma deliciosa gargalhada e mais surpreendente ainda reconhecer que esta gargalhada era a de seu sobrinho e que se encontrava agora em uma sala radiante, resplandecente e sequinha, bem ao lado do Espírito, sorridente, que olhava cheio de aprovação para o seu sobrinho, repleto de afabilidade!

“Há, há!”, gargalhou o sobrinho de Scrooge. “Há, há, há!”

Se por um acaso improvável, alguém encontrar um homem que ria com mais entusiasmo que o sobrinho de Scrooge, diga-me logo, que eu desejarei conhecê-lo também. Apresente-me a ele e terei todo o prazer de ser seu amigo.

É justo dizer, que por um nobre ajuste das coisas, que do mesmo modo que uma infecção de uma doença ou dor, a risada e o bom humor também são irresistivelmente contagiosos. Deste modo, quando o sobrinho de Scrooge gargalhava, segurando sua barriga, balançando a sua cabeça e contorcendo o seu rosto das maneiras mais extravagantes, sua esposa, a sobrinha de Scrooge por afinidade, ria tão cheia de vida quanto ele. E todos que estavam reunidos com eles riam do mesmo modo, para não ficarem atrás.

“Há, há! Há, há, há, há!”

“Ele disse que o Natal era uma bobagem, posso lhes jurar!”, dizia o sobrinho de Scrooge. “Ele acredita piamente nisso!”

“Mas que coisa mais vergonhosa, Fred!”, disse a sobrinha de Scrooge, cheia de indignação. Abençoadas sejam as mulheres: elas nunca fazem nada pela metade. Elas são sempre muito honestas.

Ela era muito bonita: incrivelmente bonita. Com um rosto lindo, amplo e adorável; uma boquinha perfeita, sempre pronta para se beijar – não há dúvida alguma disso; umas covinhas lindas em seu queixo que se fundiam umas às outras quando ela ria; e um par de olhos radiantes jamais vistos em qualquer outra criatura. Tudo isso junto, ao mesmo tempo em que era provocante, também era satisfatório. Ah, perfeitamente satisfatório!

“Ele é um velho engraçado”, disse o sobrinho de Scrooge, “isso que é a verdade; não é tão agradável quanto ele poderia ser. Entretanto, as suas ofensas carregam a sua própria punição, e eu não tenho nada a dizer contra ele”.

“Eu certa de que ele é muito rico, Fred”, comentou a sobrinha de Scrooge. “Pelo menos você sempre *me* disse isso”.

“Mas o que isso importa, minha querida!”, disse o sobrinho de Scrooge. “Sua riqueza não tem valia alguma para ele. Ele não faz uso dela. Ele não tem uma vida confortável com ela. Ele não tem a satisfação de pensar – há, há, há! – que já trouxe algum benefício a nós com a sua riqueza”.

“Eu não tenho paciência com ele”, observou a sobrinha de Scrooge. As

irmãs da sobrinha dele e outras senhoras expressaram a mesma opinião.

“Ah, eu já tenho!”, disse o sobrinho de Scrooge. “Eu me compadeço dele; eu não poderia ficar bravo com ele, mesmo que eu tentasse. Quem é que sofre com os caprichos doentios dele? Ele mesmo, certamente. Veja, ele meteu em sua cabeça que não gosta de nós e, por isso, não está aqui conosco, jantando. Qual a consequência disso? Ele vai perder um excelente jantar”.

“É verdade, eu acho que ele perderá um excelente jantar”, interrompeu a sobrinha de Scrooge. Todo mundo concordou com isso, e eles se permitiam ser excelentes juizes, pois tinham acabado de jantar; e com a sobremesa servida, reuniram-se em torno da lareira, iluminados pelos lampiões.

“Bem! Fico feliz em ouvir isto”, disse o sobrinho de Scrooge, “pois eu não tinha muita fé nestas jovens donas-de-casa. O que *você* me diz disso, Topper?”

Topper claramente já tinha lançado os olhos sobre uma das irmãs da sobrinha de Scrooge, por isso, respondeu que um homem solteiro não passaria de um pária miserável, não tendo o direito de se manifestar sobre esse assunto. A isto, a irmã da sobrinha de Scrooge – a rechonchuda, com um laço de fita em torno do pescoço gola de renda, e não a que usava rosas – ficou vermelha de vergonha.

“Continue, Fred”, disse a sobrinha de Scrooge, batendo as mãos. “Ele nunca termina o que começou a dizer. É uma coisa muito ridícula!”

O sobrinho de Scrooge deleitou-se em uma outra gargalhada, como se fosse impossível evitá-la, o que foi seguido por todos, apesar da irmã rechonchuda tentar o contrário, aspirando vinagre aromático.

“Eu só ia dizer”, disse o sobrinho de Scrooge, “que a consequência de suas atitudes contra nós, e a de não desejar se alegrar conosco, é, acredito eu, de se perder alguns momentos prazerosos, que não lhe fariam mal algum. Estou certo que ele perde companhias mais agradáveis que àquelas que ele pode encontrar em seus próprios pensamentos ou em seu velho escritório mofado, ou mesmo em seus quartos empoeirados. Eu tento lhe dar a mesma oportunidade, todos os anos, goste disso ou não, apenas por piedade. Ele pode criticar o Natal até o dia de sua morte, mas ele não deixará de refletir melhor – e isso eu o desafio – se ele me ver lá, de bom humor, ano após ano, dizendo ‘Tio Scrooge, como vai?’ Se apenas isso o convencer de deixar ao seu pobre funcionário a quantia de cinquenta libras, *já* é alguma coisa; e acho que consegui comove-lo ontem”.

A ideia de que ele pudesse ter comovido Scrooge foi motivo para uma nova explosão de gargalhadas. Mas sendo de boa natureza e não se importando muito com o motivo da gargalhada geral, pois riam de qualquer forma, encorajava-os mais ainda, servindo bebidas a todos, com grande alegria.

Após o chá, eles tocaram um pouco de música, pois eles eram uma família musical e sabiam muito bem o que faziam, quando entoaram um coro ou um cânon, isso posso lhes assegurar: especialmente Topper que conseguia atingir

notas baixas como um bom baixo faria, sem que as veias de sua testa inchassem ou seu rosto ficasse vermelho. A sobrinha de Scrooge tocava harpa muito bem, e entoava entre uma nota e outra uma pequena canção (uma coisinha de nada que se aprendia a assoviar em dois minutos), e essa era exatamente a mesma canção que a criança, que veio buscar Scrooge na sala de aula, cantava, como foi lembrado pelo Fantasma dos Natais Passados. Quando esta melodia foi entoada, todas as coisas que o Fantasma tinha lhe mostrado, retornaram à sua mente; ele ficou cada vez mais emocionado; e pensou que se ele tivesse ouvido essa canção mais vezes, anos atrás, ele talvez pudesse ter cultivado a bondade da vida para sua própria felicidade, com suas próprias mãos, sem recorrer à pá do coiveiro que enterrou Jacob Marley.

Mas eles não dedicaram a noite toda à música. Um pouco depois eles começaram alguns jogos, pois é bom retornar às coisas de criança de tempos em tempos e não há época melhor para isso que o Natal, cujo poderoso Fundador também foi uma criança. O primeiro jogo foi o de cabra-cega. Claro que deveria ser este, mas não acredito que Topper estivesse completamente cego e que conseguia ver por onde ele andava. Em minha opinião, tudo isso era um combinado entre ele e o sobrinho de Scrooge, o que era do conhecimento do Fantasma do Natal Presente. O modo como ele perseguia a irmã rechonchuda com laço de fita era um ultraje à credulidade da natureza humana. Chocando-se contra os ferros da lareira, trombando com as cadeiras, colidindo com o piano, encobrendo-se com as cortinas, onde quer que ela estivesse, lá estava ele. Ele sempre sabia onde a irmã rechonchuda estava e ele não perseguia ninguém mais além dela. Se você se chocasse contra ele (como alguns realmente fizeram), de propósito, ele até fingia uma tentativa de agarrá-lo, mas de um modo que desafia qualquer inteligência, e logo em seguida, deslizava em direção à irmã rechonchuda. Ela sempre gritava que aquilo não era justo, e de fato não era. Mas, por fim, ele conseguiu agarrá-la: apesar de todo o murmúrio feito pela seda e da sua rápida agitação ao passar por ele, ele a apanhou num canto, de onde não haveria escapatória; foi nessa hora que a conduta dele torna-se realmente abominável. Sob o pretexto de não saber quem era, fingiu quer era necessário lhe tocar os cabelos, e para se assegurar melhor a identidade dela, pressionou certo anel que ela possuía em um dos dedos, e certo colar que levava ao pescoço: ah, como ele era vil e monstruoso. Sem dúvida alguma, ela lhe disse isso, quando havia outra pessoa como a cabra-cega, e eles estavam escondidos juntinhos, por detrás das cortinas.

A sobrinha de Scrooge não era uma das que participavam da cabra-cega, confortavelmente largada em uma grande cadeira com pufe, em um canto qualquer, com o Fantasma e Scrooge colocados bem atrás dela. De qualquer forma, ela gostava das brincadeiras e amava o seu amor com grande admiração, tanto quanto as letras do alfabeto. Gostava do mesmo modo, do jogo “Como, Quando e Onde”, pois jogava muito bem, e com uma secreta satisfação derrotou as suas irmãs, embora elas fossem também muito espertas, como Topper pode muito bem verificar. Havia pelo menos umas vinte pessoas lá, jovens e idosas, mas todas brincavam, inclusive Scrooge; pois, motivado pelo interesse pelas

brincadeiras e esquecendo completamente que sua voz não podia ser escutada pelos ouvidos dos outros, respondia com voz alta o palpite que tinha, e com frequência adivinhava corretamente; pois a agulha mais afiada, a melhor que pudesse ser produzida em Whitechapel, não era tão afiada quanto Scrooge, apesar da expressão que mantinha para despistar os outros.

O Fantasma ficou muito satisfeito em ver o quanto ele estava bem-humorado e olhou para ele com muita ternura, quando esse lhe pediu para ficar até que todos os convidados partissem, exatamente como o faz um menininho. Mas o Espírito disse que isso ele não poderia atender.

“Mas um jogo novo acabou de começar”, disse Scrooge. “Meia hora, Espírito, apenas mais uma meia hora!”

Era um jogo chamado “Sim ou Não”, onde o sobrinho de Scrooge tinha que pensar em alguma coisa e os demais deveriam descobrir o que era; para tal, ele só poderia responder às questões com “sim”, ou “não”, conforme o caso. A avalanche de perguntas às quais lhe eram feitas, possibilitou que se soubesse que ele estava pensando em um animal, um animal vivo, melhor ainda um animal desagradável, um animal selvagem, um animal que muitas vezes rosnava e resmungava e que também falava às vezes; que vivia em Londres; que andava pelas ruas e que não era de se mostrar; que não era conduzido por ninguém e que não vivia em um jardim zoológico; que sua carne não exposta no mercado; que não era um cavalo, um asno, uma vaca, ou um boi, um tigre, ou um cachorro, um porco, um gato ou um urso. A cada nova pergunta que lhe era colocada, esse sobrinho lançava-se em uma sonora gargalhada; e ela era tão divertida que ele foi obrigado a se levantar do sofá onde estava sentado para sapatear pela sala. Por fim, a irmã rechonchuda, lançada em um estado similar, começou a gritar:

“Eu descobri! Eu sei o que é, Fred! Eu sei o que é!”

“O que é então?”, perguntou Fred.

“É o seu tio Scro-o-o-o-oge!”

Com toda certeza era ela. A admiração se espalhou como um sentimento universal, embora alguns tenham observado que a resposta à pergunta “É um urso?” deveria ter sido “Sim”, na medida em que uma resposta negativa foi suficiente para afastar o pensamento de todos da imagem do Sr. Scrooge, uma vez que eles já estavam praticamente adivinhando quem era.

“Ele afinal nos possibilitou um grande divertimento, estou certo disto”, disse Fred, “e seria muito desagradável se nós não brindássemos a sua saúde. Eis uma taça de vinho quente, prontinha para esta ocasião; e por isso eu digo, ‘Ao tio Scrooge!’”

“Ao tio Scrooge!”, todos responderam.

“Um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo para esse velhote, apesar do que ele diga!”, disse o sobrinho de Scrooge. “Embora ele não possa tirar essa satisfação de mim, ele a terá de qualquer modo. Ao tio Scrooge!”

De um modo perceptível, tio Scrooge tinha se tornado tão alegre e

satisfeito que ele teria retribuído a saudação aos seus companheiros inconscientes de sua presença e agradecido a todos com um discurso, mesmo que não pudesse ser ouvido, se o Fantasma não lhe tivesse falado que já era hora de partirem. Mas as últimas palavras proferidas pelo seu sobrinho e toda a cena desapareceram e, assim, ele e o Espírito reiniciaram a sua viagem.

Muito eles viram e muito eles percorreram; muitas casas eles visitaram e em todas elas sempre havia um final feliz. O Espírito se colocou ao lado de camas de doentes e eles se regozijaram; em terras estrangeiras e acreditavam que estavam perto de casa; ao lado daqueles que lutavam e esses se tornavam pacientes e cheios de esperança; aos pobres, riqueza. Nos asilos, nos hospitais e nas cadeias, em todo refúgio da pobreza, onde o homem orgulhoso, em sua efêmera autoridade, não era capaz de fechar as portas e barrar a entrada do Espírito, este espalhava bênçãos por onde passava, ensinando os seus mandamentos a Scrooge.

Foi uma longa noite, mesmo sendo apenas uma noite e Scrooge duvidado disso, pois as festividades de Natal pareciam estar condensadas em um espaço de tempo que as colocava todas juntas. Também era estranho que, apesar de Scrooge permanecer inalterado, o Fantasma ia se tornando cada vez mais velho, claramente mais velho. Scrooge observou essa mudança, mas nada falou até que eles chegarem junto a algumas crianças, reunidas em um campo aberto e que comemoravam a Festa de Reis; lá ele pode ver que os cabelos do Espírito estavam grisalhos.

“A vida dos espírito é tão curta?”, perguntou Scrooge.

“Minha vida nesta terra é muito breve”, respondeu o Fantasma. “Ela termina nesta noite”.

“Nesta noite!”, exclamou Scrooge.

“Nesta noite, à meia-noite. Depressa! O tempo está se esgotando”.

Nesse momento, os carrilhões estavam anunciando quinze para a meia-noite.

“Perdoe-me o que vou lhe dizer”, disse Scrooge, olhando intensamente para o manto do Espírito, “mas parece que eu vi algo estranho, que não lhe pertence, aparecendo por debaixo de suas vestes. É um pé ou uma garra?”

“Pode ser uma garra, pois a carne há muito desapareceu dela”, foi a triste resposta do Espírito. “Veja!”

Das dobras de seu manto, surgiram duas crianças: desprezíveis, abjetas, assustadoras, abomináveis e miseráveis. Elas mal conseguiam ficar de pé e se agarravam nas barras das vestes do Espírito.

“Oh, homem! Veja aqui. Veja, veja bem ali!”, exclamou o Fantasma.

Eram um menino e uma menina. Pálidos, magros e embrutecidos, com um olhar selvagem, tal qual o de um lobo, mas ainda assim prostrados por sua submissão. Onde a graciosa juventude deveria ter preenchido suas feições e tocado com suas tintas revigorantes, uma mão enrugada e cheia de dor, como a

mão do tempo, os beliscou e os contorceu, deixando-os em pedaços. Onde os anjos deveriam ser entronados, os demônios espreitavam e ofuscavam, cheios de ameaça. Nenhuma mudança, nenhuma degradação, nenhuma perversão da humanidade, de qualquer tipo, oriundas das misteriosas maravilhas da criação, teriam produzido tais monstros, tão horríveis e assustadores.

Scrooge recuou, cheio de temor. Por ter sido apresentado a elas desta maneira, ele ainda tentou dizer que elas pareciam ser boas crianças, mas as palavras se chocaram, umas com as outras, por serem parte de uma mentira de tão grande proporção.

“Espírito! O que elas são?”, foi a única coisa que Scrooge conseguiu dizer.

“Elas são os filhos da Humanidade”, disse o Espírito, olhando para elas. “E elas se agarram a mim, implorando por seus pais. Este menino é a Ignorância. Esta menina é a Necessidade. Cuidado com os dois, e com todos as suas variações, mas tenha ainda mais cuidado com este menino, pois em seus olhos eu vejo que está escrito “Condenação”, ao menos que seja apagada. Negue-os”, gritou o Espírito, estendendo as suas mãos em direção da cidade. “Calunie aqueles que os avisa! Admita-os para os seus propósitos egoístas, e com isso, torne-os piores ainda! Mas tema o fim que lhe é destinado!”

“Eles não tem nenhum abrigo ou nenhum recurso?”, gritou Scrooge.

“Não há prisões suficientes?”, disse o Espírito, virando-se para ele mais uma última vez e dizendo com as próprias palavras. “Não há casas de correção”.

O sino soou as doze badaladas.

Scrooge procurou pelo Fantasma, mas nada mais viu. Quando a última badalada acabou de soar, ele se lembrou das palavras do velho Jacob Marley e, erguendo os seus olhos, contemplou um Fantasma muito solene, drapejado e coberto dos pés à cabeça, vindo em sua direção, como uma sobra que se estendia pelo chão.

[1] Refere-se aqui a uma passagem da peça “Otelo, o Mouro de Veneza”, de William Shakespeare: “But I will wear my heart upon my sleeve / For daws to peck at: I am not what I am” – “E esconderei meu coração sob minha capa / pois corvos podem beliscá-lo e, assim, mostrar o que de fato não sou” (N.T.)

[2] O salário semanal de um trabalhador comum em Londres na metade do século XIX correspondia a 3 xelins e 9 pence (3s. e 9 d.), ou 45 pence. O salário do emprego visto por Bob Cratchit para o filho correspondia a praticamente uma vez e meia o salário pago semanalmente a um trabalhador comum. (N.T.)

QUARTO MOVIMENTO

O Terceiro dos Três Espíritos

O FANTASMA se aproximava silenciosamente, bem devagar e cheio de gravidade. Assim que chegou, Scrooge se ajoelhou diante dele; pois a atmosfera que circundava esse Espírito parecia espargir tristeza e mistério.

Ele estava envolto em um manto de um negro profundo, que ocultava a sua cabeça, o seu rosto e suas formas, não sendo possível ver nada além de uma de suas mãos. Por causa disso seria muito difícil distinguir essa aparição dentro da noite, separando-a da escuridão na qual estava imersa.

Ele percebeu o quanto o fantasma era tal e majestoso quando ele se colocou ao seu lado e que a sua presença misteriosa o preenchia com um terror solene. Isso era tudo o que ele pode perceber, pois o Espírito não se movia ou falava.

“Estou na presença do Fantasma dos Natais Vindouros?”, disse Scrooge.

O Espírito nada respondeu, apenas apontou com a sua mão.

“Você irá me mostrar as sombras das coisas que ainda não aconteceram, mas que estão por acontecer”, concluiu Scrooge. “É isso mesmo, Espírito?”

A parte superior de seu manto se dobrou, se contraiu por um instante, como se o Espírito tivesse consentido. Foi a única resposta que ele recebeu.

Apesar de já estar se acostumando com a presença fantasmagórica, Scrooge temia essa forma silenciosa, tanto que suas pernas não paravam de tremer; ele quase não conseguia ficar de pé quando começou a se preparar para segui-lo. O espírito parou por um momento, observando a sua condição, e dando-lhe tempo para se recuperar.

Porém Scrooge se sentiu pior ainda por causa disso. Ele o aterrorizava com um horror incerto e vago por saber que por detrás daquela mortalha empoeirada, havia olhos fantasmagóricos, olhando diretamente para ele, enquanto que ele, embora se esforçasse ao máximo, não conseguia ver nada além de uma mão espectral e uma grande sombra negra.

“Fantasma do Futuro!”, exclamou ele. “Eu o temo mais que aos outros espectros que eu já vi. Mas como sei que o seu propósito é me fazer o bem, e como eu espero viver para ser um outro homem, diferente do que eu era, estou preparado para tolerar a sua companhia, com um coração cheio de gratidão. Você não falará comigo?”

Não houve nenhuma resposta, apenas a mão que apontava para frente.

“Guia-me!”, disse Scrooge. “Guia-me! A noite avança rapidamente e é um tempo precioso para mim, eu bem sei. Guia-me, Espírito!”

O Fantasma começou a se afastar do mesmo modo que tinha se aproximado. Scrooge seguiu sobre as sombras de seu manto, que o envolveu e o levou para longe.

Difícilmente poder-se-ia dizer que eles entraram na cidade, pois foi a cidade que parecia que surgia diante deles, rodeando-os com suas próprias obras. Mas lá estavam eles, bem no coração da cidade, na Bolsa, entre os mercadores que corriam para cima e para baixo, tilintando o dinheiro em seus bolsos, conversando em grupos, olhando para os seus relógios e divertindo-se, pensativos com os seus sinetes de ouro, como sempre faziam e como Scrooge sempre os via.

O Espírito parou ao lado de um pequeno grupo de homens de negócio e observando que a mão estava apontando para eles, Scrooge avançou para ouvir o que eles falavam.

“Não”, disse um homem muito gordo, com um queixo monstruoso, “eu não sei muito disso, de qualquer forma. Apenas sei que ele morreu”.

“Quando ele morreu?”, perguntou outro.

“Noite passada, acredito eu”.

“Mas por quê? Ele estava com algum problema?”, perguntou um terceiro, ao mesmo tempo em que cheirava uma grande quantidade de rapé, tirado de uma grande caixinha de rapé. “Eu cheguei a pensar que ele nunca morreria”.

“Só Deus sabe”, disse o primeiro, bocejando.

“O que ele fez com o dinheiro dele?”, perguntou um cavalheiro de rosto avermelhado, com uma verruga enorme na ponta de seu nariz, que mais parecia com a crista de um peru.

“Não sei lhe dizer”, disse o homem com o queixo enorme, bocejando novamente. “Deixou para a empresa dele, talvez. Com certeza, para mim é que não deixou. Isso eu bem sei”.

Essa zombaria foi recebida com uma gargalhada geral.

“Creio que será um funeral muito pobre”, continuou dizendo, “pois, por certo, não conheço ninguém que queira acompanhá-lo. Suponho que devamos nos reunir e nos oferecer para isso!”

“Não me importo de ir se um almoço for servido depois”, observou o cavalheiro com a verruga no nariz. “Preciso ser alimentado para fazer qualquer coisa”.

Uma nova gargalha geral.

“Bem, eu sou o mais desinteressado de vocês, afinal”, disse o primeiro, “pois eu nunca uso luvas pretas e nunca almoço. Mas eu irei se algum de vocês assim desejar. Quando eu paro para pensar em tudo isso, tenho certeza de ter sido

um de seus amigos mais íntimos, pois sempre que nos encontrávamos, parávamos e conversávamos um pouco. Até logo!”

Aqueles que falavam e ouviam se separaram e se juntaram a outros grupos. Scrooge conhecia aqueles homens e olhou para o Espírito, buscando uma explicação.

O Fantasma deslizava pela rua. Seu dedo apontou para duas outras pessoas que estavam reunidas. Scrooge mais uma vez escutou o que elas diziam, pensando que a explicação para suas dúvidas esteve ali.

Ele também conhecia aqueles homens, perfeitamente. Eles eram homens de negócios, muito ricos e de muita importância. Ele sempre os tinha em grande conta e estima, claro que do ponto de vista comercial, estritamente do ponto de vista comercial.

“Como você está?”, disse um deles.

“Como você está?”, respondeu o outro.

“Bem!”, disse o primeiro. “O pobre diabo partiu de vez, não?”

“Assim me disseram”, respondeu o segundo. “Está frio, não é?”

“O de costume para a época do Natal. Você quer ir patinar hoje?”

“Não, não. Tenho outras coisas para fazer. Bom dia!”

Nenhuma outra palavra foi falada. O encontro, a conversa e a partida resumiram-se apenas a isso.

Inicialmente, Scrooge não conseguia compreender o porquê do Espírito dar tanta importância àquelas conversas aparentemente tão triviais, mas sentindo que elas deveriam ter algum propósito oculto, ele mesmo considerou que elas deveriam ser importantes. Elas não poderiam estar relacionadas com a morte de Jacob, seu antigo sócio, pois isso pertencia ao Passado e este Fantasma tratava apenas do Futuro. E ele também não conseguia se lembrar de ninguém que estivesse ligada a ele a quem essas conversas poderiam estar ligadas. Mas, não duvidando que de alguma forma ou de outra elas se implicavam em algum ensinamento moral para o seu próprio aperfeiçoamento, resolveu guardar na memória cada uma das palavras que ouviu e tudo aquilo que viu, observando ainda a sua própria imagem quando essa aparecesse. Pois ele esperava que a condução de seu próprio futuro lhe faria a pista que estava desaparecida e que solucionaria facilmente e de pronto todas essas enigmas.

Ele procurou por sua própria imagem em toda parte, mas apenas viu um outro homem parado na esquina em que costuma ficar e, embora o relógio indicasse a hora costumeira na qual ele ficava ali, ele não viu ninguém parecido com ele mesmo entre a multidão que fluía através do pórtico da Bolsa. Isso, no entanto, lhe causou pouca surpresa, pois ele tinha decidido mudar de vida e, assim, pensou e mesmo esperou que as suas novas decisões lhe tivessem tirado dali.

Imóvel e sombrio, o Fantasma permanecia ao seu lado, com sua mão

estendida para frente. Quando ele saiu de seus devaneios, deu de cara com as costas daquela mão e a postura dela com referência a ele mesmo lhe deu a plena certeza de que aqueles olhos que não podiam ser vistos estavam diretamente sobre ele. Isso fez com que ele estremecesse e sentisse muitos calafrios.

Eles deixaram aquele burburinho todo e seguiram para a parte mais obscura da cidade, aonde Scrooge nunca tinha ido antes, mas apesar disso ele reconheceu a sua situação e a sua má reputação. Suas ruas eram estreitas e imundas; as lojas e as casas eram mal cuidadas; e as pessoas que lá viviam eram má vestidas, bêbadas, indolentes e feias. As vielas e as passagens arcadas, do mesmo modo que muitas valas de esgotos, despejavam seus ataques pestilentos e sujos sobre as ruas distantes; e todo aquele bairro cheirava a crime, a imundice e a pobreza.

Ao fundo desse covil de infame refúgio, havia uma pequena lojinha que se projetava, logo abaixo de uma cobertura ampla, aonde era negociada toda sorte de ferro-velho, trapos, garrafas, ossos e graxa velha. Sobre o piso, pelo lado de dentro, havia uma pilha de chaves enferrujadas, pregos, correntes, dobradiças, limas, balanças e pesos e todo tipo de peças de ferro velho. Segredos que poucas pessoas gostariam de aprofundar se escondiam nestes montes de trastes velhos, nestes sepulcros de ossos e montanhas de gorduras rançosas. Sentado em meio às mercadorias que comercializa, junto de fogão a carvão, construído com tijolos velhos, havia um pobre coitado de cabelos grisalhos, próximo de seus setenta anos, que se protegia do ar frio que vinha de fora através de uma cortina suja, feita de retalhos misturados, pendurada apenas por um fio; e ali ele ficava fumando o seu cachimbo, gozando do seu calmo descanso.

No exato momento em que Scrooge e o Fantasma ficaram diante desse homem, uma mulher carregando um pacote pesado se arrastou para dentro da loja. Mas ela mal tinha entrado, quando uma outra mulher, carregando algo similar, também chegou; logo após ela foi seguida bem de perto por um homem, vestido de preto, que ficou tão surpreendido quanto elas ao vê-las e perceber que elas o tinham reconhecido. Depois de um breve momento de um assombro geral, ao qual o ancião com o cachimbo também se juntou, todos começaram a rir.

“Deixe que a faxineira seja a primeira!”, gritou ela que havia entrado primeiro na loja. “Que a lavadeira seja a segunda e que o cozeiro seja o terceiro. Veja, meu velho Joe, que coincidência! Nós três não viríamos aqui ao mesmo tempo se não tivéssemos um bom propósito!”

“Vocês não podiam ter vindo em um lugar melhor”, disse o velho Joe, tirando o cachimbo de sua boca. “Venham para o salão. Sinta-se à vontade, como você bem sabe; e vocês outros dois também, já que não são nenhum estranhos. Espere apenas que eu feche a porta da loja. Ah! Como ela range! Acreditem, não há tanta ferrugem neste local quanto em suas dobradiças, e estou certo que não há ossos tão velhos quanto os meus. Há, há! Estamos bem arranjados para isso, bem adequados para isso. Venham para o salão. Venham para o salão!”

O salão era o espaço que havia por detrás da cortina de retalhos. O velho aivou o fogo com um pedaço velho de um corrimão de escada, e recolocou o

cachimbo em sua boca, após ter preparado a sua lamparina fumarenta, pois já era de noite, com o cabo de seu cachimbo.

Enquanto ele fazia isso, a mulher que já tinha falado antes atirou o seu embrulho no chão e se sentou com toda pompa sobre uma banquetta, cruzando as pernas sobre os joelhos e olhando para os outros dois com um olhar desafiador.

“O que isso tudo importa afinal! O que isso importa, Sra. Dilber?”, disse a mulher. “Cada um tem o direito de cuidar de si mesmo. *Ele* sempre pensou assim!”.

“Sim, isso é bem verdade!”, disse a lavadeira. “Ninguém pensava tanto desse modo como ele”.

“Então, mulher, por que ficar com esse olhar como se estivesse amedrontada, se ninguém ficará sabendo? Acredito que nenhum de nós acusará o outro de qualquer coisa, não é mesmo?”

“Não, claro que não!”, disse Sra. Dilber e o outro homem juntos. “Assim esperamos”.

“Muito bem, então!”, exclamou a mulher. “Isso é o suficiente, afinal, quem sairá perdendo ou ganhando com umas coisinhas destas? Não o falecido, com certeza”.

“Claro que não!”, disse Sra. Dilber, gargalhando.

“Se aquele velho sovina quisesse manter seus pertences após a morte”, continuou a mulher, “por que ele não agiu de modo diferente enquanto estava vivo? Se ele tivesse agido assim pelo menos teria alguém para cuidar dele quando ele estivesse diante da Morte, ao invés de ter ficado lá sozinho, deitado e engasgando até o último suspiro”.

“Essa é a mais pura verdade”, disse Sra. Dilber. “Isso é exatamente o que ocorreu com ele, o seu castigo”.

“Desejaria que o seu castigo fosse um pouco maior”, respondeu a mulher, “e teria sido, se dependesse de mim e eu tivesse conseguido colocar as mãos em outras coisas. Abra esse embrulho, velho Joe, e veja quanto você me paga por ele. Fale sem rodeios. Não temo de ser a primeira, e nem temo que eles testemunhem tudo. Nós sabíamos muito bem que nós nos ajudaríamos mutuamente, mesmo antes de nos encontrarmos aqui, isso tenho certeza. Não estamos pecando. Abra o embrulho, Joe”.

Mas os galanteios de seus amigos não permitiram isso; e o homem, vestido de preto, aproveitaram uma brecha surgida, apresentou o *seu* butim. Não era nada muito expressivo, pouco coisa afinal: um lacre ou dois, um estojo de penas, um par de abotoaduras e um broche que não valia muito. Tudo isso foi examinado e avaliado com cuidado pelo velho Joe que ia escrevendo numa parede a giz as somas do que estava disposto a dar em troca por cada um deles e logo depois um total quando ele viu que nada mais lhe seria apresentado.

“Este é o total”, disse Joe, “eu não lhe darei mais nenhum centavo por nada disso, mesmo que me joguem água fervente. Quem é o próximo?”

Sra Dilber era a seguinte. Lençóis e toalhas, algumas roupas de dormir, duas colheres de chá de prata meio fora de moda, um par de pinças para torrões de açúcar e um par de botas. O total foi escrito na parede da mesma maneira que antes.

“Eu sempre pago mais às senhoras. Infelizmente é uma fraqueza minha que ainda vai me levar à ruína”, disse o velho Joe. “Este é o total. Se você me pedir uns centavos a mais e insistir nisso, de repente eu me esqueço que sou tão bondoso e acabo por retirar meia coroa do total”.

“E agora o meu embrulho, Joe”, disse a primeira mulher.

Joe se ajoelhou para abrir o embrulho com mais comodidade e depois de desfazer um grande número de nós, removeu um grande rolo de algo muito escuro e pesado.

“Mas o que é isso tudo?”, disse Joe. “Cortinas de dossel!”

“Ah!”, retornou a mulher, rindo e cruzando os braços sobre o peito. “Cortinas de dossel!”

“Não me diga que você as retirou, com ganchos e tudo, enquanto ele ainda estava deitado lá?”, disse Joe.

“Sim, eu retirei”, respondeu a mulher. “Qual o problema?”

“Você nasceu para fazer fortuna”, disse Joe, “e tenho certeza que você conseguirá”.

“Não seguro minha mão quando eu posso conseguir alguma coisa que está ao alcance dela, juro-lhe por tudo que existe de mais sagrado, Joe”, respondeu a mulher, friamente. “Mas não repare naquela mancha nos cobertores”.

“Os cobertores dele também?”, perguntou Joe.

“De quem mais seriam”, retrucou a mulher. “Ele não ira mais se resfriar sem eles, isso posso lhe dizer”.

“Só espero que ele não tenha morrido de algo contagioso. Certo?”, disse o velho Joe, parando o que estava fazendo e olhando em volta.

“Não tenha medo disso”, respondeu a mulher. “Eu não gostava tanto de sua companhia que justificasse eu perder tempo com tais coisas. Ah! Pode-se olhar para esta camisa até que os seus olhos doam, mas não se encontrará nem um furo nem um puído sequer. É a melhor que ele tinha e a mais elegante também. Tudo isso estaria perdido se não fosse por mim”.

“O que você quer dizer com perdido?”, perguntou velho Joe.

“Com certeza seria vestido nele para que fosse enterrado com ela”, respondeu a mulher com uma gargalhada. “Alguém seria estúpido o suficiente de fazer isso, mas eu a tirei antes. Se uma peça de tecido de algodão barato não for bom o suficiente para tal propósito, então não será boa para mais nada. Praticamente fazia parte do seu corpo. Ele não podia ter ficado mais feio do que já era”.

Scrooge ouvia tudo isso cheio de horror. Eles estavam ali, agrupados em torno da sua pilhagem, à escassa luz que vinha da lamparina do velho, e isso lhe inspirou uma abominação e repugnância tamanha que dificilmente seria maior se estes demônios obscenos estivessem saqueando o seu próprio corpo.

“Há, há!” , gargalhou a mesma mulher de antes quando velho Joe, apanhando uma bolsa de flanela, cheia de dinheiro, e espalhou o valor dos seus ganhos no chão. “Você percebe que esse é o fim dele, não? Ele assustava todo mundo que o encontrava enquanto ele estava vivo; pelo menos a sua morte vai nos trazer algum lucro! Há, há, há!”

“Espírito!”, disse Scrooge, estremecendo da cabeça aos pés. “Eu já entendi. O que aconteceu com esse homem infeliz pode também acontecer comigo. Minha vida está indo para àquela direção, eu vejo isso. Deus misericordioso, livrai-me disso!”

Ele se encheu de terror quando a cena se transformou e quase tocou em uma cama: uma cama nua, sem cortinas, na qual jazia algo coberto por um lençol barato que embora não produzisse qualquer som, anunciava um terrível discurso.

O quarto estava muito escuro, muito escuro para se ver qualquer coisa com exatidão, embora Scrooge olhava para todos os lados, em um impulso secreto de ansiosamente descobrir que tipo de quarto era aquele. Uma luz tímida, vindo de fora, recaía sobre a cama, e sobre ela, jazia o corpo desse homem, saqueado e despojado, sem que ninguém o velasse, chorasse ou se importasse com ele.

Scrooge olhou em direção ao Fantasma, cuja mão estendida apontava para a cabeça. A cobertura estava ajustada com tão pouco cuidado que o mínimo gesto, o movimento de apenas um dedo por parte de Scrooge, teria lhe descoberto o rosto. Ele pensou nisso e viu como seria fácil fazê-lo, mas ele não tinha forças, nem para retirar a mortalha nem para mandar embora o espectro que permanecia ao seu lado.

Oh, Morte assustadora, fria, fria e rígida, ergueste aqui o teu altar e o decoraste com os horrores de teu comando: pois este é o teu domínio! Mas de uma cabeça amada, reverenciada e honrada, tu não podes dispor de um fio de cabelo sequer para os teus propósitos sombrios, ou toma-lo para uma repulsiva desígnio. Não que a mão não seja pesada e que não caia quando abandonada, nem que o coração e o pulso ainda não exista, mas sim que a mão seja aberta, generosa e aberta; o coração corajoso, amado e tenro e a vibração viril. Golpei, Sombra, golpei! E veja as nobres ações saltarem de suas feridas para semear o mundo com a vida imortal.

Nenhuma voz pronunciou essas palavras nos ouvidos de Scrooge, e ainda assim, ele as ouviu enquanto ele olhava para a cama e pensava sobre quais seriam os seus primeiros pensamentos se ele pudesse se levantar. Avareza, amor ao dinheiro, desejos de se guardar a riqueza? Certamente, tudo isso o levou a um belo fim!

Ali jazia ele em uma casa vazia e escura, sem nem ao menos um homem, uma mulher ou uma criança que dissesse para dizer que tipo de homem ele era nisso ou naquilo e para dizer alguma palavra bondosa sobre ele. Um gato miava na porta e ouvia-se o som de ratos roendo por debaixo das pedras da lareira. Scrooge não ousava dizer o que *eles* queriam naquele quarto da morte e qual o porquê deles estarem tão agitados e perturbados.

“Espírito!”, disse ele, “este é um lugar amedrontador. Posso lhe assegurar que ao partir daqui e não deixarei de aprender uma lição. Vamos embora!”

Ainda assim o Fantasma continuava impassivelmente apontando para a cabeça do falecido.

“Eu entendo o que você deseja”, Scrooge respondeu, “e eu o faria se eu pudesse. Mas eu não tenho forças para isso, Espírito, eu não tenho forças”.

Mais uma vez a aparição se inclinava sobre ele.

“Se há alguém na cidade que sente alguma emoção pela morte deste homem”, disse Scrooge praticamente agonizando, “mostre-me esta pessoa, Espírito, eu lhe suplico!”.

O Fantasma, por um momento, estendeu o seu manto negro diante dele como se fosse uma asa de pássaro; e ao tira-lo revelou-lhe um quarto, cheio de luz, onde se encontravam uma mulher e sua filha.

Ela estava esperando ansiosamente por alguém, pois ela se levantava e percorria o quarto; qualquer som a fazia se sobressaltar; olhava para a janela; procurava pelo relógio; tentava em vão, bordar alguma coisa; e mal podia tolerar as vozes das crianças que brincavam.

Ao fim de sua longa espera, alguém bateu à porta. Ela correu para ela e encontrou o seu marido; um homem cujo rosto carrega depressão e preocupação, apesar de sua idade. Apesar disto, havia uma expressão que não se podia deixar de notar; um tipo de felicidade muito séria pela qual ele se sentia envergonhado e tentava reprimir com toda sua força.

Ele se sentou para jantar o que estava sendo guardado para ele no fogão e quando ela lhe perguntou, timidamente, quais as novidades (o que não ocorreu senão após um longo silêncio), ele pareceu constrangido em lhe responder.

“É algo bom ou mal?”, ela disse, tentando ajuda-lo.

“Mal”, ele respondeu.

“Nós estamos falidos?”

“Não, espero que ainda não, Caroline”.

“Mas será que *ele* vai se apiedar?”, disse ela, cheia de surpresa. “Tudo ficaria no passado, se tal milagre acontecesse”.

“Ele não pode mais se apiedar”, disse o marido dela. “Ele morreu”.

Ela era uma criatura meiga e paciente e isso se via em seu rosto, mas

ela ficou eternamente grata por ouvir essa notícia, e chegou mesmo a bater as mãos. Ela pediu perdão aos céus, sinceramente, por sua atitude logo depois, mas o seu comportamento tinha sido uma emoção genuína.

“Foi isso que uma mulher meio embriagada me disse ontem à noite quando eu tentei lhe procurar e pedir uma prazo de mais uma semana para pagar; pensei, de início, que era apenas uma desculpa para não me receber, mas vi que era a mais absoluta verdade. Ele não estava muito doente, mas de qualquer forma acabou morrendo”.

“Para quem o nosso débito será transferido?”

“Não sei lhe dizer, mas antes que isso aconteça já estaremos com o dinheiro necessário; e mesmo que não o tenhamos, será muito azar se tivermos um credor tão sem compaixão como o seu sucessor. Podemos dormir essa noite com os corações leves, Caroline!”

Sim, os seus corações estavam tão aliviados e mais leves quanto podiam. Os rostos de seus filhos estavam aliviados, pois tinham se reunido e acalmado para ouvir o que eles pouco compreendiam: não havia uma casa mais feliz como aquela por causa da morte de um homem! A única emoção por causa da morte daquele homem que o Fantasma podia lhe mostrar não era nada agradável.

“Deixe-me ver alguém que demonstre algum sentimento mais delicado ligado à essa morte, Espírito”, disse Scrooge; “ou aquele quarto escuro que acabamos de deixar me assombrar para todo o sempre”.

O Fantasma o conduziu para uma série de ruas muito familiar a ele e, na medida em que caminhavam, Scrooge olhava para todos os lados, tentando ver onde ele poderia encontrar a si mesmo, mas ele não se encontrou em nenhum lugar. Eles entraram na pobre casinha de Bob Cratchit, a mesma casa que ele tinha visitado antes, e encontrou a mãe e os filhos sentados em torno da lareira.

Tudo estava quieto, muito quieto. Os filhos barulhentos dos Cratchit mais pareciam estátuas, sentadas em um dos cantos, olhando para Peter que tinha um livro em suas mãos. A mãe e suas filhas estavam ocupadas, costurando, mas mesmo assim também estavam muito caladas!

“E chamando uma criança, colocou-a no meio deles”^[1]”

Onde Scrooge ouvira antes estas palavras? Ele não tinha sonhado com elas. O garoto deve ter lido alto, assim que ele e o Espírito entraram na sala. Mas por que ele não continuou?

A mãe colocou o seu trabalho de costura em cima da mesa e cobriu o rosto com as suas mãos.

“As cores deste trabalho machucam os meus olhos”, disse ela.

As cores? Ah, o pobre do pequeno Tim!

“Eles já estão melhores agora”, disse a mulher de Cratchit. “Ficaram fracos assim por causa da luz da vela; sinceramente, não deveria ficar com os olhos vermelhos quando o seu pai retornasse para casa, vindo da rua. Ele já deve

estar quase chegando”.

“Até já passou da hora”, respondeu Peter, fechando o seu livro. “Mas acredito que ele tem andado um pouco mais devagar do que antes, depois destas últimas noites, mãe”

Eles ficaram em silêncio novamente e, por fim, ela disse com uma voz firme e doce, que só lhe faltou uma vez:

“Eu o via andar mais rápido... na verdade, eu o via andar mais rápido com o pequeno Tim em seus ombros”.

“Eu também”, disse Peter. “Sempre”

“E eu também!”, disse todos juntos mais uma vez.

“Mas ele era muito levezinho de se carregar”, ela continuou, tentando continuar o seu trabalho, “e o pai de vocês o ama tanto que isso não era um problema, problema algum alias. Veja, eis o seu pai chegando à porta!”.

Ela correu para se encontrar com ele; e o pequeno Bob entrou, envolto em seu cachecol – ele precisa muito dele, pobre coitado. O seu chá estava pronto na chaleira e eles todos tentaram lhe animar um pouco: os dois meninos mais novos pularam em seus joelhos e colocaram os seus rostos, cada um deles, junto das bochechas dele, como que dizendo, “Tudo bem, papai. Não fique triste!”.

Bob estava muito amável para com todos e lhes falou cheio de ternura para cada um da família. Ele olhou para o trabalho de costura sobre a mesa e elogiou a presteza e a dedicação da Sra. Cratchit e das meninas. “Tudo estará pronto antes que o domingo chegue”, ele disse.

“Domingo! Então você foi lá, Robert?”, disse a esposa dele.

“Sim, minha querida”, respondeu Bob. “E desejava que você pudesse ter ido. Teria lhe feito bem ver como a grama está verde naquele lugar. Mas você verá depois, mais vezes. Eu lhe prometi que andaria ali aos domingos. Meu pequenino, meu pequenino!”, chorou Bob. “Oh, meu pequenino!”

Ele, então, começou a chorar de uma vez. Ele não podia evitar. Ele não choraria se ele e o seu filho não tivessem sido separados antes do que eles esperavam.

Ele deixou a sala e subiu as escadas, em direção ao quarto de cima que estava fartamente iluminado e enfeitado para o Natal. Havia uma cadeira colocada bem ao lado da criança e havia sinais de que alguém tinha se sentado ali, um pouco antes. O pobre Bob se sentou nela e, após pensar e se recompor um pouco, beijou aquele rosto pequenininho. Ele se conformara com o que tinha acontecido e desceu novamente, agora mais calmo.

Eles se aproximaram da lareira e conversaram: as meninas e a mãe continuaram trabalhando. Bob lhes contou com uma bondade extraordinária que o sobrinho do Sr. Scrooge, com quem tinha se encontrado poucas vezes, e com quem havia se encontrado na rua naquele dia, e percebendo que Bob estava abatido, lhe perguntou o que tinha acontecido para deixa-lo daquele jeito. “Eu lhe

disse”, disse Bob, “disse tudo àquele cavalheiro tão simpático de se falar. ‘Estou profundamente consternado com tudo isso’, ele disse, ‘bem como pela perda de sua boa esposa’. Só não sei como ele ficou sabendo disso”.

“Sabendo do que, meu querido?”

“Que você é uma boa esposa”, respondeu Bob.

“Todo mundo sabe disso”, disse Peter.

“Muito bem observado, meu garoto”, disse Bob. “Espero mesmo que eles saibam. ‘Profundamente consternado pela perda de sua boa esposa. Se eu lhes puder ser útil em qualquer coisa’, ele me disse ao me entregar o seu cartão, ‘é aqui onde eu vivo. Não deixe de me procurar’. Mas veja”, disse Bob, “que não é tanto pelo que ele pode ser capaz de nos oferecer, mas sim pela maneira gentil como ele prontamente se pôs à nossa disposição. Parecia realmente que ele conhecia muito bem o nosso pequeno Tim e que compartilhava a nossa perda”.

“Tenho certeza que ele possui uma boa alma!”, disse Sra. Cratchit.

“Você teria certeza disso, minha querida”, respondeu Bob, “principalmente se você o visse e falasse com ele. Eu não me espantaria, e guarde o que eu lhe direi, se ele conseguir um emprego melhor para Peter”.

“Ouça isso, Peter”, disse Sra. Cratchit.

“E então”, disse uma das meninas, “Peter arrumará uma companhia para ele, e se estabelecerá!”.

“Devagar com o andor!”, replicou Peter, com um sorriso sem jeito.

“Isto acontecerá provavelmente”, disse Bob, “mais dia ou menos dia; embora ainda haja muito tempo para isto, meu caro. Mas seja qual for o momento de nos separarmos uns dos outros, estou certo que nenhum de nós se esquecerá do nosso pobre pequeno Tim – não é mesmo? – ou desta primeira separação que se abateu sobre nós”.

“Nunca, papai!, disseram todos juntos.

“Sim, eu sei”, disse Bob, “eu sei, meus queridos, que quando nós nos lembrarmos o quão paciente e gentil ele era, apesar de ele ser tão pequenininho, nós não discutiremos entre nós, pois isso seria esquecer do nosso pobre pequeno Tim e de como ele agiria”.

“Não, nunca, papai!, disseram todos juntos mais uma vez.

“Fico muito feliz com isso”, disse o pequeno Bob, “muito feliz!”

Sra. Cratchit o beijou, suas filhas o beijaram, os dois menores o beijaram, e Peter o cumprimentou. Alma do pequeno Tim, tua essência de criança vem diretamente de Deus!”

“Espectro”, disse Scrooge, “algo me diz que o momento de nossa partida está se aproximando. Eu sei disso, mas não sei lhe dizer como eu o sei. Diga-me quem era o homem que vimos antes e que jazia morto.

O Fantasma dos Natais Vindouros o conduziu, como tinha feito antes,

embora para uma época diferente, como ele pode ver: de fato, parecia que não existia uma ordem estabelecida nessas últimas visões, apenas que todas elas aconteciam no futuro; ele o levou para o bairro comercial, mas não lhe mostrou aonde ele poderia estar. Na verdade, o Espírito não se atentava a nada, e continuava seguindo em frente, sem parar, como se ele se dirigisse para um fim agora desejado, o que fez com que Scrooge implorasse para que parassem um momento.

“É nesta praça”, disse Scrooge, “pela qual nós passamos apressados, que se localiza o meu local de trabalho, e tem sido exatamente aqui por muito tempo. Eu vejo a casa daqui. Permita-me que eu veja o que eu estou fazendo nestes dias que ainda virão”.

O Espírito parou, entretanto, sua mão apontou para outra direção.

“A casa fica lá”, exclamou Scrooge. “Por que você não aponta para lá?”

Contudo, o dedo continuava na mesma direção, inexoravelmente.

Scrooge correu para a janela do seu escritório e olhou lá para dentro. Ainda era um escritório, mas não era mais o seu. A mobília não era mais a mesma, e a pessoa que estava lá sentada não era ele. O Fantasma continuava apontando para a mesma direção, como antes.

Ele se uniu ao fantasma mais uma vez, imaginando o porquê e para onde ele tinha ido, até que chegaram junto ao um portão de ferro. Ele parou e olhou em volta, antes de entrar.

Era um cemitério de uma igreja. Lá, sem dúvida, o pobre coitado, cujo nome ele desejava descobrir, deveria estar enterrado. Era um lugar tenebroso. Murado por mausoléus; tomado pela grama e pelas ervas-daninhas, a vegetação que crescia pela morte não pela vida; sufocado pelo excesso de sepultamentos, e engordado com um apetite insaciável. Um lugar tenebroso!

O Espírito estava de pé no meio dos túmulos e apontava especificamente para um deles. Scrooge avançou na direção dele, tremendo da cabeça aos pés. O Fantasma continuava a se mostrar exatamente como antes, mas ele temia que existisse um novo significado em sua forma solene.

“Antes que eu me aproxime desta lápide que me aponta”, disse Scrooge, “responda-me uma questão. Estas sombras são fatos que *acontecerão* ou são sombras de fatos que *podem vir acontecer*?”

O Fantasma continuou apontando para o túmulo junto do qual ele estava.

“A conduta dos homens podem determinar os seus fins e, se eles persistirem nelas com certeza não se afastarão deles”, disse Scrooge. “Mas se eles se afastarem dessas condutas, os fins mudarão. Diga-me que é assim que devo entender tudo isto que tem me mostrado!”

O Espírito continuava imóvel como sempre.

Scrooge se arrastava na direção dele, tremendo mais ainda que antes; e seguindo na direção em que o dedo apontava, leu o seu próprio nome, Ebenezer

Scrooge, escrito na lápide daquele túmulo esquecido.

“*Eu sou aquele homem que jazia naquela cama?*”, ele gritou, caindo de joelhos.

O dedo apontava, continuamente, para o túmulo e para ele.

“Não, Espírito! Oh não, não!”.

O dedo continuou imóvel naquela direção.

“Espírito!”, ele gritou, agarrando-se ao manto do fantasma, “ouça-me! Eu não sou mais o homem que eu era. Eu não serei o homem que eu teria sido antes de todos estes encontros. Por que me mostra tudo isso, se toda minha esperança está perdida?”

Pela primeira vez, a mão pareceu se agitar.

“Bom Espírito”, continuou ele, se levantando do chão de onde tinha se jogado antes, “A sua natureza interveio por mim e mostra piedade. Assegure-me que eu ainda posso mudar estas sombras que se apresentam a mim, através de uma vida diferente!”.

A mão se agitou com bondade.

“Eu honrarei o Natal em meu coração e tentarei mantê-lo deste modo por todo o ano. Viverei de acordo com o Passado, o Presente e o Futuro. Os Espíritos dessas Três Épocas continuarão existindo em mim. Eu não voltarei as costas às lições que me foram ensinadas. Oh, diga-me que eu poderei apagar o que está escrito nesta lápide!”

Em sua agonia, ele segurou a mão do espectro. Este tentou se desvencilhar, mas Scrooge foi mais perseverante em sua súplica e a agarrou com força. Porém, o Espírito era mais forte que ele e o repeliu.

Juntando suas mãos em uma última tentativa de súplica pelo destino que lhe era reservado, ele viu que a capa e as vestes do Fantasma se alteravam. Ele se retraiu, desmoronou e se transformou em uma das hastes da cama.

[1] Menção ao capítulo 18, vs 1-6 do Evangelho segundo Mateus: ¹Naquela hora chegaram-se a Jesus os discípulos e perguntaram: Quem é o maior no reino dos céus? / ²Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles, / ³e disse: “Em verdade vos digo que se não vos converterdes e não vos fizerdes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. / ⁴Portanto, quem se tornar humilde como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. / ⁵E qualquer que receber em meu nome uma criança tal como esta, a mim me recebe. / ⁶Mas qualquer que fizer tropeçar um destes pequeninos que **creem** em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e se submergisse na profundidade do mar”. (N.T.)

QUINTO MOVIMENTO

O Fim de Tudo

SIM! Era a haste da sua cama. Era a sua própria cama, o seu próprio quarto. E o melhor de tudo isso é que agora ele teria tempo para consertar tudo o que fosse preciso!

“Viverei de acordo com o Passado, o Presente e o Futuro!”, repetiu Scrooge, ao se arrastar para fora da cama. “Os Espíritos dessas Três Épocas continuarão existindo em mim. Oh Jacob Marley! Abençoados sejam os céus e a época de Natal por tudo isto! Juro pelo que há de mais sagrado, meu velho Jacob; pelo que há de mais sagrado!”

Ele estava tão agitado e tão inflamado pelas suas boas intenções que a sua voz aquebrantada dificilmente correspondia à sua ansiedade. Durante o seu combate com o Espírito, ele tinha chorado tão violentamente que o seu rosto estava coberto de lágrimas.

“Elas não foram arrancadas”, disse Scrooge, segurando nos braços as cortinas do dossel de sua cama. “Elas não foram arrancadas, nem as suas argolas, nem nada. Estão todas aqui: Eu estou aqui: as sobras dos fatos que aconteceriam se dispersaram. Dispersaram-se, eu sei que foram dispersadas!”

Agora, as suas mãos estavam ocupadas com as suas vestes: vestindo-as e tirando-as, ajeitando-as e revirando-as do avesso, esticando-as a ponto de rasgar, colocando-as errado e fazendo toda sorte de extravagâncias com elas.

“Eu nem sei mais o que estou fazendo!”, disse Scrooge, enquanto ria e chorava ao mesmo tempo, transformando-se em um verdadeiro Laocoonte^[1], enrolando-se com as suas meias compridas. “Sinto-me mais leve que uma pluma; tão feliz quanto um anjo e tão contente quanto um aluno de colégio. Estou mais cambaleante que um bêbado. Feliz Natal para todo mundo! Um próspero Ano Novo para todos que habitam o mundo! Viva! Viva, Viva!”

Ele correu para a sala de estar e ficou lá parado, tentando recobrar o ar.

“Lá estão a caçarola e o mingau que havia nela!”, gritou Scrooge, começando novamente, e correndo em direção à lareira. “Lá está a porta por onde entrou o Fantasma de Jacob Marley! Lá está o canto onde o Fantasma do Natal Presente estava sentado! Lá está a janela de onde eu vi os Espíritos que vagavam sem descanso. Está tudo certo, foi tudo verdade, tudo aconteceu mesmo! Há, há, há!”

Realmente, para um homem que esteve tão desacostumado com isso, ele riu de uma modo esplendoroso, dando uma sonora gargalhada. A primeira de uma série de enormes e sonoras gargalhadas!”

“Eu não sei que dia do mês é este!”, disse Scrooge. “Eu não sei quanto tempo eu passei entre os Espíritos. Eu não sei de mais nada. Voltei a ser um bebê. Mas não importa, eu não ligo. É muito melhor ser um bebê. Viva! Viva, Viva!”

Ele foi interrompido pelo carrilhão das igrejas que repicavam do modo mais vigoroso que ele jamais tinha ouvido. Batidas, sinetas, pancadas, ding-dongs, sinos. Sinos, dong-e-dings, gongos e sinetas! Gloriosos, gloriosos!

Correndo para a janela, ele a abriu e colocou o rosto agitado e suando por causa da dançaria toda para fora; um resplandecente dia ensolarado; um céu límpido com uma brisa suave e fresca onde os sinos tocavam. Gloriosos, gloriosos!

“Que dia é hoje?”, gritou Scrooge, chamando por um menino que passava logo abaixo em suas roupas de missa e que achou que estava se atrasando ao atender-lhe o chamado.

“Como?”, respondeu o menino, cheio de espanto por causa de tal pergunta.

“Que dia é hoje, meu bom rapaz?”, disse Scrooge.

“Hoje?”, respondeu o menino. “Hoje é dia de NATAL”.

“É o dia de Natal!”, disse Scrooge para si mesmo. “Eu não cheguei a perder nada. Os Espíritos fizeram tudo o que tinham que fazer em uma única noite. Eles podem fazer qualquer coisa que desejarem. Mas é claro que eles podem. Claro que eles podem. Olá, meu bom rapaz!”

“Olá!”, respondeu o menino.

“Você conhece a avícola que existe aqui na rua ao lado, próxima da esquina?”, perguntou Scrooge.

“Eu creio que sim”, respondeu o rapaz.

“Mas que rapaz inteligente!”, disse Scrooge. “Sem dúvida alguma! Você sabe dizer se eles já venderam o peru premiado que estava lá pendurado? Não o pequeno, mas o maior?”

“Qual? Aquele que é maior do que eu?”, respondeu o menino.

“Mas que garoto maravilhoso!”, disse Scrooge. “É um prazer conversar com ele. Sim, meu rapaz!”

“Ainda está lá pendurado”, respondeu o menino.

“Ainda está?”, disse Scrooge. “Vá lá e compre-o para mim”.

“Está brincando comigo!?” exclamou o menino.

“Não, não”, disse Scrooge. “Estou falando sério. Vá lá e compre-o e diga para eles trazerem aqui para mim, que eu lhes direi para onde leva-lo. Volte aqui com o vendeiro e eu lhe darei um xelim. Volte com ele em menos de cinco minutos e eu lhe darei meia-coroa!”.

“Eu vou manda-lo para a casa de Bob Cratchit!”, sussurrou Scrooge, batendo as mãos e dando uma gargalhada. “Ele não saberá que foi que lhe

mandou. Ele tem duas vezes o tamanho do pequeno Tim. Joe Miller[2] nunca teria imaginado uma brincadeira como essa ao enviar esse peru para a casa de Bob!”

Ele não escreveu o endereço com uma mão muito firme, mas o escreveu de qualquer modo, descendo as escadas para abrir a porta da entrada, pronto para receber o rapaz da avícola. Enquanto estava ali, esperando a sua chegada, ele olhou para a aldrava da porta.

“Eu serei grato a esta aldrava enquanto eu viver!”, disse Scrooge, dando um tapinha com a mão sobre ela. “Eu jamais olharei para ela do mesmo jeito que antes. Que expressão honesta havia em sua face! É uma aldrava maravilhosa!, Eis o peru. Viva! Viva! Como vai você? Feliz Natal!”

Era um peru magnífico! Que ave! Como poderia ficar de pé não se podia dizer. Ela com certeza romperia as patas em um minuto, como se fossem feitas de cera.

“Mas será impossível de carrega-la até Camden Town”, disse Scrooge. “Será melhor vocês pegarem uma carruagem”.

As risadas que acompanharam essas palavras, as risadas que acompanharam o pagamento do peru, as risadas que acompanharam o pagamento da carruagem e as risadas que acompanharam o pagamento da recompensa do menino, só foram menores que as risadas que ele deu ao se sentar em sua poltrona novamente, completamente sem ar, gargalhando até as lágrimas.

O barbear não era uma tarefa das mais fáceis, pois suas mãos continuavam tremendo muito; e se barbear requer muito cuidado, principalmente quando você está dançado ao faze-lo. Mas mesmo que ele tivesse cortado a ponta do nariz e tivesse que colocar um pedaço de esparadrapo nele, ele não deixaria de estar feliz com tudo isso.

Ele se vestiu com a sua melhor roupa e, por fim, saiu para as ruas. As ruas estavam fervilhando de gente, do mesmo modo que ele vira em companhia do Fantasma do Natal Presente; e andando com as suas mãos colocadas às costas, Scrooge cumprimentava a todos com um sorriso maravilhoso. Ele demonstrava uma satisfação tão irresistível que três ou quatro pessoas, repletas de bom humor, lhe disseram, “Bom dia, meu senhor! Um Feliz Natal!” E Scrooge passou a repetir isso frequentemente depois, pois de todas as palavras agradáveis que ouvira depois nenhuma tinha sido mais agradáveis do que estas.

Ele não tinha ido muito longe quando ele se deparou com o distinto cavalheiro que tinha ido ao seu escritório no dia anterior e falado “Scrooge e Marley, acredito?”. Imaginar o olhar que este velho cavalheiro lhe dirigiria ao se encontrar com ele lhe partia o coração, mas ele conhecia bem a rua que ele iria tomar e se dirigiu para ela.

“Meu caro senhor”, disse Scrooge, interceptando-o rapidamente e cumprimentando-o com ambas as mãos. “Como você está? Espero que tenha obtido sucesso ontem. É um belo gesto o seu. Um Feliz Natal, meu senhor!”.

“Sr. Scrooge?”

“Sim”, disse Scrooge. “Esse é o meu nome e temo que ele não lhe seja muito agradável. Permita-me implorar o seu perdão. E tenha a bondade de aceitar esta quantia...”. Nesse momento, Scrooge lhe sussurrou ao ouvido.

“Bendito seja Deus!”, disse o cavalheiro como se perdesse completamente o ar. “Meu caro Sr. Scrooge, você está falando sério?”

“Se o senhor puder levar minha contribuição”, disse Scrooge. “Nem um centavo a menos. Uma grande compensação está incluída aí, posso lhe assegurar. Você me faria este favor?”

“Meu caro senhor”, disse o outro, cumprimentando. “Eu não sei o que eu lhe dizer diante de tal generosidade...”

“Não diga nada, por favor”, respondeu Scrooge. “Apenas venha me procurar. Você irá me procurar?”

“Eu irei”, disse o velho cavalheiro, deixando perfeitamente claro que iria realmente.

“Muito obrigado”, disse Scrooge. “Eu lhe devo muito, meu senhor. Mil vezes obrigado. Deus o abençoe!”

Ele se dirigiu à igreja e caminhou pelas ruas, olhando para as pessoas que iam e vinham, acariciando a cabeça das criancinhas; ajudando os mendigos; olhando para a cozinha das casas, através de suas janelas; descobrindo que tudo isso lhe proporcionava um grande prazer. Ele nunca ousara sonhar que um passeio qualquer como esse – ou qualquer coisa como essa – lhe pudesse trazer tanta felicidade. À tarde ele se dirigiu à casa de seu sobrinho.

Ele passou diante da porta da casa uma dúzia de vezes antes de ter a coragem necessária de ir até ela e bater à porta. Finalmente tomou coragem e seguiu em frente:

“Seu patrão está em casa, minha querida”, disse Scrooge para a criada. Uma menina muito bonita!

“Sim, meu senhor”.

“Onde ele está, meu amorzinho?”, disse Scrooge.

“Ele está na sala de jantar, meu senhor, com a patroa. Posso lhe conduzir até lá, se desejar”.

“Muito obrigado. Ele me conhece”, disse Scrooge, com suas mãos já sobre a maçaneta da sala de jantar. “Eu vou entrar minha querida”.

Ele virou a maçaneta gentilmente e deslizou a cabeça pela porta entreaberta. Eles estavam olhando para a mesa (que estava arrumada para uma recepção), pois estes jovens recém-casados davam muita importância a estas coisas e gostavam que tudo estivesse arrumado.

“Fred!”, disse Scrooge.

Precisavam ver como a sua sobrinha ficou sobressaltada! Scrooge tinha

esquecido por completo o que ela havia dito, enquanto estava sentada num canto em um escabelo, ou pelo menos não dava mais importância a isso.

“Abençoado seja!”, disse Fred, “mas quem eu vejo?”

“Sim, sou eu. Seu tio Scrooge. Eu vim para jantar. Você me permitirá jantar com vocês, Fred?”

Se podia jantar? Por misericórdia ele praticamente lhe arrancou o braço fora. Ele já se encontrava como se fosse em casa passados cinco minutos. Nada poderia ser melhor. Sua sobrinha estava tão agradecida quanto ele. E também Topper quando *este* chegou, bem como a irmã rechonchuda. *Todos* ficaram agradecidos quando chegaram. Uma festa maravilhosa, jogos maravilhoso, unanimidade maravilhosa, uma felicidade maravilhosa!

No dia seguinte, logo de manhã, já estava no escritório. Oh, ele estava lá desde cedo, pois queria chegar lá primeiro e ver Bob Cratchit chegando atrasado! Pois foi exatamente isso o que ele pretendia fazer.

E foi exatamente o que aconteceu! O relógio deu nove horas e nada de Bob aparecer. Já tinham se passado quarenta e oito minutos da sua hora. Scrooge se sentou com a sua porta aberta bem aberta para que ele pudesse vê-lo entrar em seu cubículo.

Ele já tinha tirado o chapéu, antes mesmo de abrir a porta, bem como o seu cachecol. Num instante, já estava em sua mesa, deslizando a sua pena rapidamente como que para recuperar o tempo perdido.

“Olá!”, murmurou Scrooge, com sua voz costumeira, tão próximo possível da sua antiga postura. “Como você se atreve a vir aqui nesta hora do dia?”

“Sinto muito senhor”, disse Bob. “Estou um pouco atrasado”.

“Um pouco?”, repetiu Scrooge. “Sim, acredito que sim. Queira vir aqui, por favor”.

“Isto só acontece uma vez por ano, meu senhor”, defendeu-se Bob, saindo de dentro de seu cubículo. “Isto não se repetia. Ontem nós nos divertimos um pouco, meu senhor”.

“Meu amigo, vou lhe contar uma coisa agora”, disse Scrooge. “Eu não vou mais permitir que este tipo de coisa continue. E, deste modo...”, continuou ele, levantando-se de sua mesa e dando um tapa tão forte nas costas de Bob que o fez retornar para o seu cubículo. “...e, deste modo, vou aumentar o seu salário!”.

Bob tremia e procurou por uma pequena régua que havia ali por perto. Ele chegou a pensar em golpear Scrooge com ela; imobiliza-lo e gritar por ajuda das pessoas da praça e por alguma camisa-de-força.

“Um Feliz Natal, Bob!”, disse Scrooge, com tal seriedade que não poderia haver algum engano nisso tudo. “Um Natal muito mais feliz, Bob, meu bom homem, do que todos os que eu já lhe dei antes! Eu vou aumentar o seu salário e empenhar-me em auxiliar sua família batalhadora; vamos discutir todos

esses assuntos nesta tarde, sobre uma taça de vinho quente com frutas em honra ao Natal, Bob. Acenda a lareira e compre um outro saco de carvão, antes que você coloque outro ponto em um “i”, Bob Cratchit”.

Scrooge agiu melhor do que havia prometido. Ele fez tudo isso e infinitamente muito mais; e para o pequeno Tim, que não veio a falecer, ele se transformou em um segundo pai. Ele se tornou o melhor amigo, o melhor patrão, o melhor homem que nossa boa e velha cidade podia ter, ou que qualquer outra cidade, vila ou aldeia poderia ter neste nosso bom e velho mundo. Algumas pessoas acharam graça com toda essa mudança que ocorreu nele, mas ele deixou que rissem, já que prestava pouca atenção neles; pois ele era sábio o suficiente para saber que nada de bom acontece em nosso planeta sem que algumas pessoas acham graça com o destino dos outros; e sabendo que essas pessoas continuarão cegas de qualquer modo, pouco lhe importava que elas ficassem enrugadas de tanto rir ou que ficassem deformados pelas caretas que fazem. O seu próprio coração estava alegre e isso era mais do que suficiente para ele.

Ele não teve mais nenhum encontro com os Espíritos, mas continuou a viver de acordo com um princípio de total abstinência, para todo o sempre; e as pessoas sempre diziam que ele realmente sabia como manter o espírito do Natal vivo e bem, como se alguém nesse mundo dos vivos pudesse ter a certeza disso. Que todos possam verdadeiramente dizer isso de todos nós! E, deste modo, como o pequeno Tim sempre observava, “Que Deus abençoe a todos e a cada um de nós!”.

FIM

[1] Refere-se à escultura e à história de Laocoonte, personagem da Guerra de Tróia, filho de Príamo, sacerdote de Apolo. A estátua representa Laocoonte e seus dois filhos que também serviam no Templo de Apolo. Segundo o relato de Homero, constante da Iliada, Laocoonte teria sido o único que pressentiu o perigo de levar o cavalo de Tróia para dentro dos muros da cidade. Poseidon, deus dos mares e que favorecia os exércitos dos gregos, enviou duas serpentes marinhas que se enrolaram em torno do sacerdote e de seus filhos, estrangulando-os. A famosa escultura ficou desaparecida por mais de 1.500 anos, sendo redescoberta durante a Renascença por um vinicultor italiano nas ruínas das Termas de Tito. (N.T.)

[2] Joe Miller, ou Josias Miller (1684-1738) foi um ator e renomado humorista dos primeiros anos do século 18, integrante da Drury Lane Company, um grupo teatral de Londres. Era um comediante famoso por suas brincadeiras e piadas, sendo que após a sua morte, estas foram compiladas por John Mottley em um livro intitulado “Joe Miller’s Jests”, publicado em 1739 e que se tornou um livro muito popular à época.

A CHRISTMAS CAROL
IN PROSE, BEING
A GHOST STORY OF CHRISTMAS

PREFACE

I HAVE ENDEAVOURED in this ghostly little book, to raise the Ghost of an Idea, which shall not put of my readers out of humour with themselves, with each other, with the season, or with me. May it haunt their houses pleasantly, and no one wish to lay it.

Their faithful Friend and Servant.

C.D.

December 1843

STAVE ONE

Marley's Ghost

MARLEY was dead: to begin with. There is no doubt whatever about that. The register of his burial was signed by the clergyman, the clerk, the undertaker, and the chief mourner. Scrooge signed it. And Scrooge's name was good upon Change, for anything he chose to put his hand to. Old Marley was as dead as a door-nail.

Mind! I don't mean to say that I know, of my own knowledge, what there is particularly dead about a door-nail. I might have been inclined, myself, to regard a coffin-nail as the deadeast piece of ironmongery in the trade. But the wisdom of our ancestors is in the simile; and my unhallowed hands shall not disturb it, or the Country's done for. You will therefore permit me to repeat, emphatically, that Marley was as dead as a door-nail.

Scrooge knew he was dead? Of course he did. How could it be otherwise? Scrooge and he were partners for I don't know how many years. Scrooge was his sole executor, his sole administrator, his sole assign, his sole residuary legatee, his sole friend, and sole mourner. And even Scrooge was not so dreadfully cut up by the sad event, but that he was an excellent man of business on the very day of the funeral, and solemnised it with an undoubted bargain.

The mention of Marley's funeral brings me back to the point I started from. There is no doubt that Marley was dead. This must be distinctly understood, or nothing wonderful can come of the story I am going to relate. If we were not perfectly convinced that Hamlet's Father died before the play began, there would be nothing more remarkable in his taking a stroll at night, in an easterly wind, upon his own ramparts, than there would be in any other middle-aged gentleman rashly turning out after dark in a breezy spot - say Saint Paul's Churchyard for instance - literally to astonish his son's weak mind.

Scrooge never painted out Old Marley's name. There it stood, years afterwards, above the ware-house door: Scrooge and Marley. The firm was known as Scrooge and Marley. Sometimes people new to the business called Scrooge Scrooge, and sometimes Marley, but he answered to both names. It was all the same to him.

Oh! But he was a tight-fisted hand at the grindstone, Scrooge! a squeezing, wrenching, grasping, scraping, clutching, covetous old sinner! Hard and sharp as flint, from which no steel had ever struck out generous fire; secret, and self-contained, and solitary as an oyster. The cold within him froze his old features, nipped his pointed nose, shrivelled his cheek, stiffened his gait; made his eyes red, his thin lips blue; and spoke out shrewdly in his grating voice. A frosty

rime was on his head, and on his eyebrows, and his wiry chin. He carried his own low temperature always about with him; he iced his office in the dog-days; and didn't thaw it one degree at Christmas.

External heat and cold had little influence on Scrooge. No warmth could warm, no wintry weather chill him. No wind that blew was bitterer than he, no falling snow was more intent upon its purpose, no pelting rain less open to entreaty. Foul weather didn't know where to have him. The heaviest rain, and snow, and hail, and sleet, could boast of the advantage over him in only one respect. They often came down handsomely, and Scrooge never did.

Nobody ever stopped him in the street to say, with gladsome looks, "My dear Scrooge, how are you. When will you come to see me". No beggars implored him to bestow a trifle, no children asked him what it was o'clock, no man or woman ever once in all his life inquired the way to such and such a place, of Scrooge. Even the blindmen's dogs appeared to know him; and when they saw him coming on, would tug their owners into doorways and up courts; and then would wag their tails as though they said, "No eye at all is better than an evil eye, dark master!"

But what did Scrooge care! It was the very thing he liked. To edge his way along the crowded paths of life, warning all human sympathy to keep its distance, was what the knowing ones call nuts to Scrooge.

Once upon a time - of all the good days in the year, on Christmas Eve -- old Scrooge sat busy in his counting-house. It was cold, bleak, biting weather: foggy withal: and he could hear the people in the court outside, go wheezing up and down, beating their hands upon their breasts, and stamping their feet upon the pavement stones to warm them. The city clocks had only just gone three, but it was quite dark already: it had not been light all day: and candles were flaring in the windows of the neighbouring offices, like ruddy smears upon the palpable brown air. The fog came pouring in at every chink and keyhole, and was so dense without, that although the court was of the narrowest, the houses opposite were mere phantoms. To see the dingy cloud come drooping down, obscuring everything, one might have thought that Nature lived hard by, and was brewing on a large scale.

The door of Scrooge's counting-house was open that he might keep his eye upon his clerk, who in a dismal little cell beyond, a sort of tank, was copying letters. Scrooge had a very small fire, but the clerk's fire was so very much smaller that it looked like one coal. But he couldn't replenish it, for Scrooge kept the coal-box in his own room; and so surely as the clerk came in with the shovel, the master predicted that it would be necessary for them to part. Wherefore the clerk put on his white comforter, and tried to warm himself at the candle; in which effort, not being a man of a strong imagination, he failed.

"A merry Christmas, uncle! God save you!" cried a cheerful voice. It was the voice of Scrooge's nephew, who came upon him so quickly that this was the first intimation he had of his approach.

“Bah!” said Scrooge, “Humbug!”

He had so heated himself with rapid walking in the fog and frost, this nephew of Scrooge’s, that he was all in a glow; his face was ruddy and handsome; his eyes sparkled, and his breath smoked again.

“Christmas a humbug, uncle!” said Scrooge’s nephew. “You don’t mean that, I am sure”.

“I do,” said Scrooge. “Merry Christmas! What right have you to be merry? what reason have you to be merry? You’re poor enough”.

“Come, then,” returned the nephew gaily. “What right have you to be dismal? what reason have you to be morose? You’re rich enough”.

Scrooge having no better answer ready on the spur of the moment, said, “Bah!” again; and followed it up with “Humbug”.

“Don’t be cross, uncle,” said the nephew.

“What else can I be,” returned the uncle, “when I live in such a world of fools as this Merry Christmas! Out upon merry Christmas. What’s Christmas time to you but a time for paying bills without money; a time for finding yourself a year older, but not an hour richer; a time for balancing your books and having every item in ‘em through a round dozen of months presented dead against you? If I could work my will,” said Scrooge indignantly, “every idiot who goes about with “Merry Christmas” on his lips, should be boiled with his own pudding, and buried with a stake of holly through his heart. He should!”

“Uncle!” pleaded the nephew.

“Nephew!” returned the uncle, sternly, “keep Christmas in your own way, and let me keep it in mine”.

“Keep it!” repeated Scrooge’s nephew. “But you don’t keep it”.

“Let me leave it alone, then,” said Scrooge. “Much good may it do you! Much good it has ever done you!”

“There are many things from which I might have derived good, by which I have not profited, I dare say,” returned the nephew: “Christmas among the rest. But I am sure I have always thought of Christmas time, when it has come round - apart from the veneration due to its sacred name and origin, if anything belonging to it can be apart from that - as a good time: a kind, forgiving, charitable, pleasant time: the only time I know of, in the long calendar of the year, when men and women seem by one consent to open their shut-up hearts freely, and to think of people below them as if they really were fellow-passengers to the grave, and not another race of creatures bound on other journeys. And therefore, uncle, though it has never put a scrap of gold or silver in my pocket, I believe that it has done me good, and will do me good; and I say, God bless it!”

The clerk in the tank involuntarily applauded. Becoming immediately sensible of the impropriety, he poked the fire, and extinguished the last frail spark

for ever.

“Let me hear another sound from you,” said Scrooge, “and you’ll keep your Christmas by losing your situation. You’re quite a powerful speaker, sir,” he added, turning to his nephew. “I wonder you don’t go into Parliament”.

“Don’t be angry, uncle. Come! Dine with us to-morrow”.

Scrooge said that he would see him - yes, indeed he did. He went the whole length of the expression, and said that he would see him in that extremity first.

“But why?” cried Scrooge’s nephew. “Why?”

“Why did you get married?” said Scrooge.

“Because I fell in love”.

“Because you fell in love!” growled Scrooge, as if that were the only one thing in the world more ridiculous than a merry Christmas. “Good afternoon!”

“Nay, uncle, but you never came to see me before that happened. Why give it as a reason for not coming now?”

“Good afternoon,” said Scrooge.

“I want nothing from you; I ask nothing of you; why cannot we be friends?”

“Good afternoon,” said Scrooge.

“I am sorry, with all my heart, to find you so resolute. We have never had any quarrel, to which I have been a party. But I have made the trial in homage to Christmas, and I’ll keep my Christmas humour to the last. So A Merry Christmas, uncle!”

“Good afternoon!” said Scrooge.

“And A Happy New Year!”

“Good afternoon!” said Scrooge.

His nephew left the room without an angry word, notwithstanding. He stopped at the outer door to bestow the greeting of the season on the clerk who, cold as he was, was warmer than Scrooge; for he returned them cordially.

“There’s another fellow,” muttered Scrooge; who overheard him: “my clerk, with fifteen shillings a week, and a wife and family, talking about a merry Christmas. I’ll retire to Bedlam”.

This lunatic, in letting Scrooge’s nephew out, had let two other people in. They were portly gentlemen, pleasant to behold, and now stood, with their hats off, in Scrooge’s office. They had books and papers in their hands, and bowed to him.

“Scrooge and Marley’s, I believe,” said one of the gentlemen, referring to his list. “Have I the pleasure of addressing Mr. Scrooge, or Mr. Marley?”

“Mr. Marley has been dead these seven years,” Scrooge replied. “He died seven years ago, this very night”.

“We have no doubt his liberality is well represented by his surviving partner,” said the gentleman, presenting his credentials.

It certainly was; for they had been two kindred spirits. At the ominous word “liberality”, Scrooge frowned, and shook his head, and handed the credentials back.

“At this festive season of the year, Mr. Scrooge,” said the gentleman, taking up a pen, “it is more than usually desirable that we should make some slight provision for the Poor and destitute, who suffer greatly at the present time. Many thousands are in want of common necessities; hundreds of thousands are in want of common comforts, sir”.

“Are there no prisons?” asked Scrooge.

“Plenty of prisons,” said the gentleman, laying down the pen again.

“And the Union workhouses?” demanded Scrooge. “Are they still in operation?”

“They are. Still,” returned the gentleman, “I wish I could say they were not”.

“The Treadmill and the Poor Law are in full vigour, then?” said Scrooge.

“Both very busy, sir”.

“Oh! I was afraid, from what you said at first, that something had occurred to stop them in their useful course,” said Scrooge. “I’m very glad to hear it”.

“Under the impression that they scarcely furnish Christian cheer of mind or body to the multitude,” returned the gentleman, “a few of us are endeavouring to raise a fund to buy the Poor some meat and drink, and means of warmth. We choose this time, because it is a time, of all others, when Want is keenly felt, and Abundance rejoices. What shall I put you down for?”

“Nothing!” Scrooge replied.

“You wish to be anonymous?”

“I wish to be left alone,” said Scrooge. “Since you ask me what I wish, gentlemen, that is my answer. I don’t make merry myself at Christmas and I can’t afford to make idle people merry. I help to support the establishments, I have mentioned: they cost enough: and those who are badly off must go there”.

“Many can’t go there; and many would rather die”.

“If they would rather die,” said Scrooge, “they had better do it, and decrease the surplus population. Besides - excuse me - I don’t know that”.

“But you might know it,” observed the gentleman.

“It’s not my business,” Scrooge returned. “It’s enough for a man to understand his own business, and not to interfere with other people’s. Mine

occupies me constantly. Good afternoon, gentlemen!”

Seeing clearly that it would be useless to pursue their point, the gentlemen withdrew. Scrooge resumed his labours with an improved opinion of himself, and in a more facetious temper than was usual with him.

Meanwhile the fog and darkness thickened so, that people ran about with flaring links, proffering their services to go before horses in carriages, and conduct them on their way. The ancient tower of a church, whose gruff old bell was always peeping slyly down at Scrooge out of a gothic window in the wall, became invisible, and struck the hours and quarters in the clouds, with tremulous vibrations afterwards as if its teeth were chattering in its frozen head up there. The cold became intense. In the main street, at the corner of the court, some labourers were repairing the gas-pipes, and had lighted a great fire in a brazier, round which a party of ragged men and boys were gathered: warming their hands and winking their eyes before the blaze in rapture. The water-plug being left in solitude, its overflowings sullenly congealed, and turned to misanthropic ice. The brightness of the shops where holly sprigs and berries crackled in the lamp-heat of the windows, made pale faces ruddy as they passed. Poulterers' and grocers' trades became a splendid joke: a glorious pageant, with which it was next to impossible to believe that such dull principles as bargain and sale had anything to do. The Lord Mayor, in the stronghold of the mighty Mansion House, gave orders to his fifty cooks and butlers to keep Christmas as a Lord Mayor's household should; and even the little tailor, whom he had fined five shillings on the previous Monday for being drunk and bloodthirsty in the streets, stirred up tomorrow's pudding in his garret, while his lean wife and the baby sallied out to buy the beef.

Foggier yet, and colder! Piercing, searching, biting cold. If the good Saint Dunstan had but nipped the Evil Spirit's nose with a touch of such weather as that, instead of using his familiar weapons, then indeed he would have roared to lusty purpose. The owner of one scant young nose, gnawed and mumbled by the hungry cold as bones are gnawed by dogs, stooped down at Scrooge's keyhole to regale him with a Christmas carol: but at the first sound of:

*“GOD BLESS YOU, MERRY GENTLEMAN!
MAY NOTHING YOU DISMAY!”*

Scrooge seized the ruler with such energy of action that the singer fled in terror, leaving the keyhole to the fog and even more congenial frost.

At length the hour of shutting up the counting-house arrived. With an ill-will Scrooge dismounted from his stool, and tacitly admitted the fact to the expectant clerk in the Tank, who instantly snuffed his candle out, and put on his hat.

“You'll want all day tomorrow, I suppose?” said Scrooge.

“If quite convenient, Sir”.

"It's not convenient," said Scrooge, "and it's not fair. If I was to stop half-a-crown for it, you'd think yourself ill-used, I'll be bound?"

The clerk smiled faintly.

"And yet," said Scrooge, "you don't think me ill-used, when I pay a day's wages for no work".

The clerk observed that it was only once a year.

"A poor excuse for picking a man's pocket every twenty-fifth of December!" said Scrooge, buttoning his great-coat to the chin. "But I suppose you must have the whole day. Be here all the earlier next morning!"

The clerk promised that he would; and Scrooge walked out with a growl. The office was closed in a twinkling, and the clerk, with the long ends of his white comforter dangling below his waist (for he boasted no great-coat), went down a slide on Cornhill, at the end of a lane of boys, twenty times, in honour of its being Christmas Eve, and then ran home to Camden Town as hard as he could pelt, to play at blindman's buff.

Scrooge took his melancholy dinner in his usual melancholy tavern; and having read all the newspapers, and beguiled the rest of the evening with his banker's-book, went home to bed. He lived in chambers which had once belonged to his deceased partner. They were a gloomy suite of rooms, in a lowering pile of building up a yard, where it had so little business to be, that one could scarcely help fancying it must have run there when it was a young house, playing at hide-and-seek with other houses, and have forgotten the way out again. It was old enough now, and dreary enough, for nobody lived in it but Scrooge, the other rooms being all let out as offices. The yard was so dark that even Scrooge, who knew its every stone, was fain to grope with his hands. The fog and frost so hung about the black old gateway of the house, that it seemed as if the Genius of the Weather sat in mournful meditation on the threshold.

Now, it is a fact, that there was nothing at all particular about the knocker on the door, except that it was very large. It is also a fact, that Scrooge had seen it, night and morning, during his whole residence in that place; also that Scrooge had as little of what is called fancy about him as any man in the City of London, even including - which is a bold word - the corporation, aldermen, and livery. Let it also be borne in mind that Scrooge had not bestowed one thought on Marley, since his last mention of his seven-year's dead partner that afternoon. And then let any man explain to me, if he can, how it happened that Scrooge, having his key in the lock of the door, saw in the knocker, without its undergoing any intermediate process of change: not a knocker, but Marley's face.

Marley's face. It was not in impenetrable shadow as the other objects in the yard were, but had a dismal light about it, like a bad lobster in a dark cellar. It was not angry or ferocious, but looked at Scrooge as Marley used to look: with ghostly spectacles turned up upon its ghostly forehead. The hair was curiously stirred, as if by breath or hot-air; and, though the eyes were wide open, they were perfectly motionless. That, and its livid colour, made it horrible; but its

horror seemed to be in spite of the face and beyond its control, rather than a part of its own expression.

As Scrooge looked fixedly at this phenomenon, it was a knocker again.

To say that he was not startled, or that his blood was not conscious of a terrible sensation to which it had been a stranger from infancy, would be untrue. But he put his hand upon the key he had relinquished, turned it sturdily, walked in, and lighted his candle.

He did pause, with a moment's irresolution, before he shut the door; and he did look cautiously behind it first, as if he half expected to be terrified with the sight of Marley's pigtail sticking out into the hall. But there was nothing on the back of the door, except the screws and nuts that held the knocker on, so he said "Pooh, pooh!" and closed it with a bang.

The sound resounded through the house like thunder. Every room above, and every cask in the wine-merchant's cellars below, appeared to have a separate peal of echoes of its own. Scrooge was not a man to be frightened by echoes. He fastened the door, and walked across the hall, and up the stairs, slowly too: trimming his candle as he went.

You may talk vaguely about driving a coach-and-six up a good old flight of stairs, or through a bad young Act of Parliament; but I mean to say you might have got a hearse up that staircase, and taken it broadwise, with the splinter-bar towards the wall and the door towards the balustrades: and done it easy. There was plenty of width for that, and room to spare; which is perhaps the reason why Scrooge thought he saw a locomotive hearse going on before him in the gloom. Half-a-dozen gas-lamps out of the street wouldn't have lighted the entry too well, so you may suppose that it was pretty dark with Scrooge's dip.

Up Scrooge went, not caring a button for that: darkness is cheap, and Scrooge liked it. But before he shut his heavy door, he walked through his rooms to see that all was right. He had just enough recollection of the face to desire to do that.

Sitting-room, bed-room, lumber-room. All as they should be. Nobody under the table, nobody under the sofa; a small fire in the grate; spoon and basin ready; and the little saucepan of gruel (Scrooge has a cold in his head) upon the hob. Nobody under the bed; nobody in the closet; nobody in his dressing-gown, which was hanging up in a suspicious attitude against the wall. Lumber-room as usual. Old fire-guard, old shoes, two fish-baskets, washing-stand on three legs, and a poker.

Quite satisfied, he closed his door, and locked himself in; double-locked himself in, which was not his custom. Thus secured against surprise, he took off his cravat; put on his dressing-gown and slippers, and his night-cap; and sat down before the fire to take his gruel.

It was a very low fire indeed; nothing on such a bitter night. He was obliged to sit close to it, and brood over it, before he could extract the least sensation of warmth from such a handful of fuel. The fireplace was an old one,

built by some Dutch merchant long ago, and paved all round with quaint Dutch tiles, designed to illustrate the Scriptures. There were Cains and Abels, Pharaoh's daughters, Queens of Sheba, Angelic messengers descending through the air on clouds like feather-beds, Abrahams, Belshazzars, Apostles putting off to sea in butter-boats, hundreds of figures to attract his thoughts; and yet that face of Marley, seven years dead, came like the ancient Prophet's rod, and swallowed up the whole. If each smooth tile had been a blank at first, with power to shape some picture on its surface from the disjointed fragments of his thoughts, there would have been a copy of old Marley's head on every one.

"Humbug!" said Scrooge; and walked across the room.

After several turns, he sat down again. As he threw his head back in the chair, his glance happened to rest upon a bell, a disused bell, that hung in the room, and communicated for some purpose now forgotten with a chamber in the highest story of the building. It was with great astonishment, and with a strange, inexplicable dread, that as he looked, he saw this bell begin to swing. It swung so softly in the outset that it scarcely made a sound; but soon it rang out loudly, and so did every bell in the house.

This might have lasted half a minute, or a minute, but it seemed an hour. The bells ceased as they had begun, together. They were succeeded by a clanking noise, deep down below; as if some person were dragging a heavy chain over the casks in the wine-merchant's cellar. Scrooge then remembered to have heard that ghosts in haunted houses were described as dragging chains.

The cellar-door flew open with a booming sound, and then he heard the noise much louder, on the floors below; then coming up the stairs; then coming straight towards his door.

"It's humbug still!" said Scrooge. "I won't believe it".

His colour changed though, when, without a pause, it came on through the heavy door, and passed into the room before his eyes. Upon its coming in, the dying flame leaped up, as though it cried, "I know him! Marley's Ghost!" and fell again.

The same face: the very same. Marley in his pigtail, usual waistcoat, tights, and boots; the tassels on the latter bristling, like his pigtail, and his coat-skirts, and the hair upon his head. The chain he drew was clasped about his middle. It was long, and wound about him like a tail; and it was made (for Scrooge observed it closely) of cash-boxes, keys, padlocks, ledgers, deeds, and heavy purses wrought in steel. His body was transparent; so that Scrooge, observing him, and looking through his waistcoat, could see the two buttons on his coat behind.

Scrooge had often heard it said that Marley had no bowels, but he had never believed it until now.

No, nor did he believe it even now. Though he looked the phantom through and through, and saw it standing before him; though he felt the chilling influence of its death-cold eyes; and marked the very texture of the folded kerchief bound about its head and chin, which wrapper he had not observed

before; he was still incredulous, and fought against his senses.

“How now!” said Scrooge, caustic and cold as ever. “What do you want with me?”

“Much!” - Marley’s voice, no doubt about it.

“Who are you?”

“Ask me who I was”.

“Who were you then”. said Scrooge, raising his voice. “You’re particular, for a shade”. He was going to say “to a shade,” but substituted this, as more appropriate.

“In life I was your partner, Jacob Marley”.

“Can you - can you sit down?” asked Scrooge, looking doubtfully at him.

“I can”.

“Do it, then”.

Scrooge asked the question, because he didn’t know whether a ghost so transparent might find himself in a condition to take a chair; and felt that in the event of its being impossible, it might involve the necessity of an embarrassing explanation. But the ghost sat down on the opposite side of the fireplace, as if he were quite used to it.

“You don’t believe in me,” observed the Ghost.

“I don’t,” said Scrooge.

“What evidence would you have of my reality beyond that of your senses?”

“I don’t know,” said Scrooge.

“Why do you doubt your senses?”

“Because,” said Scrooge, “a little thing affects them. A slight disorder of the stomach makes them cheats. You may be an undigested bit of beef, a blot of mustard, a crumb of cheese, a fragment of an underdone potato. There’s more of gravy than of grave about you, whatever you are!”

Scrooge was not much in the habit of cracking jokes, nor did he feel, in his heart, by any means waggish then. The truth is, that he tried to be smart, as a means of distracting his own attention, and keeping down his terror; for the spectre’s voice disturbed the very marrow in his bones.

To sit, staring at those fixed, glazed eyes, in silence for a moment, would play, Scrooge felt, the very deuce with him. There was something very awful, too, in the spectre’s being provided with an infernal atmosphere of its own. Scrooge could not feel it himself, but this was clearly the case; for though the Ghost sat perfectly motionless, its hair, and skirts, and tassels, were still agitated as by the hot vapour from an oven.

“You see this toothpick?” said Scrooge, returning quickly to the charge,

for the reason just assigned; and wishing, though it were only for a second, to divert the vision's stony gaze from himself.

"I do," replied the Ghost.

"You are not looking at it," said Scrooge.

"But I see it," said the Ghost, "notwithstanding".

"Well!" returned Scrooge, "I have but to swallow this, and be for the rest of my days persecuted by a legion of goblins, all of my own creation. Humbug, I tell you; humbug!"

At this the spirit raised a frightful cry, and shook its chain with such a dismal and appalling noise, that Scrooge held on tight to his chair, to save himself from falling in a swoon. But how much greater was his horror, when the phantom taking off the bandage round its head, as if it were too warm to wear in-doors, its lower jaw dropped down upon its breast!

Scrooge fell upon his knees, and clasped his hands before his face.

"Mercy!" he said. "Dreadful apparition, why do you trouble me?"

"Man of the worldly mind!" replied the Ghost, "do you believe in me or not?"

"I do," said Scrooge. "I must. But why do spirits walk the earth, and why do they come to me?"

"It is required of every man," the Ghost returned, "that the spirit within him should walk abroad among his fellow-men, and travel far and wide; and if that spirit goes not forth in life, it is condemned to do so after death. It is doomed to wander through the world - oh, woe is me! - and witness what it cannot share, but might have shared on earth, and turned to happiness!"

Again the spectre raised a cry, and shook its chain, and wrung its shadowy hands.

"You are fettered," said Scrooge, trembling. "Tell me why?"

"I wear the chain I forged in life," replied the Ghost. "I made it link by link, and yard by yard; I girded it on of my own free will, and of my own free will I wore it. Is its pattern strange to you?"

Scrooge trembled more and more.

"Or would you know," pursued the Ghost, "the weight and length of the strong coil you bear yourself? It was full as heavy and as long as this, seven Christmas Eves ago. You have laboured on it, since. It is a ponderous chain!"

Scrooge glanced about him on the floor, in the expectation of finding himself surrounded by some fifty or sixty fathoms of iron cable: but he could see nothing.

"Jacob," he said, imploringly. "Old Jacob Marley, tell me more. Speak comfort to me, Jacob".

"I have none to give," the Ghost replied. "It comes from other regions,

Ebenezer Scrooge, and is conveyed by other ministers, to other kinds of men. Nor can I tell you what I would. A very little more, is all permitted to me. I cannot rest, I cannot stay, I cannot linger any where. My spirit never walked beyond our counting-house - mark me! - in life my spirit never roved beyond the narrow limits of our money-changing hole; and weary journeys lie before me!"

It was a habit with Scrooge, whenever he became thoughtful, to put his hands in his breeches pockets. Pondering on what the Ghost had said, he did so now, but without lifting up his eyes, or getting off his knees.

"You must have been very slow about it, Jacob," Scrooge observed, in a business-like manner, though with humility and deference.

"Slow!" the Ghost repeated.

"Seven years dead," mused Scrooge. "And travelling all the time?"

"The whole time," said the Ghost. "No rest, no peace. Incessant torture of remorse".

"You travel fast?" said Scrooge.

"On the wings of the wind," replied the Ghost.

"You might have got over a great quantity of ground in seven years," said Scrooge.

The Ghost, on hearing this, set up another cry, and clanked its chain so hideously in the dead silence of the night, that the Ward would have been justified in indicting it for a nuisance.

"Oh! captive, bound, and double-ironed," cried the phantom, "not to know, that ages of incessant labour by immortal creatures, for this earth must pass into eternity before the good of which it is susceptible is all developed. Not to know that any Christian spirit working kindly in its little sphere, whatever it may be, will find its mortal life too short for its vast means of usefulness. Not to know that no space of regret can make amends for one life's opportunities misused! Yet such was I! Oh! such was I!"

"But you were always a good man of business, Jacob," faltered Scrooge, who now began to apply this to himself.

"Business!" cried the Ghost, wringing its hands again. "Mankind was my business. The common welfare was my business; charity, mercy, forbearance, and benevolence, were, all, my business. The dealings of my trade were but a drop of water in the comprehensive ocean of my business!"

It held up its chain at arm's length, as if that were the cause of all its unavailing grief, and flung it heavily upon the ground again.

"At this time of the rolling year," the spectre said, "I suffer most. Why did I walk through crowds of fellow-beings with my eyes turned down, and never raise them to that blessed Star which led the Wise Men to a poor abode? Were there no poor homes to which its light would have conducted me!"

Scrooge was very much dismayed to hear the spectre going on at this

rate, and began to quake exceedingly.

“Hear me!” cried the Ghost. “My time is nearly gone”.

“I will,” said Scrooge. “But don’t be hard upon me! Don’t be flowery, Jacob! Pray!”

“How it is that I appear before you in a shape that you can see, I may not tell. I have sat invisible beside you many and many a day”.

It was not an agreeable idea. Scrooge shivered, and wiped the perspiration from his brow.

“That is no light part of my penance,” pursued the Ghost. “I am here to-night to warn you, that you have yet a chance and hope of escaping my fate. A chance and hope of my procuring, Ebenezer”.

“You were always a good friend to me,” said Scrooge. “Thank’ee!”

“You will be haunted,” resumed the Ghost, “by Three Spirits”.

Scrooge’s countenance fell almost as low as the Ghost’s had done.

“Is that the chance and hope you mentioned, Jacob?” he demanded, in a faltering voice.

“It is”.

“I - I think I’d rather not,” said Scrooge.

“Without their visits,” said the Ghost, “you cannot hope to shun the path I tread. Expect the first to-morrow, when the bell tolls One”.

“Couldn’t I take ‘em all at once, and have it over, Jacob?” hinted Scrooge.

“Expect the second on the next night at the same hour. The third upon the next night when the last stroke of Twelve has ceased to vibrate. Look to see me no more; and look that, for your own sake, you remember what has passed between us”.

When it had said these words, the spectre took its wrapper from the table, and bound it round its head, as before. Scrooge knew this, by the smart sound its teeth made, when the jaws were brought together by the bandage. He ventured to raise his eyes again, and found his supernatural visitor confronting him in an erect attitude, with its chain wound over and about its arm.

The apparition walked backward from him; and at every step it took, the window raised itself a little, so that when the spectre reached it, it was wide open.

It beckoned Scrooge to approach, which he did. When they were within two paces of each other, Marley’s Ghost held up its hand, warning him to come no nearer. Scrooge stopped.

Not so much in obedience, as in surprise and fear: for on the raising of the hand, he became sensible of confused noises in the air; incoherent sounds of lamentation and regret; wailings inexpressibly sorrowful and self-accusatory. The spectre, after listening for a moment, joined in the mournful dirge; and floated

out upon the bleak, dark night.

Scrooge followed to the window: desperate in his curiosity. He looked out.

The air was filled with phantoms, wandering hither and thither in restless haste, and moaning as they went. Every one of them wore chains like Marley's Ghost; some few (they might be guilty governments) were linked together; none were free. Many had been personally known to Scrooge in their lives. He had been quite familiar with one old ghost, in a white waistcoat, with a monstrous iron safe attached to its ankle, who cried piteously at being unable to assist a wretched woman with an infant, whom it saw below, upon a door-step. The misery with them all was, clearly, that they sought to interfere, for good, in human matters, and had lost the power for ever.

Whether these creatures faded into mist, or mist enshrouded them, he could not tell. But they and their spirit voices faded together; and the night became as it had been when he walked home.

Scrooge closed the window, and examined the door by which the Ghost had entered. It was double-locked, as he had locked it with his own hands, and the bolts were undisturbed. He tried to say "Humbug!" but stopped at the first syllable. And being, from the emotion he had undergone, or the fatigues of the day, or his glimpse of the Invisible World, or the dull conversation of the Ghost, or the lateness of the hour, much in need of repose; went straight to bed, without undressing, and fell asleep upon the instant.

STAVE TWO

The First of the Three Spirits

WHEN Scrooge awoke, it was so dark, that looking out of bed, he could scarcely distinguish the transparent window from the opaque walls of his chamber. He was endeavouring to pierce the darkness with his ferret eyes, when the chimes of a neighbouring church struck the four quarters. So he listened for the hour.

To his great astonishment the heavy bell went on from six to seven, and from seven to eight, and regularly up to twelve; then stopped. Twelve! It was past two when he went to bed. The clock was wrong. An icicle must have got into the works. Twelve!

He touched the spring of his repeater, to correct this most preposterous clock. Its rapid little pulse beat twelve: and stopped.

"Why, it isn't possible," said Scrooge, "that I can have slept through a whole day and far into another night. It isn't possible that anything has happened to the sun, and this is twelve at noon!"

The idea being an alarming one, he scrambled out of bed, and groped his way to the window. He was obliged to rub the frost off with the sleeve of his dressing-gown before he could see anything; and could see very little then. All he could make out was, that it was still very foggy and extremely cold, and that there was no noise of people running to and fro, and making a great stir, as there unquestionably would have been if night had beaten off bright day, and taken possession of the world. This was a great relief, because "three days after sight of this First of Exchange pay to Mr. Ebenezer Scrooge or his order," and so forth, would have become a mere United States' security if there were no days to count by.

Scrooge went to bed again, and thought, and thought, and thought it over and over, and could make nothing of it. The more he thought, the more perplexed he was; and the more he endeavoured not to think, the more he thought Marley's Ghost bothered him exceedingly. Every time he resolved within himself, after mature inquiry, that it was all a dream, his mind flew back, like a strong spring released, to its first position, and presented the same problem to be worked all through, "Was it a dream or not?"

Scrooge lay in this state until the chime had gone three quarters more, when he remembered, on a sudden, that the Ghost had warned him of a visitation when the bell tolled one. He resolved to lie awake until the hour was past; and, considering that he could no more go to sleep than go to Heaven, this was perhaps the wisest resolution in his power.

The quarter was so long, that he was more than once convinced he must have sunk into a doze unconsciously, and missed the clock. At length it broke upon his listening ear.

“Ding, dong!”

“A quarter past,” said Scrooge, counting.

“Ding, dong!”

“Half past!” said Scrooge.

“Ding, dong!”

“A quarter to it,” said Scrooge.

“Ding, dong!”

“The hour itself,” said Scrooge, triumphantly, “and nothing else!”

He spoke before the hour bell sounded, which it now did with a deep, dull, hollow, melancholy ONE. Light flashed up in the room upon the instant, and the curtains of his bed were drawn.

The curtains of his bed were drawn aside, I tell you, by a hand. Not the curtains at his feet, nor the curtains at his back, but those to which his face was addressed. The curtains of his bed were drawn aside; and Scrooge, starting up into a half-recumbent attitude, found himself face to face with the unearthly visitor who drew them: as close to it as I am now to you, and I am standing in the spirit at your elbow.

It was a strange figure - like a child: yet not so like a child as like an old man, viewed through some supernatural medium, which gave him the appearance of having receded from the view, and being diminished to a child's proportions. Its hair, which hung about its neck and down its back, was white as if with age; and yet the face had not a wrinkle in it, and the tenderest bloom was on the skin. The arms were very long and muscular; the hands the same, as if its hold were of uncommon strength. Its legs and feet, most delicately formed, were, like those upper members, bare. It wore a tunic of the purest white and round its waist was bound a lustrous belt, the sheen of which was beautiful. It held a branch of fresh green holly in its hand; and, in singular contradiction of that wintry emblem, had its dress trimmed with summer flowers. But the strangest thing about it was, that from the crown of its head there sprung a bright clear jet of light, by which all this was visible; and which was doubtless the occasion of its using, in its duller moments, a great extinguisher for a cap, which it now held under its arm.

Even this, though, when Scrooge looked at it with increasing steadiness, was not its strangest quality. For as its belt sparkled and glittered now in one part and now in another, and what was light one instant, at another time was dark, so the figure itself fluctuated in its distinctness: being now a thing with one arm, now with one leg, now with twenty legs, now a pair of legs without a head, now a head without a body: of which dissolving parts, no outline would be visible in the dense gloom wherein they melted away. And in the very wonder of this, it would be itself again; distinct and clear as ever.

“Are you the Spirit, sir, whose coming was foretold to me?” asked Scrooge.

“I am!”

The voice was soft and gentle. Singularly low, as if instead of being so close beside him, it were at a distance.

“Who, and what are you?” Scrooge demanded.

“I am the Ghost of Christmas Past”.

“Long past?” inquired Scrooge: observant of its dwarfish stature.

“No. Your past”.

Perhaps, Scrooge could not have told anybody why, if anybody could have asked him; but he had a special desire to see the Spirit in his cap; and begged him to be covered.

“What!” exclaimed the Ghost, “would you so soon put out, with worldly hands, the light I give? Is it not enough that you are one of those whose passions made this cap, and force me through whole trains of years to wear it low upon my brow!”

Scrooge reverently disclaimed all intention to offend or any knowledge of having wilfully bonneted the Spirit at any period of his life. He then made bold to inquire what business brought him there.

“Your welfare!” said the Ghost.

Scrooge expressed himself much obliged, but could not help thinking that a night of unbroken rest would have been more conducive to that end. The Spirit must have heard him thinking, for it said immediately:

“Your reclamation, then. Take heed!”

It put out its strong hand as it spoke, and clasped him gently by the arm.

“Rise! and walk with me!”

It would have been in vain for Scrooge to plead that the weather and the hour were not adapted to pedestrian purposes; that bed was warm, and the thermometer a long way below freezing; that he was clad but lightly in his slippers, dressing-gown, and nightcap; and that he had a cold upon him at that time. The grasp, though gentle as a woman’s hand, was not to be resisted. He rose: but finding that the Spirit made towards the window, clasped his robe in supplication.

“I am mortal,” Scrooge remonstrated, “and liable to fall”.

“Bear but a touch of my hand there,” said the Spirit, laying it upon his heart, “and you shall be upheld in more than this!”

As the words were spoken, they passed through the wall, and stood upon an open country road, with fields on either hand. The city had entirely vanished. Not a vestige of it was to be seen. The darkness and the mist had vanished with it, for it was a clear, cold, winter day, with snow upon the ground. “Good Heaven!”

said Scrooge, clasping his hands together, as he looked about him. "I was bred in this place. I was a boy here!"

The Spirit gazed upon him mildly. Its gentle touch, though it had been light and instantaneous, appeared still present to the old man's sense of feeling. He was conscious of a thousand odours floating in the air, each one connected with a thousand thoughts, and hopes, and joys, and cares long, long, forgotten.

"Your lip is trembling," said the Ghost. "And what is that upon your cheek?"

Scrooge muttered, with an unusual catching in his voice, that it was a pimple; and begged the Ghost to lead him where he would.

"You recollect the way?" inquired the Spirit.

"Remember it!" cried Scrooge with fervour; "I could walk it blindfold".

"Strange to have forgotten it for so many years!" observed the Ghost. "Let us go on".

They walked along the road; Scrooge recognising every gate, and post, and tree; until a little market-town appeared in the distance, with its bridge, its church, and winding river. Some shaggy ponies now were seen trotting towards them with boys upon their backs, who called to other boys in country gigs and carts, driven by farmers. All these boys were in great spirits, and shouted to each other, until the broad fields were so full of merry music, that the crisp air laughed to hear it.

"These are but shadows of the things that have been," said the Ghost. "They have no consciousness of us".

The jocund travellers came on; and as they came, Scrooge knew and named them every one. Why was he rejoiced beyond all bounds to see them! Why did his cold eye glisten, and his heart leap up as they went past! Why was he filled with gladness when he heard them give each other Merry Christmas, as they parted at cross-roads and bye-ways, for their several homes! What was merry Christmas to Scrooge? Out upon merry Christmas! What good had it ever done to him?

"The school is not quite deserted," said the Ghost. "A solitary child, neglected by his friends, is left there still".

Scrooge said he knew it. And he sobbed.

They left the high-road, by a well-remembered lane, and soon approached a mansion of dull red brick with a little weathercock-surmounted cupola, on the roof, and a bell hanging in it. It was a large house, but one of broken fortunes; for the spacious offices were little used, their walls were damp and mossy, their windows broken, and their gates decayed. Fowls clucked and strutted in the stables; and the coach-houses and sheds were over-run with grass. Nor was it more retentive of its ancient state, within; for entering the dreary hall, and glancing through the open doors of many rooms, they found them poorly furnished, cold, and vast. There was an earthy savour in the air, a chilly bareness

in the place, which associated itself somehow with too much getting up by candle-light, and not too much to eat.

They went, the Ghost and Scrooge, across the hall, to a door at the back of the house. It opened before them, and disclosed a long, bare, melancholy room, made barer still by lines of plain deal forms and desks. At one of these a lonely boy was reading near a feeble fire; and Scrooge sat down upon a form, and wept to see his poor forgotten self as he used to be.

Not a latent echo in the house, not a squeak and scuffle from the mice behind the paneling, not a drip from the half-thawed water-spout in the dull yard behind, not a sigh among the leafless boughs of one despondent poplar, not the idle swinging of an empty store-house door, no, not a clicking in the fire, but fell upon the heart of Scrooge with a softening influence, and gave a freer passage to his tears.

The Spirit touched him on the arm, and pointed to his younger self, intent upon his reading. Suddenly a man, in foreign garments: wonderfully real and distinct to look at: stood outside the window, with an axe stuck in his belt, and leading an ass laden with wood by the bridle.

“Why, it’s Ali Baba!” Scrooge exclaimed in ecstasy. “It’s dear old honest Ali Baba! Yes, yes, I know! One Christmas time, when yonder solitary child was left here all alone, he did come, for the first time, just like that. Poor boy! And Valentine,” said Scrooge, “and his wild brother, Orson; there they go! And what’s his name, who was put down in his drawes, asleep, at he Gate of Damascus; don’t you see him! And the Sultan’s Groom turned upside-down by the Genii; there he is upon his head! Serve him right. I’m glad of it. What business had he to be married to the Princess!”

To hear Scrooge expending all the earnestness of his nature on such subjects, in a most extraordinary voice between laughing and crying; and to see his heightened and excited face; would have been a surprise to his business friends in the city, indeed.

“There’s the Parrot!” cried Scrooge. “Green body and yellow tail, with a thing like a lettuce growing out of the top of his head; there he is! Poor Robin Crusoe, he called him, when he came home again after sailing round the island. “Poor Robin Crusoe, where have you been, Robin Crusoe?” The man thought he was dreaming, but he wasn’t. It was the Parrot, you know. There goes Friday, running for his life to the little creek! Halloa! Hoop! Halloo!”

Then, with a rapidity of transition very foreign to his usual character, he said, in pity for his former self, “Poor boy!” and cried again.

“I wish,” Scrooge muttered, putting his hand in his pocket, and looking about him, after drying his eyes with his cuff: “but it’s too late now”.

“What is the matter?” asked the Spirit.

“Nothing,” said Scrooge. “Nothing. There was a boy singing a Christmas Carol at my door last night. I should like to have given him something: that’s all”.

The Ghost smiled thoughtfully, and waved its hand: saying as it did so, "Let us see another Christmas!"

Scrooge's former self grew larger at the words, and the room became a little darker and more dirty. The panels shrunk, the windows cracked; fragments of plaster fell out of the ceiling, and the naked laths were shown instead; but how all this was brought about, Scrooge knew no more than you do. He only knew that it was quite correct; that everything had happened so; that there he was, alone again, when all the other boys had gone home for the jolly holidays.

He was not reading now, but walking up and down despairingly. Scrooge looked at the Ghost, and with a mournful shaking of his head, glanced anxiously towards the door.

It opened; and a little girl, much younger than the boy, came darting in, and putting her arms about his neck, and often kissing him, addressed him as her "Dear, dear brother".

"I have come to bring you home, dear brother!" said the child, clapping her tiny hands, and bending down to laugh. "To bring you home, home, home!"

"Home, little Fan?" returned the boy.

"Yes!" said the child, brimful of glee. "Home, for good and all. Home, for ever and ever. Father is so much kinder than he used to be, that home's like Heaven! He spoke so gently to me one dear night when I was going to bed, that I was not afraid to ask him once more if you might come home; and he said Yes, you should; and sent me in a coach to bring you. And you're to be a man!" said the child, opening her eyes, "and are never to come back here; but first, we're to be together all the Christmas long, and have the merriest time in all the world".

"You are quite a woman, little Fan!" exclaimed the boy.

She clapped her hands and laughed, and tried to touch his head; but being too little, laughed again, and stood on tiptoe to embrace him. Then she began to drag him, in her childish eagerness, towards the door; and he, nothing loth to go, accompanied her.

A terrible voice in the hall cried. "Bring down Master Scrooge's box, there!" and in the hall appeared the schoolmaster himself, who glared on Master Scrooge with a ferocious condescension, and threw him into a dreadful state of mind by shaking hands with him. He then conveyed him and his sister into the veriest old well of a shivering best-parlour that ever was seen, where the maps upon the wall, and the celestial and terrestrial globes in the windows, were waxy with cold. Here he produced a decanter of curiously light wine, and a block of curiously heavy cake, and administered instalments of those dainties to the young people: at the same time, sending out a meagre servant to offer a glass of something to the postboy, who answered that he thanked the gentleman, but if it was the same tap as he had tasted before, he had rather not. Master Scrooge's trunk being by this time tied on to the top of the chaise, the children bade the schoolmaster good-bye right willingly; and getting into it, drove gaily down the garden-sweep: the quick wheels dashing the hoar-frost and snow from off the

dark leaves of the evergreens like spray.

“Always a delicate creature, whom a breath might have withered,” said the Ghost. “But she had a large heart!”

“So she had,” cried Scrooge. “You’re right, I will not gainsay it, Spirit. God forbid!”

“She died a woman,” said the Ghost, “and had, as I think, children”.

“One child,” Scrooge returned.

“True,” said the Ghost. “Your nephew!”

Scrooge seemed uneasy in his mind; and answered briefly, “Yes”.

Although they had but that moment left the school behind them, they were now in the busy thoroughfares of a city, where shadowy passengers passed and repassed; where shadowy carts and coaches battle for the way, and all the strife and tumult of a real city were. It was made plain enough, by the dressing of the shops, that here too it was Christmas time again; but it was evening, and the streets were lighted up.

The Ghost stopped at a certain warehouse door, and asked Scrooge if he knew it.

“Know it!” said Scrooge. “Was I apprenticed here!”

They went in. At sight of an old gentleman in a Welsh wig, sitting behind such a high desk, that if he had been two inches taller he must have knocked his head against the ceiling, Scrooge cried in great excitement:

“Why, it’s old Fezziwig! Bless his heart; it’s Fezziwig alive again!”

Old Fezziwig laid down his pen, and looked up at the clock, which pointed to the hour of seven. He rubbed his hands; adjusted his capacious waistcoat; laughed all over himself, from his shows to his organ of benevolence; and called out in a comfortable, oily, rich, fat, jovial voice:

“Yo ho, there! Ebenezer! Dick!”

Scrooge’s former self, now grown a young man, came briskly in, accompanied by his fellow-’prentice.

“Dick Wilkins, to be sure!” said Scrooge to the Ghost. “Bless me, yes. There he is. He was very much attached to me, was Dick Poor Dick! Dear, dear!”

“Yo ho, my boys!” said Fezziwig. “No more work to-night. Christmas Eve, Dick Christmas, Ebenezer! Let’s have the shutters up,” cried old Fezziwig, with a sharp clap of his hands, “before a man can say, Jack Robinson!”

You wouldn’t believe how those two fellows went at it! They charged into the street with the shutters - one, two, three - had ‘em up in their places -- four, five, six - barred ‘em and pinned ‘em - seven, eight, nine - and came back before you could have got to twelve, panting like race-horses.

“Hilli-ho!” cried old Fezziwig, skipping down from the high desk, with

wonderful agility. "Clear away, my lads, and let's have lots of room here! Hilli-ho, Dick! Chirrup, Ebenezer!"

Clear away! There was nothing they wouldn't have cleared away, or couldn't have cleared away, with old Fezziwig looking on. It was done in a minute. Every movable was packed off, as if it were dismissed from public life for evermore; the floor was swept and watered, the lamps were trimmed, fuel was heaped upon the fire; and the warehouse was as snug, and warm, and dry, and bright a ball-room, as you would desire to see upon a winter's night.

In came a fiddler with a music-book, and went up to the lofty desk, and made an orchestra of it, and tuned like fifty stomach-aches. In came Mrs.. Fezziwig, one vast substantial smile. In came the three Miss Fezziwigs, beaming and lovable. In came the six young followers whose hearts they broke. In came all the young men and women employed in the business. In came the housemaid, with her cousin, the baker. In came the cook, with her brother's particular friend, the milkman. In came the boy from over the way, who was suspected of not having board enough from his master; trying to hide himself behind the girl from next door but one, who was proved to have had her ears pulled by her Mistress. In they all came, one after another; some shyly, some boldly, some gracefully, some awkwardly, some pushing, some pulling; in they all came, anyhow and everyhow. Away they all went, twenty couple at once; hands half round and back again the other way; down the middle and up again; round and round in various stages of affectionate grouping; old top couple always turning up in the wrong place; new top couple starting off again, as soon as they got there; all top couples at last, and not a bottom one to help them. When this result was brought about, old Fezziwig, clapping his hands to stop the dance, cried out, "Well done!" and the fiddler plunged his hot face into a pot of porter, especially provided for that purpose. But scorning rest, upon his reappearance, he instantly began again, though there were no dancers yet, as if the other fiddler had been carried home, exhausted, on a shutter, and he were a bran-new man resolved to beat him out of sight, or perish.

There were more dances, and there were forfeits, and more dances, and there was cake, and there was negus, and there was a great piece of Cold Roast, and there was a great piece of Cold Boiled, and there were mince-pies, and plenty of beer. But the great effect of the evening came after the Roast and Boiled, when the fiddler (an artful dog, mind! The sort of man who knew his business better than you or I could have told it him!) struck up "Sir Roger de Coverley". Then old Fezziwig stood out to dance with Mrs.. Fezziwig. Top couple, too; with a good stiff piece of work cut out for them; three or four and twenty pair of partners; people who were not to be trifled with; people who would dance, and had no notion of walking.

But if they had been twice as many: ah, four times: old Fezziwig would have been a match for them, and so would Mrs.. Fezziwig. As to her, she was worthy to be his partner in every sense of the term. If that's not high praise, tell me higher, and I'll use it. A positive light appeared to issue from Fezziwig's calves.

They shone in every part of the dance like moons. You couldn't have predicted, at any given time, what would become of 'em next. And when old Fezziwig and Mrs. Fezziwig had gone all through the dance; advance and retire, hold hands with your partner, bow and curtsy; corkscrew; thread-the-needle, and back again to your place; Fezziwig cut – cut so deftly, that he appeared to wink with his legs, and came upon his feet again without a stagger.

When the clock struck eleven, this domestic ball broke up. Mr and Mrs. Fezziwig took their stations, one on either side of the door, and shaking hands with every person individually as he or she went out, wished him or her a Merry Christmas. When everybody had retired but the two 'prentices, they did the same to them; and thus the cheerful voices died away, and the lads were left to their beds; which were under a counter in the back-shop.

During the whole of this time, Scrooge had acted like a man out of his wits. His heart and soul were in the scene, and with his former self. He corroborated everything, remembered everything, enjoyed everything, and underwent the strangest agitation. It was not until now, when the bright faces of his former self and Dick were turned from them, that he remembered the Ghost, and became conscious that it was looking full upon him, while the light upon its head burnt very clear.

“A small matter,” said the Ghost, “to make these silly folks so full of gratitude”.

“Small!” echoed Scrooge.

The Spirit signed to him to listen to the two apprentices, who were pouring out their hearts in praise of Fezziwig: and when he had done so, said,

“Why! Is it not? He has spent but a few pounds of your mortal money: three or four perhaps. Is that so much that he deserves this praise?”

“It isn't that,” said Scrooge, heated by the remark, and speaking unconsciously like his former, not his latter, self. “It isn't that, Spirit. He has the power to render us happy or unhappy; to make our service light or burdensome; a pleasure or a toil. Say that his power lies in words and looks; in things so slight and insignificant that it is impossible to add and count 'em up: what then? The happiness he gives, is quite as great as if it cost a fortune”.

He felt the Spirit's glance, and stopped.

“What is the matter?” asked the Ghost.

“Nothing particular,” said Scrooge.

“Something, I think?” the Ghost insisted.

“No,” said Scrooge, “No. I should like to be able to say a word or two to my clerk just now! That's all”.

His former self turned down the lamps as he gave utterance to the wish; and Scrooge and the Ghost again stood side by side in the open air.

“My time grows short,” observed the Spirit. “Quick!”

This was not addressed to Scrooge, or to any one whom he could see, but it produced an immediate effect. For again Scrooge saw himself. He was older now; a man in the prime of life. His face had not the harsh and rigid lines of later years; but it had begun to wear the signs of care and avarice. There was an eager, greedy, restless motion in the eye, which showed the passion that had taken root, and where the shadow of the growing tree would fall.

He was not alone, but sat by the side of a fair young girl in a mourning-dress: in whose eyes there were tears, which sparkled in the light that shone out of the Ghost of Christmas Past.

"It matters little," she said, softly. "To you, very little. Another idol has displaced me; and if it can cheer and comfort you in time to come, as I would have tried to do, I have no just cause to grieve".

"What Idol has displaced you?" he rejoined.

"A golden one".

"This is the even-handed dealing of the world!" he said. "There is nothing on which it is so hard as poverty; and there is nothing it professes to condemn with such severity as the pursuit of wealth!"

"You fear the world too much," she answered, gently. "All your other hopes have merged into the hope of being beyond the chance of its sordid reproach. I have seen your nobler aspirations fall off one by one, until the master-passion, Gain, engrosses you. Have I not?"

"What then?" he retorted. "Even if I have grown so much wiser, what then? I am not changed towards you".

She shook her head.

"Am I?"

"Our contract is an old one. It was made when we were both poor and content to be so, until, in good season, we could improve our worldly fortune by our patient industry. You are changed. When it was made, you were another man".

"I was a boy," he said impatiently.

"Your own feeling tells you that you were not what you are," she returned. "I am. That which promised happiness when we were one in heart, is fraught with misery now that we are two. How often and how keenly I have thought of this, I will not say. It is enough that I have thought of it, and can release you".

"Have I ever sought release?"

"In words. No. Never".

"In what, then?"

"In a changed nature; in an altered spirit; in another atmosphere of life; another Hope as its great end. In everything that made my love of any worth or

value in your sight. If this had never been between us," said the girl, looking mildly, but with steadiness, upon him; "tell me, would you seek me out and try to win me now? Ah, no!"

He seemed to yield to the justice of this supposition, in spite of himself. But he said with a struggle, "You think not".

"I would gladly think otherwise if I could," she answered, "Heaven knows! When I have learned a Truth like this, I know how strong and irresistible it must be. But if you were free to-day, to-morrow, yesterday, can even I believe that you would choose a dowerless girl - you who, in your very confidence with her, weigh every thing by Gain: or, choosing her, if for a moment you were false enough to your one guiding principle to do so, do I not know that your repentance and regret would surely follow? I do; and I release you. With a full heart, for the love of him you once were".

He was about to speak; but with her head turned from him, she resumed.

"You may - the memory of what is past half makes me hope you will - have pain in this. A very, very brief time, and you will dismiss the recollection of it, gladly, as an unprofitable dream, from which it happened well that you awoke. May you be happy in the life you have chosen!"

She left him, and they parted.

"Spirit!" said Scrooge, "show me no more! Conduct me home. Why do you delight to torture me?"

"One shadow more!" exclaimed the Ghost.

"No more!" cried Scrooge. "No more. I don't wish to see it. Show me no more!"

But the relentless Ghost pinioned him in both his arms, and forced him to observe what happened next.

They were in another scene and place; a room, not very large or handsome, but full of comfort. Near to the winter fire sat a beautiful young girl, so like that last that Scrooge believed it was the same, until he saw her, now a comely matron, sitting opposite her daughter. The noise in this room was perfectly tumultuous, for there were more children there, than Scrooge in his agitated state of mind could count; and, unlike the celebrated herd in the poem, they were not forty children conducting themselves like one, but every child was conducting itself like forty. The consequences were uproarious beyond belief; but no one seemed to care; on the contrary, the mother and daughter laughed heartily, and enjoyed it very much; and the latter, soon beginning to mingle in the sports, got pillaged by the young brigands most ruthlessly. What would I not have given to one of them! Though I never could have been so rude, no, no! I wouldn't for the wealth of all the world have crushed that braided hair, and torn it down; and for the precious little shoe, I wouldn't have plucked it off, God bless my soul! to save my life. As to measuring her waist in sport, as they did, bold young brood, I couldn't have done it; I should have expected my arm to have grown round it

for a punishment, and never come straight again. And yet I should have dearly liked, I own, to have touched her lips; to have questioned her, that she might have opened them; to have looked upon the lashes of her downcast eyes, and never raised a blush; to have let loose waves of hair, an inch of which would be a keepsake beyond price: in short, I should have liked, I do confess, to have had the lightest licence of a child, and yet to have been man enough to know its value.

But now a knocking at the door was heard, and such a rush immediately ensued that she with laughing face and plundered dress was borne towards it the centre of a flushed and boisterous group, just in time to greet the father, who came home attended by a man laden with Christmas toys and presents. Then the shouting and the struggling, and the onslaught that was made on the defenceless porter! The scaling him, with chairs for ladders, to dive into his pockets, despoil him of brown-paper parcels, hold on tight by his cravat, hug him round the neck, pommel his back, and kick his legs in irrepressible affection! The shouts of wonder and delight with which the development of every package was received! The terrible announcement that the baby had been taken in the act of putting a doll's frying-pan into his mouth, and was more than suspected of having swallowed a fictitious turkey, glued on a wooden platter! The immense relief of finding this a false alarm! The joy, and gratitude, and ecstasy! They are all indescribable alike. It is enough that by degrees the children and their emotions got out of the parlour, and by one stair at a time, up to the top of the house; where they went to bed, and so subsided.

And now Scrooge looked on more attentively than ever, when the master of the house, having his daughter leaning fondly on him, sat down with her and her mother at his own fireside; and when he thought that such another creature, quite as graceful and as full of promise, might have called him father, and been a spring-time in the haggard winter of his life, his sight grew very dim indeed.

"Belle," said the husband, turning to his wife with a smile, "I saw an old friend of yours this afternoon".

"Who was it?"

"Guess!"

"How can I? Tut, don't I know". she added in the same breath, laughing as he laughed. "Mr Scrooge".

"Mr Scrooge it was. I passed his office window; and as it was not shut up, and he had a candle inside, I could scarcely help seeing him. His partner lies upon the point of death, I hear; and there he sat alone. Quite alone in the world, I do believe".

"Spirit!" said Scrooge in a broken voice, "remove me from this place".

"I told you these were shadows of the things that have been," said the Ghost. "That they are what they are, do not blame me!"

"Remove me!" Scrooge exclaimed, "I cannot bear it!"

He turned upon the Ghost, and seeing that it looked upon him with a face,

in which in some strange way there were fragments of all the faces it had shown him, wrestled with it.

“Leave me! Take me back. Haunt me no longer!”

In the struggle, if that can be called a struggle in which the Ghost with no visible resistance on its own part was undisturbed by any effort of its adversary, Scrooge observed that its light was burning high and bright; and dimly connecting that with its influence over him, he seized the extinguisher-cap, and by a sudden action pressed it down upon its head.

The Spirit dropped beneath it, so that the extinguisher covered its whole form; but though Scrooge pressed it down with all his force, he could not hide the light, which streamed from under it, in an unbroken flood upon the ground.

He was conscious of being exhausted, and overcome by an irresistible drowsiness; and, further, of being in his own bedroom. He gave the cap a parting squeeze, in which his hand relaxed; and had barely time to reel to bed, before he sank into a heavy sleep.

STAVE THREE

The Second of the Three Spirits

AWAKING in the middle of a prodigiously tough snore, and sitting up in bed to get his thoughts together, Scrooge had no occasion to be told that the bell was again upon the stroke of One. He felt that he was restored to consciousness in the right nick of time, for the especial purpose of holding a conference with the second messenger despatched to him through Jacob Marley's intervention. But, finding that he turned uncomfortably cold when he began to wonder which of his curtains this new spectre would draw back, he put them every one aside with his own hands; and lying down again, established a sharp look-out all round the bed. For he wished to challenge the Spirit on the moment of its appearance, and did not wish to be taken by surprise, and made nervous.

Gentlemen of the free-and-easy sort, who plume themselves on being acquainted with a move or two, and being usually equal to the time-of-day, express the wide range of their capacity for adventure by observing that they are good for anything from pitch-and-toss to manslaughter; between which opposite extremes, no doubt, there lies a tolerably wide and comprehensive range of subjects. Without venturing for Scrooge quite as hardily as this, I don't mind calling on you to believe that he was ready for a good broad field of strange appearances, and that nothing between a baby and rhinoceros would have astonished him very much.

Now, being prepared for almost anything, he was not by any means prepared for nothing; and, consequently, when the Bell struck One, and no shape appeared, he was taken with a violent fit of trembling. Five minutes, ten minutes, a quarter of an hour went by, yet nothing came. All this time, he lay upon his bed, the very core and centre of a blaze of ruddy light, which streamed upon it when the clock proclaimed the hour; and which, being only light, was more alarming than a dozen ghosts, as he was powerless to make out what it meant, or would be at; and was sometimes apprehensive that he might be at that very moment an interesting case of spontaneous combustion, without having the consolation of knowing it. At last, however, he began to think - as you or I would have thought at first; for it is always the person not in the predicament who knows what ought to have been done in it, and would unquestionably have done it too - at last, I say, he began to think that the source and secret of this ghostly light might be in the adjoining room, from whence, on further tracing it, it seemed to shine. This idea taking full possession of his mind, he got up softly and shuffled in his slippers to the door.

The moment Scrooge's hand was on the lock, a strange voice called him by his name, and bade him enter. He obeyed.

It was his own room. There was no doubt about that. But it had undergone a surprising transformation. The walls and ceiling were so hung with living green, that it looked a perfect grove; from every part of which, bright gleaming berries glistened. The crisp leaves of holly, mistletoe, and ivy reflected back the light, as if so many little mirrors had been scattered there; and such a mighty blaze went roaring up the chimney, as that dull petrification of a hearth had never known in Scrooge's time, or Marley's, or for many and many a winter season gone. Heaped up on the floor, to form a kind of throne, were turkeys, geese, game, poultry, brawn, great joints of meat, sucking-pigs, long wreaths of sausages, mince-pies, plum-puddings, barrels of oysters, red-hot chesnuts, cherry-cheeked apples, juicy oranges, luscious pears, immense twelfth-cakes, and seething bowls of punch, that made the chamber dim with their delicious steam. In easy state upon this couch, there sat a jolly Giant, glorious to see: who bore a glowing torch, in shape not unlike Plenty's horn, and held it up, high up, to shed its light on Scrooge, as he came peeping round the door.

"Come in!" exclaimed the Ghost. "Come in. and know me better, man!"

Scrooge entered timidly, and hung his head before this Spirit. He was not the dogged Scrooge he had been; and though the Spirit's eyes were clear and kind, he did not like to meet them.

"I am the Ghost of Christmas Present," said the Spirit. "Look upon me!"

Scrooge reverently did so. It was clothed in one simple green robe, or mantle, bordered with white fur. This garment hung so loosely on the figure, that its capacious breast was bare, as if disdaining to be warded or concealed by any artifice. Its feet, observable beneath the ample folds of the garment, were also bare; and on its head it wore no other covering than a holly wreath, set here and there with shining icicles. Its dark brown curls were long and free: free as its genial face, its sparkling eye, its open hand, its cheery voice, its unconstrained demeanour, and its joyful air. Girded round its middle was an antique scabbard; but no sword was in it, and the ancient sheath was eaten up with rust.

"You have never seen the like of me before!" exclaimed the Spirit.

"Never," Scrooge made answer to it.

"Have never walked forth with the younger members of my family; meaning (for I am very young) my elder brothers born in these later years?" pursued the Phantom.

"I don't think I have," said Scrooge. "I am afraid I have not. Have you had many brothers, Spirit?"

"More than eighteen hundred," said the Ghost.

"A tremendous family to provide for!" muttered Scrooge.

The Ghost of Christmas Present rose.

"Spirit," said Scrooge submissively, "conduct me where you will. I went forth last night on compulsion, and I learnt a lesson which is working now. To-night, if you have aught to teach me, let me profit by it".

“Touch my robe!”

Scrooge did as he was told, and held it fast.

Holly, mistletoe, red berries, ivy, turkeys, geese, game, poultry, brawn, meat, pigs, sausages, oysters, pies, puddings, fruit, and punch, all vanished instantly. So did the room, the fire, the ruddy glow, the hour of night, and they stood in the city streets on Christmas morning, where (for the weather was severe) the people made a rough, but brisk and not unpleasant kind of music, in scraping the snow from the pavement in front of their dwellings, and from the tops of their houses: whence it was mad delight to the boys to see it come plumping down into the road below, and splitting into artificial little snow-storms.

The house fronts looked black enough, and the windows blacker, contrasting with the smooth white sheet of snow upon the roofs, and with the dirtier snow upon the ground; which last deposit had been ploughed up in deep furrows by the heavy wheels of carts and waggons; furrows that crossed and recrossed each other hundreds of times where the great streets branched off; and made intricate channels, hard to trace in the thick yellow mud and icy water. The sky was gloomy, and the shortest streets were choked up with a dingy mist, half thawed, half frozen, whose heavier particles descended in shower of sooty atoms, as if all the chimneys in Great Britain had, by one consent, caught fire, and were blazing away to their dear hearts' content. There was nothing very cheerful in the climate or the town, and yet was there an air of cheerfulness abroad that the clearest summer air and brightest summer sun might have endeavoured to diffuse in vain.

For the people who were shovelling away on the housetops were jovial and full of glee; calling out to one another from the parapets, and now and then exchanging a facetious snowball - better-natured missile far than many a wordy jest - laughing heartily if it went right and not less heartily if it went wrong. The poulterers' shops were still half open, and the fruiterers' were radiant in their glory. There were great, round, pot-bellied baskets of chesnuts, shaped like the waistcoats of jolly old gentlemen, lolling at the doors, and tumbling out into the street in their apoplectic opulence. There were ruddy, brown-faced, broad-girthed Spanish Onions, shining in the fatness of their growth like Spanish Friars, and winking from their shelves in wanton slyness at the girls as they went by, and glanced demurely at the hung-up mistletoe. There were pears and apples, clustered high in blooming pyramids; there were bunches of grapes, made, in the shopkeepers' benevolence to dangle from conspicuous hooks, that people's mouths might water gratis as they passed; there were piles of filberts, mossy and brown, recalling, in their fragrance, ancient walks among the woods, and pleasant shufflings ankle deep through withered leaves; there were Norfolk Biffins, squash and swarthy, setting off the yellow of the oranges and lemons, and, in the great compactness of their juicy persons, urgently entreating and beseeching to be carried home in paper bags and eaten after dinner. The very gold and silver fish, set forth among these choice fruits in a bowl, though members of a dull and stagnant-blooded race, appeared to know that there was something going on; and,

to a fish, went gasping round and round their little world in slow and passionless excitement.

The Grocers! oh the Grocers! nearly closed, with perhaps two shutters down, or one; but through those gaps such glimpses! It was not alone that the scales descending on the counter made a merry sound, or that the twine and roller parted company so briskly, or that the canisters were rattled up and down like juggling tricks, or even that the blended scents of tea and coffee were so grateful to the nose, or even that the raisins were so plentiful and rare, the almonds so extremely white, the sticks of cinnamon so long and straight, the other spices so delicious, the candied fruits so caked and spotted with molten sugar as to make the coldest lookers-on feel faint and subsequently bilious. Nor was it that the figs were moist and pulpy, or that the French plums blushed in modest tartness from their highly-decorated boxes, or that everything was good to eat and in its Christmas dress; but the customers were all so hurried and so eager in the hopeful promise of the day, that they tumbled up against each other at the door, crashing their wicker baskets wildly, and left their purchases upon the counter, and came running back to fetch them, and committed hundreds of the like mistakes, in the best humour possible; while the Grocer and his people were so frank and fresh that the polished hearts with which they fastened their aprons behind might have been their own, worn outside for general inspection, and for Christmas daws to peck at if they chose.

But soon the steeples called good people all, to church and chapel, and away they came, flocking through the streets in their best clothes, and with their gayest faces. And at the same time there emerged from scores of bye-streets, lanes, and nameless turnings, innumerable people, carrying their dinners to the baker's shops. The sight of these poor revellers appeared to interest the Spirit very much, for he stood with Scrooge beside him in a baker's doorway, and taking off the covers as their bearers passed, sprinkled incense on their dinners from his torch. And it was a very uncommon kind of torch, for once or twice when there were angry words between some dinner-carriers who had jostled each other, he shed a few drops of water on them from it, and their good humour was restored directly. For they said, it was a shame to quarrel upon Christmas Day. And so it was! God love it, so it was!

In time the bells ceased, and the bakers' were shut up; and yet there was a genial shadowing forth of all these dinners and the progress of their cooking, in the thawed blotch of wet above each baker's oven; where the pavement smoked as if its stones were cooking too.

"Is there a peculiar flavour in what you sprinkle from your torch?" asked Scrooge.

"There is. My own".

"Would it apply to any kind of dinner on this day?" asked Scrooge.

"To any kindly given. To a poor one most".

"Why to a poor one most?" asked Scrooge.

“Because it needs it most”.

“Spirit,” said Scrooge, after a moment’s thought, “I wonder you, of all the beings in the many worlds about us, should desire to cramp these people’s opportunities of innocent enjoyment”.

“I!” cried the Spirit.

“You would deprive them of their means of dining every seventh day, often the only day on which they can be said to dine at all,” said Scrooge. “Wouldn’t you?”

“I!” cried the Spirit.

“You seek to close these places on the Seventh Day?” said Scrooge. “And it comes to the same thing”.

“I seek!” exclaimed the Spirit.

“Forgive me if I am wrong. It has been done in your name, or at least in that of your family,” said Scrooge.

“There are some upon this earth of yours,” returned the Spirit, “who lay claim to know us, and who do their deeds of passion, pride, ill-will, hatred, envy, bigotry, and selfishness in our name, who are as strange to us and all our kith and kin, as if they had never lived. Remember that, and charge their doings on themselves, not us”.

Scrooge promised that he would; and they went on, invisible, as they had been before, into the suburbs of the town. It was a remarkable quality of the Ghost (which Scrooge had observed at the baker’s), that notwithstanding his gigantic size, he could accommodate himself to any place with ease; and that he stood beneath a low roof quite as gracefully and like a supernatural creature, as it was possible he could have done in any lofty hall.

And perhaps it was the pleasure the good Spirit had in showing off his power of his, or else it was his own kind, generous, hearty nature, and his sympathy with all poor men, that led him straight to Scrooge’s clerks; for there he went, and took Scrooge with him, holding to his robe; and on the threshold of the door the Spirit smiled, and stopped to bless Bob Cratchit’s dwelling with the sprinkling of his torch. Think of that! Bob had but fifteen ‘Bob’-a-week himself; he pocketed on Saturdays but fifteen copies of his Christian name; and yet the Ghost of Christmas Present blessed his four-roomed house!

Then up rose Mrs. Cratchit, Cratchit’s wife, dressed out but poorly in a twice-turned gown, but brave in ribbons, which are cheap and make a goodly show for sixpence; and she laid the cloth, assisted by Belinda Cratchit, second of her daughters, also brave in ribbons; while Master Peter Cratchit plunged a fork into the saucepan of potatoes, and getting the corners of his monstrous shirt collar (Bob’s private property, conferred upon his son and heir in honour of the day) into his mouth, rejoiced to find himself so gallantly attired, and yearned to show his linen in the fashionable Parks. And now two smaller Cratchits, boy and girl, came tearing in, screaming that outside the baker’s they had smelt the goose, and known

it for their own; and basking in luxurious thoughts of sage-and-onion, these young Cratchits danced about the table, and exalted Master Peter Cratchit to the skies, while he (not proud, although his collars nearly choked him) blew the fire, until the slow potatoes bubbling up, knocked loudly at the saucepan-lid to be let out and peeled.

“What has ever got your precious father then”. said Mrs. Cratchit. “And your brother, Tiny Tim! And Martha warn’t as late last Christmas Day by half-an-hour!”

“Here’s Martha, mother!” said a girl, appearing as she spoke.

“Here’s Martha, mother!” cried the two young Cratchits. “Hurrah! There’s such a goose, Martha!”

“Why, bless your heart alive, my dear, how late you are!” said Mrs Cratchit, kissing her a dozen times, and taking off her shawl and bonnet for her with officious zeal.

“We’d a deal of work to finish up last night,” replied the girl, “and had to clear away this morning, mother!”

“Well! Never mind so long as you are come,” said Mrs. Cratchit. “Sit ye down before the fire, my dear, and have a warm, Lord bless ye!”

“No, no! There’s father coming,” cried the two young Cratchits, who were every where at once. “Hide, Martha, hide!”

So Martha hid herself, and in came little Bob, the father, with at least three feet of comforter exclusive of the fringe, hanging down before him; and his threadbare clothes darned up and brushed, to look seasonable; and Tiny Tim upon his shoulder. Alas for Tiny Tim, he bore a little crutch, and had his limbs supported by an iron frame!

“Why, where’s our Martha?” cried Bob Cratchit, looking round.

“Not coming,” said Mrs. Cratchit.

“Not coming!” said Bob, with a sudden declension in his high spirits; for he had been Tim’s blood horse all the way from church, and had come home rampant. “Not coming upon Christmas Day!”

Martha didn’t like to see him disappointed, if it were only in joke; so she came out prematurely from behind the closet door, and ran into his arms, while the two young Cratchits hustled Tiny Tim, and bore him off into the wash-house, that he might hear the pudding singing in the copper.

“And how did little Tim behave?” asked Mrs. Cratchit, when she had rallied Bob on his credulity and Bob had hugged his daughter to his heart’s content.

“As good as gold,” said Bob, “and better. Somehow he gets thoughtful, sitting by himself so much, and thinks the strangest things you ever heard. He told me, coming home, that he hoped the people saw him in the church, because he was a cripple, and it might be pleasant to them to remember upon Christmas Day, who made lame beggars walk, and blind men see “.

Bob's voice was tremulous when he told them this, and trembled more when he said that Tiny Tim was growing strong and hearty.

His active little crutch was heard upon the floor, and back came Tiny Tim before another word was spoken, escorted by his brother and sister to his stool before the fire; and while Bob, turning up his cuffs - as if, poor fellow, they were capable of being made more shabby - compounded some hot mixture in a jug with gin and lemons, and stirred it round and round and put it on the hob to simmer; Master Peter, and the two ubiquitous young Cratchits went to fetch the goose, with which they soon returned in high procession.

Such a bustle ensued that you might have thought a goose the rarest of all birds; a feathered phenomenon, to which a black swan was a matter of course; and in truth it was something very like it in that house. Mrs. Cratchit made the gravy (ready beforehand in a little saucepan) hissing hot; Master Peter mashed the potatoes with incredible vigour; Miss Belinda sweetened up the apple-sauce; Martha dusted the hot plates; Bob took Tiny Tim beside him in a tiny corner at the table; the two young Cratchits set chairs for everybody, not forgetting themselves, and mounting guard upon their posts, crammed spoons into their mouths, lest they should shriek for goose before their turn came to be helped. At last the dishes were set on, and grace was said. It was succeeded by a breathless pause, as Mrs. Cratchit, looking slowly all along the carving-knife, prepared to plunge it in the breast; but when she did, and when the long expected gush of stuffing issued forth, one murmur of delight arose all round the board, and even Tiny Tim, excited by the two young Cratchits, beat on the table with the handle of his knife, and feebly cried Hurrah!

There never was such a goose. Bob said he didn't believe there ever was such a goose cooked. Its tenderness and flavour, size and cheapness, were the themes of universal admiration. Eked out by apple-sauce and mashed potatoes, it was a sufficient dinner for the whole family; indeed, as Mrs. Cratchit said with great delight (surveying one small atom of a bone upon the dish), they hadn't ate it all at last! Yet every one had had enough, and the youngest Cratchits in particular, were steeped in sage and onion to the eyebrows! But now, the plates being changed by Miss Belinda, Mrs. Cratchit left the room alone - too nervous to bear witnesses - to take the pudding up, and bring it in.

Suppose it should not be done enough! Suppose it should break in turning out! Suppose somebody should have got over the wall of the back-yard, and stolen it, while they were merry with the goose: a supposition at which the two young Cratchits became livid! All sorts of horrors were supposed.

Hallo! A great deal of steam! The pudding was out of the copper. A smell like a washing-day! That was the cloth. A smell like an eating-house and a pastrycook's next door to each other, with a laundress's next door to that! That was the pudding. In half a minute Mrs. Cratchit entered: flushed, but smiling proudly: with the pudding, like a speckled cannon-ball, so hard and firm, blazing in half of half-a-quartern of ignited brandy, and bedight with Christmas holly stuck into the top.

Oh, a wonderful pudding! Bob Cratchit said, and calmly too, that he regarded it as the greatest success achieved by Mrs. Cratchit since their marriage. Mrs. Cratchit said that now the weight was off her mind, she would confess she had had her doubts about the quantity of flour. Everybody had something to say about it, but nobody said or thought it was at all a small pudding for a large family. It would have been flat heresy to do so. Any Cratchit would have blushed to hint at such a thing.

At last the dinner was all done, the cloth was cleared, the hearth swept, and the fire made up. The compound in the jug being tasted, and considered perfect, apples and oranges were put upon the table, and a shovel-full of chesnuts on the fire. Then all the Cratchit family drew round the hearth, in what Bob Cratchit called a circle, meaning half a one; and at Bob Cratchit's elbow stood the family display of glass; two tumblers, and a custard-cup without a handle.

These held the hot stuff from the jug, however, as well as golden goblets would have done; and Bob served it out with beaming looks, while the chesnuts on the fire sputtered and cracked noisily. Then Bob proposed:

"A Merry Christmas to us all, my dears. God bless us!"

Which all the family re-echoed.

"God bless us every one!" said Tiny Tim, the last of all.

He sat very close to his father's side upon his little stool. Bob held his withered little hand in his, as if he loved the child, and wished to keep him by his side, and dreaded that he might be taken from him.

"Spirit," said Scrooge, with an interest he had never felt before, "tell me if Tiny Tim will live".

"I see a vacant seat," replied the Ghost, "in the poor chimney-corner, and a crutch without an owner, carefully preserved. If these shadows remain unaltered by the Future, the child will die".

"No, no," said Scrooge. "Oh, no, kind Spirit! say he will be spared".

"If these shadows remain unaltered by the Future, none other of my race," returned the Ghost, "will find him here. What then? If he be like to die, he had better do it, and decrease the surplus population".

Scrooge hung his head to hear his own words quoted by the Spirit, and was overcome with penitence and grief.

"Man," said the Ghost, "if man you be in heart, not adamant, forbear that wicked cant until you have discovered What the surplus is, and Where it is. Will you decide what men shall live, what men shall die? It may be, that in the sight of Heaven, you are more worthless and less fit to live than millions like this poor man's child. Oh God! to hear the Insect on the leaf pronouncing on the too much life among his hungry brothers in the dust!"

Scrooge bent before the Ghost's rebuke, and trembling cast his eyes upon the ground. But he raised them speedily, on hearing his own name.

“Mr. Scrooge!” said Bob; “I’ll give you Mr. Scrooge, the Founder of the Feast!”

“The Founder of the Feast indeed!” cried Mrs. Cratchit, reddening. “I wish I had him here. I’d give him a piece of my mind to feast upon, and I hope he’d have a good appetite for it”.

“My dear,” said Bob, “the children; Christmas Day”.

“It should be Christmas Day, I am sure,” said she, “on which one drinks the health of such an odious, stingy, hard, unfeeling man as Mr. Scrooge. You know he is, Robert! Nobody knows it better than you do, poor fellow!”

“My dear,” was Bob’s mild answer, “Christmas Day”.

“I’ll drink his health for your sake and the Day’s,” said Mrs. Cratchit, “not for his. Long life to him. A merry Christmas and a happy new year! He’ll be very merry and very happy, I have no doubt!”

The children drank the toast after her. It was the first of their proceedings which had no heartiness. Tiny Tim drank it last of all, but he didn’t care twopence for it. Scrooge was the Ogre of the family. The mention of his name cast a dark shadow on the party, which was not dispelled for full five minutes.

After it had passed away, they were ten times merrier than before, from the mere relief of Scrooge the Baleful being done with. Bob Cratchit told them how he had a situation in his eye for Master Peter, which would bring in, if obtained, full five-and-sixpence weekly. The two young Cratchits laughed tremendously at the idea of Peter’s being a man of business; and Peter himself looked thoughtfully at the fire from between his collars, as if he were deliberating what particular investments he should favour when he came into the receipt of that bewildering income. Martha, who was a poor apprentice at a milliner’s, then told them what kind of work she had to do, and how many hours she worked at a stretch, and how she meant to lie a-bed to-morrow morning for a good long rest; to-morrow being a holiday she passed at home. Also how she had seen a countess and a lord some days before, and how the lord “was much about as tall as Peter;” at which Peter pulled up his collars so high that you couldn’t have seen his head if you had been there. All this time the chesnuts and the jug went round and round; and by and by they had a song, about a lost child travelling in the snow, from Tiny Tim; who had a plaintive little voice, and sang it very well indeed.

There was nothing of high mark in this. They were not a handsome family; they were not well dressed; their shoes were far from being water-proof; their clothes were scanty; and Peter might have known, and very likely did, the inside of a pawnbroker’s. But, they were happy, grateful, pleased with one another, and contented with the time; and when they faded, and looked happier yet in the bright sprinklings of the Spirit’s torch at parting, Scrooge had his eye upon them, and especially on Tiny Tim, until the last.

By this time it was getting dark, and snowing pretty heavily; and as Scrooge and the Spirit went along the streets, the brightness of the roaring fires in kitchens, parlours, and all sorts of rooms, was wonderful. Here, the flickering of

the blaze showed preparations for a cosy dinner, with hot plates baking through and through before the fire, and deep red curtains, ready to be drawn to shut out cold and darkness. There all the children of the house were running out into the snow to meet their married sisters, brothers, cousins, uncles, aunts, and be the first to greet them. Here, again, were shadows on the window-blind of guests assembling; and there a group of handsome girls, all hooded and fur-booted, and all chattering at once, tripped lightly off to some near neighbour's house; where, woe upon the single man who saw them enter - artful witches, well they knew it - in a glow!

But, if you had judged from the numbers of people on their way to friendly gatherings, you might have thought that no one was at home to give them welcome when they got there, instead of every house expecting company, and piling up its fires half-chimney high. Blessings on it, how the Ghost exulted! How it bared its breadth of breast, and opened its capacious palm, and floated on, outpouring, with a generous hand, its bright and harmless mirth on every thing within its reach! The very lamplighter, who ran on before, dotting the dusky street with specks of light, and who was dressed to spend the evening somewhere, laughed out loudly as the Spirit passed: though little kenne'd the lamplighter that he had any company but Christmas!

And now, without a word of warning from the Ghost, they stood upon a bleak and desert moor, where monstrous masses of rude stone were cast about, as though it were the burial-place of giants; and water spread itself wheresoever it listed; or would have done so, but for the frost that held it prisoner; and nothing grew but moss and furze, and coarse, rank grass. Down in the west the setting sun had left a streak of fiery red, which glared upon the desolation for an instant, like a sullen eye, and frowning lower, lower, lower yet, was lost in the thick gloom of darkest night.

“What place is this?” asked Scrooge.

“A place where Miners live, who labour in the bowels of the earth,” returned the Spirit. “But they know me. See!”

A light shone from the window of a hut, and swiftly they advanced towards it. Passing through the wall of mud and stone, they found a cheerful company assembled round a glowing fire. An old, old man and woman, with their children and their children's children, and another generation beyond that, all decked out gaily in their holiday attire. The old man, in a voice that seldom rose above the howling of the wind upon the barren waste, was singing them a Christmas song: it had been a very old song when he was a boy; and from time to time they all joined in the chorus. So surely as they raised their voices, the old man got quite blithe and loud; and so surely as they stopped, his vigour sank again.

The Spirit did not tarry here, but bade Scrooge hold his robe, and passing on above the moor, sped whither? Not to sea? To sea. To Scrooge's horror, looking back, he saw the last of the land, a frightful range of rocks, behind them; and his ears were deafened by the thundering of water, as it rolled, and roared, and raged among the dreadful caverns it had worn, and fiercely tried to undermine

the earth.

Built upon a dismal reef of sunken rocks, some league or so from shore, on which the waters chafed and dashed, the wild year through, there stood a solitary lighthouse. Great heaps of sea-weed clung to its base, and storm-birds - born of the wind one might suppose, as sea-weed of the water -- rose and fell about it, like the waves they skimmed.

But even here, two men who watched the light had made a fire, that through the loophole in the thick stone wall shed out a ray of brightness on the awful sea. Joining their horny hands over the rough table at which they sat, they wished each other Merry Christmas in their can of grog; and one of them: the elder, too, with his face all damaged and scarred with hard weather, as the figure-head of an old ship might be: struck up a sturdy song that was like a Gale in itself.

Again the Ghost sped on, above the black and heaving sea - on, on - until, being far away, as he told Scrooge, from any shore, they lighted on a ship. They stood beside the helmsman at the wheel, the look-out in the bow, the officers who had the watch; dark, ghostly figures in their several stations; but every man among them hummed a Christmas tune, or had a Christmas thought, or spoke below his breath to his companion of some bygone Christmas Day, with homeward hopes belonging to it. And every man on board, waking or sleeping, good or bad, had had a kinder word for another on that day than on any day in the year; and had shared to some extent in its festivities; and had remembered those he cared for at a distance, and had known that they delighted to remember him.

It was a great surprise to Scrooge, while listening to the moaning of the wind, and thinking what a solemn thing it was to move on through the lonely darkness over an unknown abyss, whose depths were secrets as profound as Death: it was a great surprise to Scrooge, while thus engaged, to hear a hearty laugh. It was a much greater surprise to Scrooge to recognise it as his own nephew's and to find himself in a bright, dry, gleaming room, with the Spirit standing smiling by his side, and looking at that same nephew with approving affability!

"Ha, ha!" laughed Scrooge's nephew. "Ha, ha, ha!"

If you should happen, by any unlikely chance, to know a man more blest in a laugh than Scrooge's nephew, all I can say is, I should like to know him too. Introduce him to me, and I'll cultivate his acquaintance.

It is a fair, even-handed, noble adjustment of things, that while there is infection in disease and sorrow, there is nothing in the world so irresistibly contagious as laughter and good-humour. When Scrooge's nephew laughed in this way: holding his sides, rolling his head, and twisting his face into the most extravagant contortions: Scrooge's niece, by marriage, laughed as heartily as he. And their assembled friends being not a bit behindhand, roared out lustily.

"Ha, ha! Ha, ha, ha, ha!"

"He said that Christmas was a humbug, as I live!" cried Scrooge's

nephew. "He believed it too!"

"More shame for him, Fred!" said Scrooge's niece, indignantly. Bless those women; they never do anything by halves. They are always in earnest.

She was very pretty: exceedingly pretty. With a dimpled, surprised-looking, capital face; a ripe little mouth, that seemed made to be kissed - as no doubt it was; all kinds of good little dots about her chin, that melted into one another when she laughed; and the sunniest pair of eyes you ever saw in any little creature's head. Altogether she was what you would have called provoking, you know; but satisfactory, too. Oh, perfectly satisfactory!

"He's a comical old fellow," said Scrooge's nephew, "that's the truth: and not so pleasant as he might be. However, his offences carry their own punishment, and I have nothing to say against him".

"I'm sure he is very rich, Fred," hinted Scrooge's niece. "At least you always tell me so".

"What of that, my dear!" said Scrooge's nephew. "His wealth is of no use to him. He don't do any good with it. He don't make himself comfortable with it. He hasn't the satisfaction of thinking - ha, ha, ha! - that he is ever going to benefit Us with it".

"I have no patience with him," observed Scrooge's niece. Scrooge's niece's sisters, and all the other ladies, expressed the same opinion.

"Oh, I have!" said Scrooge's nephew. "I am sorry for him; I couldn't be angry with him if I tried. Who suffers by his ill whims? Himself, always. Here, he takes it into his head to dislike us, and he won't come and dine with us. What's the consequence? He don't lose much of a dinner".

"Indeed, I think he loses a very good dinner," interrupted Scrooge's niece. Everybody else said the same, and they must be allowed to have been competent judges, because they had just had dinner; and, with the dessert upon the table, were clustered round the fire, by lamplight.

"Well! I'm very glad to hear it," said Scrooge's nephew, "because I haven't great faith in these young housekeepers. What do you say, Topper?"

Topper had clearly got his eye upon one of Scrooge's niece's sisters, for he answered that a bachelor was a wretched outcast, who had no right to express an opinion on the subject. Whereat Scrooge's niece's sister - the plump one with the lace tucker: not the one with the roses - blushed.

"Do go on, Fred," said Scrooge's niece, clapping her hands. "He never finishes what he begins to say. He is such a ridiculous fellow!"

Scrooge's nephew revelled in another laugh, and as it was impossible to keep the infection off; though the plump sister tried hard to do it with aromatic vinegar; his example was unanimously followed.

"I was only going to say," said Scrooge's nephew, "that the consequence of his taking a dislike to us, and not making merry with us, is, as I think, that he

loses some pleasant moments, which could do him no harm. I am sure he loses pleasanter companions than he can find in his own thoughts, either in his mouldy old office, or his dusty chambers. I mean to give him the same chance every year, whether he likes it or not, for I pity him. He may rail at Christmas till he dies, but he can't help thinking better of it - I defy him - if he finds me going there, in good temper, year after year, and saying Uncle Scrooge, how are you? If it only puts him in the vein to leave his poor clerk fifty pounds, that's something; and I think I shook him yesterday".

It was their turn to laugh now at the notion of his shaking Scrooge. But being thoroughly good-natured, and not much caring what they laughed at, so that they laughed at any rate, he encouraged them in their merriment, and passed the bottle joyously.

After tea, they had some music. For they were a musical family, and knew what they were about, when they sung a Glee or Catch, I can assure you: especially Topper, who could growl away in the bass like a good one, and never swell the large veins in his forehead, or get red in the face over it. Scrooge's niece played well upon the harp; and played among other tunes a simple little air (a mere nothing: you might learn to whistle it in two minutes), which had been familiar to the child who fetched Scrooge from the boarding-school, as he had been reminded by the Ghost of Christmas Past. When this strain of music sounded, all the things that Ghost had shown him, came upon his mind; he softened more and more; and thought that if he could have listened to it often, years ago, he might have cultivated the kindnesses of life for his own happiness with his own hands, without resorting to the sexton's spade that buried Jacob Marley.

But they didn't devote the whole evening to music. After a while they played at forfeits; for it is good to be children sometimes, and never better than at Christmas, when its mighty Founder was a child himself. Stop! There was first a game at blind-man's buff. Of course there was. And I no more believe Topper was really blind than I believe he had eyes in his boots. My opinion is, that it was a done thing between him and Scrooge's nephew; and that the Ghost of Christmas Present knew it. The way he went after that plump sister in the lace tucker, was an outrage on the credulity of human nature. Knocking down the fire-irons, tumbling over the chairs, bumping against the piano, smothering himself among the curtains, wherever she went, there went he. He always knew where the plump sister was. He wouldn't catch anybody else. If you had fallen up against him (as some of them did), on purpose, he would have made a feint of endeavouring to seize you, which would have been an affront to your understanding, and would instantly have sidled off in the direction of the plump sister. She often cried out that it wasn't fair; and it really was not. But when at last, he caught her; when, in spite of all her silken rustlings, and her rapid flutterings past him, he got her into a corner whence there was no escape; then his conduct was the most execrable. For his pretending not to know her; his pretending that it was necessary to touch her head-dress, and further to assure himself of her identity by pressing a certain ring upon her finger, and a certain chain about her

neck; was vile, monstrous. No doubt she told him her opinion of it, when, another blind-man being in office, they were so very confidential together, behind the curtains.

Scrooge's niece was not one of the blind-man's buff party, but was made comfortable with a large chair and a footstool, in a snug corner, where the Ghost and Scrooge were close behind her. But she joined in the forfeits, and loved her love to admiration with all the letters of the alphabet. Likewise at the game of How, When, and Where, she was very great, and to the secret joy of Scrooge's nephew, beat her sisters hollow: though they were sharp girls too, as Topper could have told you. There might have been twenty people there, young and old, but they all played, and so did Scrooge; for, wholly forgetting in the interest he had in what was going on, that his voice made no sound in their ears, he sometimes came out with his guess quite loud, and very often guessed quite right, too; for the sharpest needle, best Whitechapel, warranted not to cut in the eye, was not sharper than Scrooge; blunt as he took it in his head to be.

The Ghost was greatly pleased to find him in this mood, and looked upon him with such favour, that he begged like a boy to be allowed to stay until the guests departed. But this the Spirit said could not be done.

"Here is a new game," said Scrooge. "One half hour, Spirit, only one!"

It was a Game called Yes and No, where Scrooge's nephew had to think of something, and the rest must find out what; he only answering to their questions yes or no, as the case was. The brisk fire of questioning to which he was exposed, elicited from him that he was thinking of an animal, a live animal, rather a disagreeable animal, a savage animal, an animal that growled and grunted sometimes, and talked sometimes, and lived in London, and walked about the streets, and wasn't made a show of, and wasn't led by anybody, and didn't live in a menagerie, and was never killed in a market, and was not a horse, or an ass, or a cow, or a bull, or a tiger, or a dog, or a pig, or a cat, or a bear. At every fresh question that was put to him, this nephew burst into a fresh roar of laughter; and was so inexpressibly tickled, that he was obliged to get up off the sofa and stamp. At last the plump sister, falling into a similar state, cried out:

"I have found it out! I know what it is, Fred! I know what it is!"

"What is it?" cried Fred.

"It's your Uncle Scro-o-o-o-oge!"

Which it certainly was. Admiration was the universal sentiment, though some objected that the reply to "Is it a bear?" ought to have been "Yes;" inasmuch as an answer in the negative was sufficient to have diverted their thoughts from Mr. Scrooge, supposing they had ever had any tendency that way.

"He has given us plenty of merriment, I am sure," said Fred, "and it would be ungrateful not to drink his health. Here is a glass of mulled wine ready to our hand at the moment; and I say, "Uncle Scrooge!"

"Well! Uncle Scrooge". they cried.

“A Merry Christmas and a Happy New Year to the old man, whatever he is!” said Scrooge’s nephew. “He wouldn’t take it from me, but may he have it, nevertheless. Uncle Scrooge!”

Uncle Scrooge had imperceptibly become so gay and light of heart, that he would have pledged the unconscious company in return, and thanked them in an inaudible speech, if the Ghost had given him time. But the whole scene passed off in the breath of the last word spoken by his nephew; and he and the Spirit were again upon their travels.

Much they saw, and far they went, and many homes they visited, but always with a happy end. The Spirit stood beside sick beds, and they were cheerful; on foreign lands, and they were close at home; by struggling men, and they were patient in their greater hope; by poverty, and it was rich. In almshouse, hospital, and jail, in misery’s every refuge, where vain man in his little brief authority had not made fast the door and barred the Spirit out, he left his blessing, and taught Scrooge his precepts.

It was a long night, if it were only a night; but Scrooge had his doubts of this, because the Christmas Holidays appeared to be condensed into the space of time they passed together. It was strange, too, that while Scrooge remained unaltered in his outward form, the Ghost grew older, clearly older. Scrooge had observed this change, but never spoke of it, until they left a children’s Twelfth Night party, when, looking at the Spirit as they stood together in an open place, he noticed that its hair was grey.

“Are spirits’ lives so short?” asked Scrooge.

“My life upon this globe, is very brief,” replied the Ghost. “It ends to-night”.

“To-night!” cried Scrooge.

“To-night at midnight. Hark! The time is drawing near”.

The chimes were ringing the three quarters past eleven at that moment.

“Forgive me if I am not justified in what I ask,” said Scrooge, looking intently at the Spirit’s robe, “but I see something strange, and not belonging to yourself, protruding from your skirts. Is it a foot or a claw!”

“It might be a claw, for the flesh there is upon it,” was the Spirit’s sorrowful reply. “Look here”.

From the foldings of its robe, it brought two children; wretched, abject, frightful, hideous, miserable. They knelt down at its feet, and clung upon the outside of its garment.

“Oh, Man! look here. Look, look, down here!” exclaimed the Ghost.

They were a boy and girl. Yellow, meagre, ragged, scowling, wolfish; but prostrate, too, in their humility. Where graceful youth should have filled their features out, and touched them with its freshest tints, a stale and shrivelled hand, like that of age, had pinched, and twisted them, and pulled them into shreds.

Where angels might have sat enthroned, devils lurked, and glared out menacing. No change, no degradation, no perversion of humanity, in any grade, through all the mysteries of wonderful creation, has monsters half so horrible and dread.

Scrooge started back, appalled. Having them shown to him in this way, he tried to say they were fine children, but the words choked themselves, rather than be parties to a lie of such enormous magnitude.

“Spirit! are they yours?” Scrooge could say no more.

“They are Man’s,” said the Spirit, looking down upon them. “And they cling to me, appealing from their fathers. This boy is Ignorance. This girl is Want. Beware them both, and all of their degree, but most of all beware this boy, for on his brow I see that written which is Doom, unless the writing be erased. Deny it!” cried the Spirit, stretching out its hand towards the city. “Slander those who tell it ye! Admit it for your factious purposes, and make it worse! And bide the end!”

“Have they no refuge or resource?” cried Scrooge.

“Are there no prisons?” said the Spirit, turning on him for the last time with his own words. “Are there no workhouses?”

The bell struck twelve.

Scrooge looked about him for the Ghost, and saw it not. As the last stroke ceased to vibrate, he remembered the prediction of old Jacob Marley, and lifting up his eyes, beheld a solemn Phantom, draped and hooded, coming, like a mist along the ground, towards him.

STAVE FOUR

The Third of the Three Spirits

THE Phantom slowly, gravely, silently approached. When it came, Scrooge bent down upon his knee; for in the very air through which this Spirit moved it seemed to scatter gloom and mystery.

It was shrouded in a deep black garment, which concealed its head, its face, its form, and left nothing of it visible save one outstretched hand. But for this it would have been difficult to detach its figure from the night, and separate it from the darkness by which it was surrounded.

He felt that it was tall and stately when it came beside him, and that its mysterious presence filled him with a solemn dread. He knew no more, for the Spirit neither spoke nor moved.

"I am in the presence of the Ghost of Christmas Yet To Come?" said Scrooge.

The Spirit answered not, but pointed onward with its hand.

"You are about to show me shadows of the things that have not happened, but will happen in the time before us," Scrooge pursued. "Is that so, Spirit?"

The upper portion of the garment was contracted for an instant in its folds, as if the Spirit had inclined its head. That was the only answer he received.

Although well used to ghostly company by this time, Scrooge feared the silent shape so much that his legs trembled beneath him, and he found that he could hardly stand when he prepared to follow it. The Spirit paused a moment, as observing his condition, and giving him time to recover.

But Scrooge was all the worse for this. It thrilled him with a vague uncertain horror, to know that behind the dusky shroud, there were ghostly eyes intently fixed upon him, while he, though he stretched his own to the utmost, could see nothing but a spectral hand and one great heap of black

"Ghost of the Future!" he exclaimed, "I fear you more than any spectre I have seen. But as I know your purpose is to do me good, and as I hope to live to be another man from what I was, I am prepared to bear you company, and do it with a thankful heart. Will you not speak to me?"

It gave him no reply. The hand was pointed straight before them.

"Lead on!" said Scrooge. "Lead on! The night is waning fast, and it is precious time to me, I know. Lead on, Spirit!"

The Phantom moved away as it had come towards him. Scrooge

followed in the shadow of its dress, which bore him up, he thought, and carried him along.

They scarcely seemed to enter the city; for the city rather seemed to spring up about them, and encompass them of its own act. But there they were, in the heart of it; on Change, amongst the merchants; who hurried up and down, and chinked the money in their pockets, and conversed in groups, and looked at their watches, and trifled thoughtfully with their great gold seals; and so forth, as Scrooge had seen them often.

The Spirit stopped beside one little knot of business men. Observing that the hand was pointed to them, Scrooge advanced to listen to their talk.

"No," said a great fat man with a monstrous chin, "I don't know much about it, either way. I only know he's dead".

"When did he die?" inquired another.

"Last night, I believe".

"Why, what was the matter with him?" asked a third, taking a vast quantity of snuff out of a very large snuff-box. "I thought he'd never die".

"God knows," said the first, with a yawn.

"What has he done with his money?" asked a red-faced gentleman with a pendulous excrescence on the end of his nose, that shook like the gills of a turkey-cock.

"I haven't heard," said the man with the large chin, yawning again. "Left it to his Company, perhaps. He hasn't left it to me. That's all I know".

This pleasantry was received with a general laugh.

"It's likely to be a very cheap funeral," said the same speaker; "for upon my life I don't know of anybody to go to it. Suppose we make up a party and volunteer?"

"I don't mind going if a lunch is provided," observed the gentleman with the excrescence on his nose. "But I must be fed, if I make one".

Another laugh.

"Well, I am the most disinterested among you, after all," said the first speaker, "for I never wear black gloves, and I never eat lunch. But I'll offer to go, if anybody else will. When I come to think of it, I'm not at all sure that I wasn't his most particular friend; for we used to stop and speak whenever we met. Bye, bye!"

Speakers and listeners strolled away, and mixed with other groups. Scrooge knew the men, and looked towards the Spirit for an explanation.

The Phantom glided on into a street. Its finger pointed to two persons meeting. Scrooge listened again, thinking that the explanation might lie here.

He knew these men, also, perfectly. They were men of business: very wealthy, and of great importance. He had made a point always of standing well

in their esteem: in a business point of view, that is; strictly in a business point of view.

“How are you?” said one.

“How are you?” returned the other.

“Well!” said the first. “Old Scratch has got his own at last, hey?”

“So I am told,” returned the second. “Cold, isn’t it?”

“Seasonable for Christmas time. You’re not a skater, I suppose?”

“No. No. Something else to think of. Good morning!”

Not another word. That was their meeting, their conversation, and their parting.

Scrooge was at first inclined to be surprised that the Spirit should attach importance to conversations apparently so trivial; but feeling assured that they must have some hidden purpose, he set himself to consider what it was likely to be. They could scarcely be supposed to have any bearing on the death of Jacob, his old partner, for that was Past, and this Ghost’s province was the Future. Nor could he think of any one immediately connected with himself, to whom he could apply them. But nothing doubting that to whomsoever they applied they had some latent moral for his own improvement, he resolved to treasure up every word he heard, and everything he saw; and especially to observe the shadow of himself when it appeared. For he had an expectation that the conduct of his future self would give him the clue he missed, and would render the solution of these riddles easy.

He looked about in that very place for his own image; but another man stood in his accustomed corner, and though the clock pointed to his usual time of day for being there, he saw no likeness of himself among the multitudes that poured in through the Porch. It gave him little surprise, however; for he had been revolving in his mind a change of life, and thought and hoped he saw his new-born resolutions carried out in this.

Quiet and dark, beside him stood the Phantom, with its outstretched hand. When he roused himself from his thoughtful quest, he fancied from the turn of the hand, and its situation in reference to himself, that the Unseen Eyes were looking at him keenly. It made him shudder, and feel very cold.

They left the busy scene, and went into an obscure part of the town, where Scrooge had never penetrated before, although he recognised its situation, and its bad repute. The ways were foul and narrow; the shops and houses wretched; the people half-naked, drunken, slipshod, ugly. Alleys and archways, like so many cesspools, disgorged their offences of smell, and dirt, and life, upon the straggling streets; and the whole quarter reeked with crime, with filth, and misery.

Far in this den of infamous resort, there was a low-browed, beetleing shop, below a pent-house roof, where iron, old rags, bottles, bones, and greasy offal, were bought. Upon the floor within, were piled up heaps of rusty keys,

nails, chains, hinges, files, scales, weights, and refuse iron of all kinds. Secrets that few would like to scrutinise were bred and hidden in mountains of unseemly rags, masses of corrupted fat, and sepulchres of bones. Sitting in among the wares he dealt in, by a charcoal stove, made of old bricks, was a grey-haired rascal, nearly seventy years of age; who had screened himself from the cold air without, by a frousy curtaining of miscellaneous tatters, hung upon a line; and smoked his pipe in all the luxury of calm retirement.

Scrooge and the Phantom came into the presence of this man, just as a woman with a heavy bundle slunk into the shop. But she had scarcely entered, when another woman, similarly laden, came in too; and she was closely followed by a man in faded black who was no less startled by the sight of them, than they had been upon the recognition of each other. After a short period of blank astonishment, in which the old man with the pipe had joined them, they all three burst into a laugh.

"Let the charwoman alone to be the first!" cried she who had entered first. "Let the laundress alone to be the second; and let the undertaker's man alone to be the third. Look here, old Joe, here's a chance! If we haven't all three met here without meaning it!"

"You couldn't have met in a better place," said old Joe, removing his pipe from his mouth. "Come into the parlour. You were made free of it long ago, you know; and the other two an't strangers. Stop till I shut the door of the shop. Ah! How it skreeks! There an't such a rusty bit of metal in the place as its own hinges, I believe; and I'm sure there's no such old bones here, as mine. Ha, ha! We're all suitable to our calling, we're well matched. Come into the parlour. Come into the parlour".

The parlour was the space behind the screen of rags. The old man raked the fire together with an old stair-rod, and having trimmed his smoky lamp (for it was night), with the stem of his pipe, put it in his mouth again.

While he did this, the woman who had already spoken threw her bundle on the floor, and sat down in a flaunting manner on a stool; crossing her elbows on her knees, and looking with a bold defiance at the other two.

"What odds then! What odds, Mrs. Dilber?" said the woman. "Every person has a right to take care of themselves. He always did!"

"That's true, indeed!" said the laundress. "No man more so".

"Why then, don't stand staring as if you was afraid, woman; who's the wiser? We're not going to pick holes in each other's coats, I suppose?"

"No, indeed!" said Mrs. Dilber and the man together. "We should hope not".

"Very well, then!" cried the woman. "That's enough. Who's the worse for the loss of a few things like these? Not a dead man, I suppose".

"No, indeed!" said Mrs. Dilber, laughing.

"If he wanted to keep 'em after he was dead, a wicked old screw,"

pursued the woman, "why wasn't he natural in his lifetime? If he had been, he'd have had somebody to look after him when he was struck with Death, instead of lying gasping out his last there, alone by himself".

"It's the truest word that ever was spoke," said Mrs. Dilber. "It's a judgment on him".

"I wish it was a little heavier judgment," replied the woman; "and it should have been, you may depend upon it, if I could have laid my hands on anything else. Open that bundle, old Joe, and let me know the value of it. Speak out plain. I'm not afraid to be the first, nor afraid for them to see it. We know pretty well that we were helping ourselves, before we met here, I believe. It's no sin. Open the bundle, Joe".

But the gallantry of her friends would not allow of this; and the man in faded black, mounting the breach first, produced his plunder. It was not extensive. A seal or two, a pencil-case, a pair of sleeve-buttons, and a brooch of no great value, were all. They were severally examined and appraised by old Joe, who chalked the sums he was disposed to give for each, upon the wall, and added them up into a total when he found there was nothing more to come.

"That's your account," said Joe, "and I wouldn't give another sixpence, if I was to be boiled for not doing it. Who's next?"

Mrs. Dilber was next. Sheets and towels, a little wearing apparel, two old-fashioned silver teaspoons, a pair of sugar-tongs, and a few boots. Her account was stated on the wall in the same manner.

"I always give too much to ladies. It's a weakness of mine, and that's the way I ruin myself," said old Joe. "That's your account. If you asked me for another penny, and made it an open question, I'd repent of being so liberal and knock off half-a-crown".

"And now undo my bundle, Joe," said the first woman.

Joe went down on his knees for the greater convenience of opening it, and having unfastened a great many knots, dragged out a large and heavy roll of some dark stuff.

"What do you call this", said Joe. "Bed-curtains!"

"Ah!" returned the woman, laughing and leaning forward on her crossed arms. "Bed-curtains!"

"You don't mean to say you took them down, rings and all, with him lying there?" said Joe.

"Yes I do," replied the woman. "Why not?"

"You were born to make your fortune," said Joe, "and you'll certainly do it".

"I certainly shan't hold my hand, when I can get anything in it by reaching it out, for the sake of such a man as He was, I promise you, Joe," returned the woman coolly. "don't drop that oil upon the blankets, now".

“His blankets?” asked Joe.

“Whose else’s do you think?” replied the woman. “He isn’t likely to take cold without ‘em, I dare say”.

“I hope he didn’t die of any thing catching? Eh?” said old Joe, stopping in his work, and looking up.

“Don’t you be afraid of that,” returned the woman. “I an’t so fond of his company that I’d loiter about him for such things, if he did. Ah! you may look through that shirt till your eyes ache; but you won’t find a hole in it, nor a threadbare place. It’s the best he had, and a fine one too. They’d have wasted it, if it hadn’t been for me”.

“What do you call wasting of it?” asked old Joe.

“Putting it on him to be buried in, to be sure,” replied the woman with a laugh. “Somebody was fool enough to do it, but I took it off again. If calico an’t good enough for such a purpose, it isn’t good enough for anything. It’s quite as becoming to the body. He can’t look uglier than he did in that one”.

Scrooge listened to this dialogue in horror. As they sat grouped about their spoil, in the scanty light afforded by the old man’s lamp, he viewed them with a detestation and disgust, which could hardly have been greater, though they had been obscene demons, marketing the corpse itself.

“Ha, ha!” laughed the same woman, when old Joe, producing a flannel bag with money in it, told out their several gains upon the ground. “This is the end of it, you see! He frightened every one away from him when he was alive, to profit us when he was dead! Ha, ha, ha!”

“Spirit!” said Scrooge, shuddering from head to foot. “I see, I see. The case of this unhappy man might be my own. My life tends that way, now. Merciful Heaven, what is this!”

He recoiled in terror, for the scene had changed, and now he almost touched a bed: a bare, uncurtained bed: on which, beneath a ragged sheet, there lay a something covered up, which, though it was dumb, announced itself in awful language.

The room was very dark, too dark to be observed with any accuracy, though Scrooge glanced round it in obedience to a secret impulse, anxious to know what kind of room it was. A pale light, rising in the outer air, fell straight upon the bed; and on it, plundered and bereft, unwatched, unwept, uncared for, was the body of this man.

Scrooge glanced towards the Phantom. Its steady hand was pointed to the head. The cover was so carelessly adjusted that the slightest raising of it, the motion of a finger upon Scrooge’s part, would have disclosed the face. He thought of it, felt how easy it would be to do, and longed to do it; but had no more power to withdraw the veil than to dismiss the spectre at his side.

Oh cold, cold, rigid, dreadful Death, set up thine altar here, and dress it with such terrors as thou hast at thy command: for this is thy dominion! But of the

loved, revered, and honoured head, thou canst not turn one hair to thy dread purposes, or make one feature odious. It is not that the hand is heavy and will fall down when released; it is not that the heart and pulse are still; but that the hand was open, generous, and true; the heart brave, warm, and tender; and the pulse a man's. Strike, Shadow, strike! And see his good deeds springing from the wound, to sow the world with life immortal.

No voice pronounced these words in Scrooge's ears, and yet he heard them when he looked upon the bed. He thought, if this man could be raised up now, what would be his foremost thoughts? Avarice, hard-dealing, griping cares? They have brought him to a rich end, truly!

He lay, in the dark empty house, with not a man, a woman, or a child, to say that he was kind to me in this or that, and for the memory of one kind word I will be kind to him. A cat was tearing at the door, and there was a sound of gnawing rats beneath the hearth-stone. What they wanted in the room of death, and why they were so restless and disturbed, Scrooge did not dare to think.

"Spirit!" he said, "this is a fearful place. In leaving it, I shall not leave its lesson, trust me. Let us go!"

Still the Ghost pointed with an unmoved finger to the head.

"I understand you," Scrooge returned, "and I would do it, if I could. But I have not the power, Spirit. I have not the power".

Again it seemed to look upon him.

"If there is any person in the town, who feels emotion caused by this man's death," said Scrooge quite agonised, "show that person to me, Spirit, I beseech you!"

The Phantom spread its dark robe before him for a moment, like a wing; and withdrawing it, revealed a room by daylight, where a mother and her children were.

She was expecting some one, and with anxious eagerness; for she walked up and down the room; started at every sound; looked out from the window; glanced at the clock; tried, but in vain, to work with her needle; and could hardly bear the voices of the children in their play.

At length the long-expected knock was heard. She hurried to the door, and met her husband; a man whose face was careworn and depressed, though he was young. There was a remarkable expression in it now; a kind of serious delight of which he felt ashamed, and which he struggled to repress.

He sat down to the dinner that had been boarding for him by the fire; and when she asked him faintly what news (which was not until after a long silence), he appeared embarrassed how to answer.

"Is it good", she said, "or bad?" - to help him.

"Bad," he answered.

"We are quite ruined?"

“No. There is hope yet, Caroline”.

“If he relents,” she said, amazed, “there is. Nothing is past hope, if such a miracle has happened”.

“He is past relenting,” said her husband. “He is dead”.

She was a mild and patient creature if her face spoke truth; but she was thankful in her soul to hear it, and she said so, with clasped hands. She prayed forgiveness the next moment, and was sorry; but the first was the emotion of her heart.

“What the half-drunken woman whom I told you of last night, said to me, when I tried to see him and obtain a week’s delay; and what I thought was a mere excuse to avoid me; turns out to have been quite true. He was not only very ill, but dying, then”.

“To whom will our debt be transferred?”

“I don’t know. But before that time we shall be ready with the money; and even though we were not, it would be a bad fortune indeed to find so merciless a creditor in his successor. We may sleep to-night with light hearts, Caroline!”

Yes. Soften it as they would, their hearts were lighter. The children’s faces, hushed and clustered round to hear what they so little understood, were brighter; and it was a happier house for this man’s death! The only emotion that the Ghost could show him, caused by the event, was one of pleasure.

“Let me see some tenderness connected with a death,” said Scrooge; “or that dark chamber, Spirit, which we left just now, will be for ever present to me”.

The Ghost conducted him through several streets familiar to his feet; and as they went along, Scrooge looked here and there to find himself, but nowhere was he to be seen. They entered poor Bob Cratchit’s house; the dwelling he had visited before; and found the mother and the children seated round the fire.

Quiet. Very quiet. The noisy little Cratchits were as still as statues in one corner, and sat looking up at Peter, who had a book before him. The mother and her daughters were engaged in sewing. But surely they were very quiet!

“And he took a child, and set him in the midst of them”.

Where had Scrooge heard those words? He had not dreamed them. The boy must have read them out, as he and the Spirit crossed the threshold. Why did he not go on?

The mother laid her work upon the table, and put her hand up to her face.

“The colour hurts my eyes,” she said.

The colour? Ah, poor Tiny Tim!

“They’re better now again,” said Cratchit’s wife. “It makes them weak by candle-light; and I wouldn’t show weak eyes to your father when he comes home, for the world. It must be near his time”.

“Past it rather,” Peter answered, shutting up his book “But I think he has walked a little slower than he used, these few last evenings, mother”.

They were very quiet again. At last she said, and in a steady, cheerful voice, that only faltered once:

“I have known him walk with - I have known him walk with Tiny Tim upon his shoulder, very fast indeed”.

“And so have I,” cried Peter. “Often”.

“And so have I!” exclaimed another. So had all.

“But he was very light to carry,” she resumed, intent upon her work, “and his father loved him so, that it was no trouble: no trouble. And there is your father at the door!”

She hurried out to meet him; and little Bob in his comforter - he had need of it, poor fellow - came in. His tea was ready for him on the hob, and they all tried who should help him to it most. Then the two young Cratchits got upon his knees and laid, each child a little cheek, against his face, as if they said, “Don’t mind it, father. Don’t be grieved!”

Bob was very cheerful with them, and spoke pleasantly to all the family. He looked at the work upon the table, and praised the industry and speed of Mrs Cratchit and the girls. They would be done long before Sunday, he said.

“Sunday! You went to-day, then, Robert?” said his wife.

“Yes, my dear,” returned Bob. “I wish you could have gone. It would have done you good to see how green a place it is. But you’ll see it often. I promised him that I would walk there on a Sunday. My little, little child!” cried Bob. “My little child!”

He broke down all at once. He couldn’t help it. If he could have helped it, he and his child would have been farther apart perhaps than they were.

He left the room, and went up-stairs into the room above, which was lighted cheerfully, and hung with Christmas. There was a chair set close beside the child, and there were signs of some one having been there, lately. Poor Bob sat down in it, and when he had thought a little and composed himself, he kissed the little face. He was reconciled to what had happened, and went down again quite happy.

They drew about the fire, and talked; the girls and mother working still. Bob told them of the extraordinary kindness of Mr. Scrooge’s nephew, whom he had scarcely seen but once, and who, meeting him in the street that day, and seeing that he looked a little - “just a little down you know,” said Bob, inquired what had happened to distress him. “On which,” said Bob, “for he is the pleasantest-spoken gentleman you ever heard, I told him. “I am heartily sorry for it, Mr. Cratchit,” he said, “and heartily sorry for your good wife”. By the bye, how he ever knew that, I don’t know”.

“Knew what, my dear?”

“Why, that you were a good wife,” replied Bob.

“Everybody knows that”. said Peter.

“Very well observed, my boy”. cried Bob. “I hope they do. “Heartily sorry,” he said, “for your good wife. If I can be of service to you in any way,” he said, giving me his card, “that’s where I live. Pray come to me”. Now, it wasn’t,” cried Bob, “for the sake of anything he might be able to do for us, so much as for his kind way, that this was quite delightful. It really seemed as if he had known our Tiny Tim, and felt with us”.

“I’m sure he’s a good soul!” said Mrs. Cratchit.

“You would be surer of it, my dear,” returned Bob, “if you saw and spoke to him. I shouldn’t be at all surprised, mark what I say, if he got Peter a better situation”.

“Only hear that, Peter,” said Mrs. Cratchit.

“And then,” cried one of the girls, “Peter will be keeping company with some one, and setting up for himself”.

“Get along with you!” retorted Peter, grinning.

“It’s just as likely as not,” said Bob, “one of these days; though there’s plenty of time for that, my dear. But however and whenever we part from one another, I am sure we shall none of us forget poor Tiny Tim -- shall we - or this first parting that there was among us?”

“Never, father!” cried they all.

“And I know,” said Bob, “I know, my dears, that when we recollect how patient and how mild he was; although he was a little, little child; we shall not quarrel easily among ourselves, and forget poor Tiny Tim in doing it”.

“No, never, father!” they all cried again.

“I am very happy,” said little Bob, “I am very happy!”

Mrs. Cratchit kissed him, his daughters kissed him, the two young Cratchits kissed him, and Peter and himself shook hands. Spirit of Tiny Tim, thy childish essence was from God!

“Spectre,” said Scrooge, “something informs me that our parting moment is at hand. I know it, but I know not how. Tell me what man that was whom we saw lying dead?”

The Ghost of Christmas Yet To Come conveyed him, as before - though at a different time, he thought: indeed, there seemed no order in these latter visions, save that they were in the Future - into the resorts of business men, but showed him not himself. Indeed, the Spirit did not stay for anything, but went straight on, as to the end just now desired, until besought by Scrooge to tarry for a moment.

“This courts,” said Scrooge, “through which we hurry now, is where my place of occupation is, and has been for a length of time. I see the house. Let me

behold what I shall be, in days to come”.

The Spirit stopped; the hand was pointed elsewhere.

“The house is yonder,” Scrooge exclaimed. “Why do you point away?”

The inexorable finger underwent no change.

Scrooge hastened to the window of his office, and looked in. It was an office still, but not his. The furniture was not the same, and the figure in the chair was not himself. The Phantom pointed as before.

He joined it once again, and wondering why and whither he had gone, accompanied it until they reached an iron gate. He paused to look round before entering.

A churchyard. Here, then, the wretched man whose name he had now to learn, lay underneath the ground. It was a worthy place. Walled in by houses; overrun by grass and weeds, the growth of vegetation's death, not life; choked up with too much burying; fat with repleted appetite. A worthy place!

The Spirit stood among the graves, and pointed down to One. He advanced towards it trembling. The Phantom was exactly as it had been, but he dreaded that he saw new meaning in its solemn shape.

“Before I draw nearer to that stone to which you point,” said Scrooge, “answer me one question. Are these the shadows of the things that Will be, or are they shadows of things that May be, only?”

Still the Ghost pointed downward to the grave by which it stood.

“Men's courses will foreshadow certain ends, to which, if persevered in, they must lead,” said Scrooge. “But if the courses be departed from, the ends will change. Say it is thus with what you show me!”

The Spirit was immovable as ever.

Scrooge crept towards it, trembling as he went; and following the finger, read upon the stone of the neglected grave his own name, Ebenezer Scrooge.

“Am I that man who lay upon the bed?” he cried, upon his knees.

The finger pointed from the grave to him, and back again.

“No, Spirit! Oh no, no!”

The finger still was there.

“Spirit!” he cried, tight clutching at its robe, “hear me! I am not the man I was. I will not be the man I must have been but for this intercourse. Why show me this, if I am past all hope?”

For the first time the hand appeared to shake.

“Good Spirit,” he pursued, as down upon the ground he fell before it: “Your nature intercedes for me, and pities me. Assure me that I yet may change these shadows you have shown me, by an altered life!”

The kind hand trembled.

“I will honour Christmas in my heart, and try to keep it all the year. I will live in the Past, the Present, and the Future. The Spirits of all Three shall strive within me. I will not shut out the lessons that they teach. Oh, tell me I may sponge away the writing on this stone!”

In his agony, he caught the spectral hand. It sought to free itself, but he was strong in his entreaty, and detained it. The Spirit, stronger yet, repulsed him.

Holding up his hands in a last prayer to have his fate reversed, he saw an alteration in the Phantom's hood and dress. It shrunk, collapsed, and dwindled down into a bedpost.

STAVE FIVE

The End of It

YES! and the bedpost was his own. The bed was his own, the room was his own. Best and happiest of all, the time before him was his own, to make amends in!

"I will live in the Past, the Present, and the Future!" Scrooge repeated, as he scrambled out of bed. "The Spirits of all Three shall strive within me. Oh Jacob Marley! Heaven, and the Christmas Time be praised for this! I say it on my knees, old Jacob; on my knees!"

He was so fluttered and so glowing with his good intentions, that his broken voice would scarcely answer to his call. He had been sobbing violently in his conflict with the Spirit, and his face was wet with tears.

"They are not torn down," cried Scrooge, folding one of his bed-curtains in his arms, "they are not torn down, rings and all. They are here: I am here: the shadows of the things that would have been, may be dispelled. They will be. I know they will!"

His hands were busy with his garments all this time: turning them inside out, putting them on upside down, tearing them, mislaying them, making them parties to every kind of extravagance.

"I don't know what to do!" cried Scrooge, laughing and crying in the same breath; and making a perfect Laocösn of himself with his stockings. "I am as light as a feather, I am as happy as an angel, I am as merry as a school-boy. I am as giddy as a drunken man. A merry Christmas to every-body! A happy New Year to all the world! Hallo here! Whoop! Hallo!"

He had frisked into the sitting-room, and was now standing there: perfectly winded.

"There's the saucepan that the gruel was in!" cried Scrooge, starting off again, and going round the fire-place. "There's the door, by which the Ghost of Jacob Marley entered! There's the corner where the Ghost of Christmas Present, sat! There's the window where I saw the wandering Spirits! It's all right, it's all true, it all happened. Ha ha ha!"

Really, for a man who had been out of practice for so many years, it was a splendid laugh, a most illustrious laugh. The father of a long, long line of brilliant laughs!

"I don't know what day of the month it is!" said Scrooge. "I don't know how long I've been among the Spirits. I don't know anything. I'm quite a baby. Never mind. I don't care. I'd rather be a baby. Hallo! Whoop! Hallo here!"

He was checked in his transports by the churches ringing out the lustiest peals he had ever heard. Clash, clang, hammer, ding, dong, bell. Bell, dong, ding, hammer, clang, clash! Oh, glorious, glorious!

Running to the window, he opened it, and put out his stirring, cold cold, piping for the blood to dance to; Golden sunlight; Heavenly sky; sweet fresh air; merry bells. Oh, glorious. Glorious!

"What's to-day?" cried Scrooge, calling downward to a boy in Sunday clothes, who perhaps had loitered in to look about him.

"Eh?" returned the boy, with all his might of wonder.

"What's to-day, my fine fellow?" said Scrooge.

"To-day?" replied the boy. "Why, CHRISTMAS DAY".

"It's Christmas Day!" said Scrooge to himself. "I haven't missed it. The Spirits have done it all in one night. They can do anything they like. Of course they can. Of course they can. Hallo, my fine fellow!"

"Hallo!" returned the boy

"Do you know the Poulterer's, in the next street but one, at the corner?" Scrooge inquired.

"I should hope I did," replied the lad.

"An intelligent boy!" said Scrooge. "A remarkable boy! Do you know whether they've sold the prize Turkey that was hanging up there? Not the little prize Turkey; the big one?"

"What, the one as big as me?" returned the boy.

"What a delightful boy!" said Scrooge. "It's a pleasure to talk to him. Yes, my buck!"

"It's hanging there now," replied the boy.

"Is it?" said Scrooge. "Go and buy it".

"Walk-ER!" exclaimed the boy.

"No, no," said Scrooge, "I am in earnest. Go and buy it, and tell 'em to bring it here, that I may give them the direction where to take it. Come back with the man, and I'll give you a shilling. Come back with him in less than five minutes, and I'll give you half-a-crown!"

"I'll send it to Bob Cratchit!" whispered Scrooge, rubbing his hands, and splitting with a laugh. "He sha'n't know who sends it. It's twice the size of Tiny Tim. Joe Miller never made such a joke as sending it to Bob's will be!"

The hand in which he wrote the address was not a steady one, but write it he did, somehow, and went down stairs to open the street door, ready for the coming of the poulterer's man. As he stood there, waiting his arrival, the knocker caught his eye.

"I shall love it, as long as I live!" cried Scrooge, patting it with his hand.

"I scarcely ever looked at it before. What an honest expression it has in its face! It's a wonderful knocker! - Here's the Turkey. Hallo! Whoop! How are you! Merry Christmas!"

It was a Turkey! He never could have stood upon his legs, that bird. He would have snapped 'em short off in a minute, like sticks of sealing-wax.

"Why, it's impossible to carry that to Camden Town," said Scrooge. "You must have a cab".

The chuckle with which he said this, and the chuckle with which he paid for the Turkey, and the chuckle with which he paid for the cab, and the chuckle with which he recompensed the boy, were only to be exceeded by the chuckle with which he sat down breathless in his chair again, and chuckled till he cried.

Shaving was not an easy task, for his hand continued to shake very much; and shaving requires attention, even when you don't dance while you are at it. But if he had cut the end of his nose off, he would have put a piece of sticking-plaister over it, and been quite satisfied.

He dressed himself all in his best, and at last got out into the streets. The people were by this time pouring forth, as he had seen them with the Ghost of Christmas Present; and walking with his hands behind him, Scrooge regarded every one with a delighted smile. He looked so irresistibly pleasant, in a word, that three or four good-humoured fellows said, "Good morning, sir! A merry Christmas to you!" And Scrooge said often afterwards, that of all the blithe sounds he had ever heard, those were the blithest in his ears.

He had not gone far, when coming on towards him he beheld the portly gentleman, who had walked into his counting-house the day before, and said, "Scrooge and Marley's, I believe?" It sent a pang across his heart to think how this old gentleman would look upon him when they met; but he knew what path lay straight before him, and he took it.

"My dear sir," said Scrooge, quickening his pace, and taking the old gentleman by both his hands. "How do you do? I hope you succeeded yesterday. It was very kind of you. A merry Christmas to you, sir!"

"Mr. Scrooge?"

"Yes," said Scrooge. "That is my name, and I fear it may not be pleasant to you. Allow me to ask your pardon. And will you have the goodness -" here Scrooge whispered in his ear.

"Lord bless me!" cried the gentleman, as if his breath were gone. "My dear Mr. Scrooge, are you serious?"

"If you please," said Scrooge. "Not a farthing less. A great many back-payments are included in it, I assure you. Will you do me that favour?"

"My dear sir," said the other, shaking hands with him. "I don't know what to say to such munifi--"

"Don't say anything, please," retorted Scrooge. "Come and see me. Will

you come and see me?"

"I will!" cried the old gentleman. And it was clear he meant to do it.

"Thank 'ee," said Scrooge. "I am much obliged to you. I thank you fifty times. Bless you!"

He went to church, and walked about the streets, and watched the people hurrying to and fro, and patted children on the head, and questioned beggars, and looked down into the kitchens of houses, and up to the windows: and found that everything could yield him pleasure. He had never dreamed that any walk - that anything - could give him so much happiness. In the afternoon he turned his steps towards his nephew's house.

He passed the door a dozen times, before he had the courage to go up and knock. But he made a dash, and did it:

"Is your master at home, my dear?" said Scrooge to the girl. Nice girl! Very.

"Yes, sir".

"Where is he, my love?" said Scrooge.

"He's in the dining-room, sir, along with mistress. I'll show you up-stairs, if you please".

"Thank 'ee. He knows me," said Scrooge, with his hand already on the dining-room lock "I'll go in here, my dear".

He turned it gently, and sidled his face in, round the door. They were looking at the table (which was spread out in great array); for these young housekeepers are always nervous on such points, and like to see that everything is right.

"Fred!" said Scrooge.

Dear heart alive, how his niece by marriage started! Scrooge had forgotten, for the moment, about her sitting in the corner with the footstool, or he wouldn't have done it, on any account.

"Why bless my soul!" cried Fred, "who's that?"

"It's I. Your uncle Scrooge. I have come to dinner. Will you let me in, Fred?"

Let him in! It is a mercy he didn't shake his arm off. He was at home in five minutes. Nothing could be heartier. His niece looked just the same. So did Topper when he came. So did the plump sister when she came. So did every one when they came. Wonderful party, wonderful games, wonderful unanimity, wonderful happiness!

But he was early at the office next morning. Oh, he was early there. If he could only be there first, and catch Bob Cratchit coming late! That was the thing he had set his heart upon.

And he did it; yes he did! The clock struck nine. No Bob. A quarter past.

No Bob. He was full eighteen minutes and a half, behind his time. Scrooge sat with his door wide open, that he might see him come into the Tank

His hat was off, before he opened the door; his comforter too. He was on his stool in a jiffy; driving away with his pen, as if he were trying to overtake nine o'clock

"Hallo!" growled Scrooge, in his accustomed voice, as near as he could feign it. "What do you mean by coming here at this time of day?"

"I am very sorry, sir," said Bob. "I am behind my time".

"You are?" repeated Scrooge. "Yes. I think you are. Step this way, if you please".

"It's only once a year, sir," pleaded Bob, appearing from the Tank "It shall not be repeated. I was making rather merry yesterday, sir".

"Now, I'll tell you what, my friend," said Scrooge, "I am not going to stand this sort of thing any longer. And therefore," he continued, leaping from his stool, and giving Bob such a dig in the waistcoat that he staggered back into the Tank again: "and therefore I am about to raise your salary!"

Bob trembled, and got a little nearer to the ruler. He had a momentary idea of knocking Scrooge down with it; holding him, and calling to the people in the court for help and a strait-waistcoat.

"A merry Christmas, Bob!" said Scrooge, with an earnestness that could not be mistaken, as he clapped him on the back. "A merrier Christmas, Bob, my good fellow, than I have given you for many a year! I'll raise your salary, and endeavour to assist your struggling family, and we will discuss your affairs this very afternoon, over a Christmas bowl of smoking bishop, Bob! Make up the fires, and buy another coal-scuttle before you dot another i, Bob Cratchit".

Scrooge was better than his word. He did it all, and infinitely more; and to Tiny Tim, who did not die, he was a second father. He became as good a friend, as good a master, and as good a man, as the good old city knew, or any other good old city, town, or borough, in the good old world. Some people laughed to see the alteration in him, but he let them laugh, and little heeded them; for he was wise enough to know that nothing ever happened on this globe, for good, at which some people did not have their fill of laughter in the outset; and knowing that such as these would be blind anyway, he thought it quite as well that they should wrinkle up their eyes in grins, as have the malady in less attractive forms. His own heart laughed: and that was quite enough for him.

He had no further intercourse with Spirits, but lived upon the Total Abstinence Principle, ever afterwards; and it was always said of him, that he knew how to keep Christmas well, if any man alive possessed the knowledge. May that be truly said of us, and all of us! And so, as Tiny Tim observed, God Bless Us, Every One!

CHARLES DICKENS

7 DE FEVEREIRO DE 1812 – 9 DE JUNHO DE 1870

Charles John Huffam Dickens (1812-1870) foi o mais popular dos romancistas da era vitoriana e contribuiu para a introdução da crítica social na literatura de ficção inglesa. A fama dos seus romances e contos pode ser comprovada pelo fato de todos os seus livros continuarem a serem editados ininterruptamente. Entre as suas maiores obras destacam-se “Oliver Twist”, “Grandes Esperanças”, “Um Cântico de Natal” e “David Copperfield”.

Filho de uma família de poucos recursos, Dickens desde cedo teve que trabalhar para contribuir para o sustento familiar, principalmente após a prisão do pai por dívidas contraídas. As péssimas condições de trabalho da classe operária seriam um tema constante de suas obras e a crítica às transformações sociais e econômicas da Inglaterra Vitoriana recorrentes em sua obra.

Já adulto trabalhou como jornalista no “Morning Chronicle”, onde passou a publicar diversas crônicas suas sob o pseudônimo de Boz, reunidas mais tarde como “Esboços feitos por Boz”. Com isso Dickens ganhou espaço no jornal para apresentar os capítulos de “As Aventuras do Senhor Pickwick”, que confirmou seu nome e fama como grande escritor.

A partir de então, passa a publicar em folhetins semanais, uma de suas principais obras – “Oliver Twist” – onde pela primeira vez, aponta os males sociais da era vitoriana. Suas próximas obras lançadas foram “Vida e Aventura de Nicholas Nickleby”, e, depois, “A Velha Loja de Antiguidades” (1840), “Barnaby Rudge” (1841) e “Martin Chuzzlewit” (1843/44), escrito após uma viagem aos Estados Unidos da América.

Em 1843, publicou o seu mais famoso livro de Natal, “Um Cântico de Natal”, ao qual se seguiriam outros, como “The Chimes” (1844), que escreveu durante uma viagem a Gênova e “O Grilo na Lareira” (1845). Em 1849 publicou um de seus mais conhecidos romances, “David Copperfield”, inspirado em grande parte, em sua própria vida.

A partir da década de 1850, torna-se editor de duas revistas literárias inglesas, a Household Words e sua sucessora All the Year Around (1859-1895) onde publicou algumas de suas mais famosas obras entre elas, “História de Duas Cidades” (1859), “Grandes Esperanças” (1861) e “Nosso Amigo em Comum” (1864) e teve como colaboradores importantes escritores de seu tempo, como Elizabeth Gaskell, Wilkie Collins e Edmund H. Yates.

Aos poucos sua obra se tornou mais crítica em relação às instituições inglesas, ao publicar “A Casa Sombria” (1852) e “Tempos Difíceis”. Nos últimos anos de sua vida Charles Dickens empreendeu uma série de viagens, realizando

leituras de suas obras em conferências por toda a Inglaterra, Escócia e Estados Unidos. Após um acidente de trem, em 1865, Dickens começou a sofrer de pequenos derrames cerebrais até o derradeiro, que ocorreu à porta de sua residência. Suas últimas palavras foram dirigidas aos seus empregados, que vieram lhe socorrer para que seu corpo fosse colocado no chão. Dickens deixou inacabado o livro “O Mistério de Erwin Drood”.